



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

ALICINEZ GUERRA ALBUQUERQUE

**CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E
NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR: um processo participativo**

RECIFE
2018

ALICINEZ GUERRA ALBUQUERQUE

**CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E
NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR: um processo participativo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Nutrição.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mônica Maria Osório
Coorientadora: Prof^a. Dra. Jailma Santos Monteiro

RECIFE
2018

A345c Albuquerque, Alicinez Guerra.

Construção de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar: um processo participativo / Alicinez Guerra Albuquerque. – 2018.

167 f.: il.; tab.; 30 cm.

Orientadora: Mônica Maria Osório.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós-Graduação em Nutrição. Recife, 2018.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Educação alimentar e nutricional. 2. Escola. 3. Hábitos alimentares. 4. Adolescente. 5. Nutricionista. I. Osório, Mônica Maria (Orientadora). II. Título.

612.3 CDD (23.ed.)

UFPE (CCS2018-289)

Alicinez Guerra Albuquerque

**CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E
NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR: um processo participativo**

Tese apresentada ao Programa de Pós –
graduação em Nutrição, Universidade Federal de
Pernambuco, como parte dos requisitos para
obtenção do título de doutor em Nutrição. Área de
concentração Nutrição em Saúde Pública.

Aprovada em: 20/08/2018

Banca Examinadora

Professora Dra. Adriana Falângola Benjamin Bezerra
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

Professora Dra. Francisca Márcia Pereira Linhares
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

Professora Dra. Cleide Maria Pontes
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

Professora Dra Juliana Souza Oliveira
Centro de Acadêmico de Vitória de Santo Antão - Universidade Federal de
Pernambuco

Professora Dra. Mônica Maria Osório
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

A Deus, que tornou este sonho uma realidade a ser compartilhada.

Aos meus pais Sebastião e Ilza, exemplos de vida honrada, justa, afetuosa e dedicada à família e ao trabalho.

A João Gabriel, meu querido e amado marido!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a concretização de um sonho que nasceu ainda no início da Graduação em Nutrição, na Universidade Federal de Pernambuco.

Um sonho é materializado na teia das relações humanas. Por isso, primeiramente, agradeço a Deus pela vida das pessoas que contribuíram substancialmente para tornar este sonho uma realidade: minha família, minha orientadora e coorientadora, meus professores, meus líderes e colegas de trabalho, os participantes do estudo e demais pessoas que estiveram presentes nesta caminhada.

Minha profunda gratidão aos meus pais pela oportunidade de viver, pelo incentivo e apoio em todos os momentos da minha existência. Grata pela educação humana e autonomia proporcionadas desde criança para a construção do meu projeto de vida.

A João Gabriel, seu incentivo, sua amizade, seu carinho e cuidado enche-me de alegria e força para superar os percalços da vida. Obrigada pelo apoio e compreensão nesta trajetória, e acima de tudo pelo amor.

Aos meus irmãos, Adauto e Aluísia, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência.

A Professora Mônica Maria Osório, minha orientadora, que acolheu-me desde o mestrado, proporcionando-me autonomia para escolha do tema do estudo, estímulo e incentivo para estudar o método qualitativo. A Professora Jailma Santos Monteiro, minha coorientadora, que esteve presente desde a concepção inicial deste estudo. Obrigada Professoras pelos conhecimentos construídos, pela dedicação, pelo apoio, compartilhamento da experiência profissional e amizade, pela confiança depositada, pelo cuidado e afeto durante a condução deste trabalho.

Aos professores e profissionais da Pós-graduação em Nutrição que contribuíram na construção do meu conhecimento, e apoiaram a execução deste trabalho.

A Gerência Regional de Educação Metropolitana Norte do Recife e a Superintendência do Programa de Alimentação Escolar da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco pelo apoio e a anuência para realização do estudo.

As colegas da Gerência Regional de Educação Metropolitana Norte do Recife pela convivência e troca de experiências, e apoio durante minha ausência.

As alunas da Graduação em Nutrição pela participação na coleta de dados e pelas infintas transcrições dos grupos focais (Fabiana, Thássia, Natália e Camilla).

Aos colegas de turma do doutorado pela amizade construída ao longo destes quatro anos.

As funcionárias da Pós-graduação em Nutrição, Cecília e Neci, pela atenção, prontidão e afetuosidade no atendimento.

Por fim, aos atores escolares deste estudo: ao gestor escolar que proporcionou a abertura da escola para este trabalho, a equipe da gestão escolar, aos professores, a nutricionista, as merendeiras e aos alunos da escola pelo acolhimento, envolvimento, pela disposição para a participação do estudo. E aos demais funcionários da escola. Obrigada a todos pela construção e partilha de conhecimentos acerca da educação alimentar e nutricional e da alimentação escolar, e formação do vínculo, essenciais a realização deste trabalho.

*"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."*

Paulo Freire

RESUMO

A educação alimentar e nutricional é considerada um campo teórico-prático transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa a formação de práticas alimentares saudáveis nas diferentes fases da vida e espaços da sociedade, a partir de estratégias educacionais dialógicas e problematizadoras. No ambiente escolar, destaca-se a necessidade de ações de educação alimentar e nutricional com o envolvimento ativo e participativo de seus atores. Assim, este estudo possui o objetivo de avaliar um processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa-ação, com método qualitativo, realizada no período de fevereiro de 2015 a março de 2016, em uma escola pública estadual da cidade de Olinda, Pernambuco, Brasil. Constitui o elenco de atores participantes deste estudo: o gestor escolar, a coordenação pedagógica, os professores, as merendeiras, o nutricionista e os alunos. A coleta das informações consistiu da observação participante e de grupos focais, dividida em quatro fases: a primeira, exploratória, iniciou-se com a investigação das práticas alimentares dos alunos, da percepção sobre a educação alimentar e nutricional, e da participação dos atores escolares no processo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional; a segunda, encontro dos participantes para a análise crítica das situações-problemas identificadas pelos atores; a terceira, elaboração das estratégias e escolha das ações de educação alimentar e nutricional na escola; a quarta, execução das ações de educação alimentar e nutricional. A avaliação foi realizada durante todas as fases da pesquisa. A análise das informações foi realizada por meio da Análise de Conteúdo Temática, de Bardin. Os principais resultados mostram que as estratégias foram desenvolvidas a partir da reflexão participativa e crítica sobre a realidade alimentar, elencadas em ações relacionadas à gestão da alimentação escolar e ao currículo escolar, que constituíram o plano participativo de estratégias de educação alimentar e nutricional. Seis ações foram executadas com a comunidade escolar: formação do grupo operativo; formação das merendeiras; o dia da família para a saúde e nutrição; debate com os alunos sobre a alimentação saudável; oficina com os alunos sobre o estado nutricional; elaboração e exposição de banners sobre alimentação saudável. As ações foram executadas em um cenário de disposição, corresponsabilização, integração e autonomia, e trouxeram implicações na promoção da alimentação saudável na escola, resultando no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades relacionadas à alimentação e saúde. Os atores escolares puderam refletir, construir e compartilhar conhecimentos sobre a alimentação e a educação alimentar e nutricional no ambiente escolar, a partir do processo participativo construído. Este contribuiu para a sensibilização e tomada de consciência dos atores escolares sobre a prática da educação alimentar e nutricional de forma integrada e ativa, e fortaleceu a autonomia nas escolhas alimentares, favorecendo mudanças cognitivas e comportamentais para a promoção da alimentação saudável.

Palavras-chave: Educação alimentar e nutricional. Escola. Hábitos alimentares. Adolescente. Nutricionista.

ABSTRACT

Food and nutritional education is considered a transdisciplinary, intersectoral and multiprofessional theoretical-practical field that aims at the formation of healthy food practices in the different phases of life and spaces of society, based on dialogic and problematizing educational strategies. In the school environment, the need for food and nutritional education actions with the active and participative involvement of school actors stands out. Thus, this study aims to evaluate a participatory process of construction of food and nutritional education strategies in the school environment. This is an action research with qualitative method carried out from February 2015 to March 2016, in a state public school of Olinda, Pernambuco, Brazil. The following actors participated in this study: school manager, pedagogical coordination, teachers, school cooks, nutritionist and students. Data collection consisted of participant observation and focus groups, divided into four phases: the first, exploratory, began with the investigation of students' eating habits, perception about food and nutritional education, and participation of school actors in the process of constructing food and nutritional education strategies; the second, meeting of participants for the critical analysis of situations-problems identified by the actors; the third, elaboration of strategies and choice of food and nutritional education actions in school; the fourth, implementation of food and nutrition education actions. Evaluation was carried out during all phases of the research. The analysis of information was performed through the Analysis of Thematic Content of Bardin. The main results show that the strategies were developed based on participatory and critical reflection on the food reality, listed in actions related to school feeding management and school curriculum, which constituted the participatory plan of food and nutritional education strategies. Six actions have been implemented with the school community: formation of the operative group; training of school cooks; family day for health and nutrition; discussion with students about healthy eating; workshop with students on nutritional status; elaboration and exhibition of banners on healthy eating. Actions were implemented in a scenario of helpfulness, co-responsibility, integration and autonomy, and brought implications for the promotion of healthy eating in school, resulting in the development of knowledge and skills related to food and health. School actors were able to reflect, construct and share knowledge about food and nutrition and nutritional education in the school environment based on participatory process. This contributed to the awareness of school actors about the practice of food and nutrition education in an integrated and active way, which strengthened autonomy in food choices, favoring cognitive and behavioral changes to promote healthy eating.

Keywords: Food and nutritional education. School. Eating habits. Adolescent. Nutritionist.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional com a participação dos atores escolares, Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	56
Quadro 1 –	Situações-problemas relacionadas a educação alimentar e nutricional, segundo a percepção dos participantes do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	78
Quadro 2 –	Planejamento das ações de educação alimentar e nutricional, segundo a percepção dos participantes do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	79
Quadro 3 –	Ação de educação alimentar e nutricional – Formação do Grupo Operativo para a promoção da alimentação saudável na escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	82
Quadro 4 –	Ação de educação alimentar e nutricional – Formação das Merendeiras da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	83
Quadro 5 –	Ação de educação alimentar e nutricional – Dia da Família e Saúde na Escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	85
Quadro 6 –	Ação de educação alimentar e nutricional – 1ª Ação educativa com os alunos da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	87
Quadro 7 –	Ação de educação alimentar e nutricional – 2ª Ação educativa com os alunos da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	88
Quadro 8 –	Ação de educação alimentar e nutricional – Atividade de comunicação na escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos
DHAA	Direito Humano a Alimentação Adequada
EAN	Educação Alimentar e Nutricional
GRE	Gerência Regional de Educação
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNAN	Política Nacional de Alimentação e Nutrição
PSE	Programa Saúde na Escola
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Delimitação do problema.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1	Aspectos históricos e conceituais da educação alimentar e nutricional	19
2.2	Educação popular: um aporte teórico para a educação alimentar e nutricional	25
2.3	Educação alimentar e nutricional dialógica e problematizadora no ambiente escolar	31
3	QUESTÃO CONDUTORA	39
4	OBJETIVOS.....	40
4.1	Objetivo Geral	40
4.2	Objetivos Específicos	40
5	CAMINHO METODOLÓGICO	41
5.1	Cenário do Estudo.....	41
5.2	Delineamento do Estudo	41
5.3	Participantes do Estudo	44
5.4	Coleta das Informações	44
5.4.1	Fase 1 – Exploratória	46
5.4.2	Fase 2 – Encontro dos participantes	49
5.4.3	Fase 3 – Elaboração das estratégias e escolha das ações.....	50
5.4.4	Fase 4 – Execução das ações	51
5.4.5	Fase 5 – Avaliação do processo	51
5.5	Análise das Informações	53
5.6	Considerações Éticas	54
6	RESULTADOS.....	56
6.1	Fase 1 – Exploratória	57
6.1.1	Entrada no campo	57
6.1.2	Atores do estudo	58
6.1.3	Investigação da realidade alimentar da escola.....	60
6.2	Fase 2 – Encontro dos participantes	76
6.3	Fase 3 – Elaboração de estratégias e escolha das ações	78

6.4	Fase 4 – Execução das ações	81
6.5	Fase 5 – Avaliação do processo	91
7	DISCUSSÃO	99
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS.....	118
	APÊNDICE A – ROTEIRO NORTEADOR DA SESSÃO DO GRUPO FOCAL	137
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	138
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	140
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	142
	APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO	144
	APÊNDICE F – PLANO PARTICIPATIVO DE ESTRATÉGIAS DE EAN	149
	APÊNDICE G – AÇÕES DE EAN ESCOLHIDAS.....	151
	APÊNDICE H – PLANOS DE AÇÃO DE EAN ESCOLHIDAS	152
	APÊNDICE I – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	159
	APÊNDICE J – PÔSTERES DA AÇÃO EDUCATIVA	161
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	162
	ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DA GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO	166
	ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA.....	167

1 INTRODUÇÃO

Esta Tese apresenta o desenvolvimento e análise de um processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional (PPCE-EAN) embasado nos princípios do diálogo e da problematização, de Paulo Freire, e no referencial metodológico da pesquisa-ação.

O PPCE-EAN contempla o diagnóstico coletivo dos problemas alimentares e nutricionais, a elaboração, a execução e a avaliação do processo e ações educativas no âmbito escolar. A integração destas diferentes fases e a construção coletiva deste processo educativo com os atores escolares (profissionais e alunos) e pesquisadores conferem a este estudo um caráter peculiar, que transcende o fazer tradicional da ciência por aplicar simultaneamente a pesquisa e a ação, cujos objetivos são desenvolver conhecimentos e transformar a realidade estudada, respectivamente. Neste cenário, este estudo buscou a promoção da alimentação adequada e saudável, e a compreensão da dinâmica e funcionamento da EAN no ambiente escolar com a implicação e o envolvimento dos atores escolares.

Este documento está estruturado em oito partes. A parte 1 - a *Introdução*, que discorre sobre a *Delimitação do problema* do estudo. A parte 2 - o *Referencial Teórico*, resultado de uma investigação e reflexão sobre o objeto de estudo “processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional na escola pública”, ancorado nos princípios do diálogo e problematização, com base em Paulo Freire (2016a), na literatura científica do campo da nutrição, nas publicações técnicas sobre a educação alimentar e nutricional (EAN) - Política Nacional de Alimentação e Nutrição, PNAN (2011); Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas (2012); Guia Alimentar para a população Brasileira (2014), e também no saber acumulado na formação acadêmica e prática profissional enquanto nutricionista. O *Referencial Teórico* está disposto em três capítulos que caracterizam o objeto de estudo, tais como: Aspectos históricos e conceituais da educação alimentar e nutricional; Educação popular: um aporte teórico para a educação alimentar e nutricional; e Educação alimentar e nutricional dialógica e problematizadora no ambiente escolar. A parte 3 - a *Questão Condutora do estudo*; a parte 4 - os *Objetivos*; a parte 5 - o *Caminho Metodológico*; a

parte 6 - os *Resultados*; a parte 7 - a *Discussão*; a parte 8 - as *Considerações finais* do estudo. E por último, estão as *Referências*, os *Apêndices* e os *Anexos*.

1.1 Delimitação do problema

A EAN se apresenta como um campo de conhecimento e de prática que visa promover práticas alimentares saudáveis, por meio de estratégias educacionais embasadas no diálogo e na problematização, de caráter contínuo e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional, que alcance as diferentes fases de vida, realidades e significados sobre a alimentação e nutrição no contexto da garantia do direito humano a alimentação adequada (DHAA) e da segurança alimentar e nutricional (SAN) (BRASIL, 2012).

Boog (2004) sugere que as ações de EAN além de alcançar todas as pessoas, devem perpassar pelo ensino formal e ensino informal (ambiente de trabalho e comunidade), conselhos de segurança alimentar, rede de saúde e apoio, bem como a mídia.

Neste sentido, destaca-se o ambiente escolar como um local apropriado para o desenvolvimento de estratégias de EAN, pois é uma instituição coadjuvante na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e do autocuidado nas diversas áreas da vida, dentre essas o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades relacionadas aos alimentos e à alimentação (BRIGGS; FLEISCHHACKER; MUELLER, 2010; WORSLEY; NANAYAKKARA; MARGERISON, 2017).

A implementação de ações de EAN é emergente e relevante no âmbito escolar devido às demandas sociais, principalmente em virtude do atual perfil de comportamento em saúde e nutrição dos escolares brasileiros, como por exemplo, a alta prevalência do consumo de alimentos ultraprocessados (COSTA et al., 2018). Assim, surge a necessidade de desenvolver estratégias efetivas de EAN na escola, que envolva os atores escolares, com vistas à construção de conhecimentos e práticas que promovam autonomia para as escolhas alimentares, bem como a promoção à saúde, a prevenção de agravos e doenças.

Na escola, a gestão escolar, os professores, as merendeiras, o nutricionista e os alunos possuem papel importante na implantação de ações de EAN, pois estes

atores escolares podem interagir e trocar experiências, a partir da relação recíproca de construção de conhecimentos. Na escola pública, o nutricionista é o responsável técnico pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), criado pelo governo brasileiro, com o objetivo de oferecer gratuitamente refeições saudáveis aos alunos de escolas públicas e promover a EAN por meio de ações integradas ao currículo escolar, com vistas à formação de práticas alimentares saudáveis (BRASIL, 2013a).

No contexto da institucionalização da EAN no ambiente escolar, além de introduzida no PNAE, outras normativas e programas orientam sua inserção na escola, tais quais: a Portaria Nº 1.010/2006 que rege sobre a Promoção da Alimentação Saudável nas escolas; a Portaria Nº 2.715/2011 que atualiza a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN); o Programa Saúde na Escola (PSE) (2009), e o Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas (2012) (BRASIL, 2012; BRASIL, 2011; BRASIL, 2009a; BRASIL, 2006a).

Contudo, a promoção de ações de EAN na escola é escassa, devido a algumas dificuldades (ALBUQUERQUE; PONTES; OSÓRIO, 2013; CASEMIRO et al., 2015; SCARPARO et al., 2013). Dentre essas, podem ser citadas, respectivamente, à lacuna de conhecimento sobre a EAN entre os educadores para incorporar o tema alimentação e suas dimensões teóricas nas atividades pedagógicas; as dificuldades encontradas pelo nutricionista em desenvolver as atividades de EAN nas escolas; e a falta de apoio e reconhecimento de alguns gestores escolares sobre a abrangência do trabalho do PNAE. Além disso, para Juzwiak et al. (2013) muitas vezes a relação entre educadores e nutricionistas se apresenta distante e sem integração.

Apesar da ênfase dada pelos referenciais normativos a EAN nos últimos anos, (BRASIL 2013a; BRASIL, 2012; BRASIL, 2011; BRASIL, 2009a; BRASIL, 2006a), contribuindo para o aumento progressivo do interesse sobre a temática, ainda é necessário ampliar a discussão sobre suas possibilidades, seus limites e suas práticas. A EAN não se desenvolveu cientificamente como as demais áreas da nutrição. Este fato representou uma limitação no desenvolvimento de bases teórico-metodológicas, e produção acadêmico-científica (RAMOS; AMPARO-SANTOS; REIS, 2013).

No ambiente escolar os referenciais teórico-metodológicos que subsidiam as práticas de EAN precisam ser mais estudados. Assim, a fragilidade nos processos

de planejamento de estratégias de EAN na escola é exposta. Há poucas publicações de artigos científicos que indiquem como se conforma o campo da produção científica sobre a temática com escolares e na escola (LIBERMANN; BERTOLINI, 2015; RAMOS; AMPARO-SANTOS; REIS, 2013).

Este contexto revela a necessidade de estudos sobre o tema que colaborarem na construção de práticas educativas em alimentação e nutrição, que possa apresentar o planejamento de ações de EAN (BERNARDON et al., 2009; CASEMIRO et al., 2015; SILVA D. C. A et al., 2015) para ampliar a discussão sobre a motivação, tomada de decisão, implantação e avaliação das suas práticas na escola (PORTER; KOCH; CONTENTO, 2018). Ainda são inúmeros os caminhos a serem percorridos pelos atores que fazem parte da comunidade escolar para consolidar a prática contínua e efetiva da EAN (BARBOSA et al., 2013).

As estratégias de EAN apresentam-se mais focadas na prevenção de doenças e recuperação da saúde, em relação à abordagem sobre a promoção da saúde e SAN, e também predominam as metodologias educativas tradicionais (AMPARO-SANTOS, 2013; FRANÇA; CARVALHO, 2017), com estratégias focadas no indivíduo, pouco críticas e pouco integradas ao contexto social das práticas alimentares (LARA; PAIVA, 2012; SILVA et al., 2018).

Há necessidade de redirecionar as práticas de EAN a partir de embasamento teórico-metodológico (AMPARO-SANTOS, 2013) que contemple o estudo das causas e soluções dos problemas alimentares e nutricionais coletivos, de forma participativa com o envolvimento dos diversos atores do ambiente escolar, para possibilitar um entendimento mais amplo do campo da EAN na escola e promover mudanças de práticas alimentares mais efetivas (MAGALHÃES, 2014; PELLETIER et al., 2013; WATERS et al., 2018).

Nesta perspectiva os princípios do diálogo e da problematização, concebidos pelo educador Paulo Freire (2016a) são referenciados como arcabouço teórico para a promoção da EAN, pois proporcionam aos participantes do processo educativo uma compreensão contextualizada dos problemas alimentares e nutricionais vivenciados, tornando-os atores ativos para a resolução dos mesmos (CERVATO-MANCUSO; VINCHA; SANTIAGO, 2016; JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013).

Neste contexto, este estudo constituiu-se em desenvolver uma pesquisa-ação, metodologia essa que permite desenvolver e analisar um processo participativo de

construção de estratégias de educação alimentar e nutricional (PPCE-EAN) na escola, ancorado nos princípios do diálogo e problematização, que envolva a articulação e a corresponsabilização dos atores escolares na construção de conhecimentos e práticas que contribuam para a promoção da alimentação adequada e saudável na escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos históricos e conceituais da educação alimentar e nutricional

O surgimento da educação alimentar e nutricional (EAN) no Brasil data de 1940, período em que a falta de alimentos e a subnutrição atingia importante parcela da população. Até a década de 1970, a EAN estava relacionada a interesses econômicos, com a introdução de alimentos novos para população. A prática educativa voltava-se para as publicações e divulgação de materiais informativos no intuito de introduzir informações sobre a alimentação saudável para a população. Além disso, as ações de EAN privilegiavam a suplementação alimentar e atividades de combate às carências nutricionais (BOOG, 1997; CARVALHO et al., 2016).

Nos anos de 1970 a 1980, as práticas de EAN apresentavam como finalidade incentivar o consumo de determinados alimentos, resultantes da expansão agrícola, que representavam um excedente de produção, a exemplo da soja. Assim, nesta época, as ações de EAN priorizavam a regulação do mercado e a dimensão biológica da alimentação, não considerando as dimensões culturais e sensoriais (BRASIL, 2012).

Essa construção histórica contribuiu para o estabelecimento, nos anos de 1980 a 1990, de uma EAN caracterizada como intervencionista e técnica, onde se acreditava que a falta de instrução e conhecimento sobre a alimentação saudável e a baixa renda eram responsáveis pelos problemas alimentares e nutricionais (BOOG, 1997; CARVALHO et al., 2016; VALENTE, 1989).

Até então a EAN fundamentava-se numa concepção pedagógica tradicional, a qual resume as pessoas a uma visão essencialista, ou seja, percebida apenas na essência ideal de ser humano, não considerando os aspectos de seu contexto (BOOG, 1997, VALENTE, 1989). O processo educativo estava centrado no educador, nos conhecimentos transmitidos aos alunos, na disciplina, na memorização que visa moldar a mente e formar hábitos, através de conteúdos desarticulados da experiência e realidade social dos educandos (SAVIANI, 2008). Esta prática educativa é autoritária, tendo como características a imposição de saberes e não a proposição, e limita a possibilidade de participação e de

aprendizagem criativa (FREIRE, 2016b).

Ao mesmo tempo, em meados da década de 1980, os movimentos de promoção à saúde, e a I Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição, em 1986, contribuíram para iniciar o redirecionamento desta visão tradicional e normativa da EAN. Neste momento o conceito de segurança alimentar, anteriormente limitado ao abastecimento, foi ampliado para segurança alimentar e nutricional, configurando-se como a concretização do direito humano ao acesso a alimentos de qualidade e quantidade adequada, tendo como base as práticas alimentares saudáveis inseridas no contexto sociocultural, economicamente e ambientalmente sustentáveis (BUSS; CARVALHO, 2009; BRASIL, 2006b).

Neste conceito foi incorporado o acesso universal aos alimentos, e o aspecto nutricional, com inserção das questões relativas à composição, à qualidade e o aproveitamento biológico dos alimentos. Este conceito de segurança alimentar e nutricional foi consolidado a partir da I Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, em 1994 (BURLANDY, 2011).

A partir de 1990 destacou-se uma nova visão para a EAN, da concepção crítica e participativa. A EAN passou a considerar as pessoas como portadores de direitos, e convocá-las a ampliar seu poder de escolha e decisão frente ao alimento e alimentação (BOOG, 1997; BRASIL, 2012). Assim, a prática da EAN começa a ser percebida como um conjunto de experiências de aprendizagem para facilitar a adoção voluntária de hábitos alimentares saudáveis e mudança de comportamentos relacionados com a nutrição para proporcionar saúde e bem-estar (CONTENTO et al., 1995). Estas práticas eram caracterizadas como limitadas, sendo questionáveis seus efeitos, logo a EAN foi marcada pela desvalorização enquanto disciplina e também nas políticas públicas (BRASIL, 2012).

Com o advento da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (1999), atualizada em 2011, inserida no contexto da SAN, a EAN foi institucionalizada nos programas oficiais da saúde do país, por meio das diretrizes “promoção de práticas alimentares saudáveis” com ênfase à socialização do conhecimento sobre os alimentos e a alimentação, e a “prevenção dos problemas nutricionais”, desde a desnutrição e às carências específicas até o sobrepeso, obesidade e doenças associadas (BRASIL, 1999).

Neste contexto, a EAN passa a ser vista como um conjunto de estratégias que

buscam respeitar, impulsionar e valorizar os conhecimentos, as atitudes, a cultura alimentar, e as relações sociais que acontecem em torno da alimentação, com intuito de promover mudanças que contribuam para o acesso econômico e social de todos os cidadãos a uma alimentação adequada e saudável, de forma a superar a normatização da transmissão do conhecimento, vista na concepção educacional tradicional da EAN (BOOG, 2004).

Diante da sua abrangência a EAN é considerada um dos determinantes da saúde e da SAN (KEPPLE; SEGALL-CORRÊA, 2011; OLIVEIRA, S. I.; OLIVEIRA, K. S., 2008). E tem sido alvo de debates em concebê-la como uma ação governamental, defendida para ser implantada como política pública obrigatória na escola (SANTOS, 2012; VARGAS; LOBATO, 2007).

A escola é considerada um ambiente fundamental para proteger, transformar e formar cidadãos conscientes e ativos quanto às questões que envolvem o mundo (FREIRE, 2016a; MORIN, 2013), sendo pois, um espaço privilegiado para a construção e consolidação de práticas alimentares adequadas e saudáveis (PAIVA; FREITAS; BRIGGS; FLEISCHHACKER; MUELLER, 2010; ROSSI; MOREIRA; RAUEN, 2008; WORSLEY; NANAYAKKARA; MARGERISON, 2017).

Para atingir esta finalidade, a Portaria Interministerial Nº 1010, de 8 de maio de 2006 do Ministério da Educação e Ministério da Saúde, instituiu as diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas e destaca a EAN como prioridade na escola. Essa portaria é reforçada pela Lei Nº 11.947, de 16 de junho de 2009, do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que trata da promoção da EAN como fruto da ação conjunta dos profissionais da educação e o nutricionista (BRASIL, 2006a; BRASIL, 2009b).

A essas orientações regulamentadoras, soma-se a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a Política Nacional de Promoção da Saúde e, a Política Nacional de Alimentação e Nutrição, revisada pela Portaria nº 2.715, de 17 de novembro de 2011 (BRASIL, 2006b; BRASIL, 2006c, BRASIL, 2011). Essa última engloba a EAN em suas diretrizes e destaca os seguintes princípios: a alimentação como elemento de humanização das práticas de saúde; o respeito à diversidade e à cultura alimentar; o fortalecimento da autonomia dos indivíduos; a determinação social e a natureza interdisciplinar e intersetorial da alimentação e nutrição; e, a segurança alimentar e nutricional com soberania (BRASIL, 2011).

Apesar desses avanços legais, até o ano de 2011 inexistiam diretrizes específicas que orientavam a prática da EAN, fato que desencadeou o “1º Encontro Nacional de educação alimentar e nutricional – Discutindo diretrizes”, organizado pelo Ministério de Desenvolvimento Social em parceria com o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, e com a participação de profissionais de instituições de pesquisas e ensino e de serviços públicos, com o objetivo de instituir um documento orientador para definir a inserção da EAN nas políticas públicas do país relacionadas à alimentação e nutrição (BRASIL, 2012).

Este encontro oportunizou discussões quanto ao exercício das políticas públicas no campo da alimentação e nutrição, especificamente sobre a EAN. Segundo Conti (2009), avanços legais são imprescindíveis para efetivação das políticas públicas, mas para serem concretizadas é primordial o fortalecimento e a mobilização das instituições e organizações. Como resultado deste encontro, foi publicado o “Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas” (BRASIL, 2012), um documento que tem como objetivo promover um campo comum de reflexão e orientação para a prática da EAN, que contemple os diversos setores do sistema alimentar, como a produção, a distribuição, o abastecimento, o acesso e o consumo de alimentos; e locais, além da escola, tais como:

- esferas públicas (Rede de Atenção à Saúde como Unidades Básicas de Saúde, Academias da Saúde, Ambulatórios, Hospitais, Unidades de vigilância em saúde; Centro de Referência Assistência Social, Centros de Convivência, Acolhimento Institucional de Criança e Adolescentes, de População de Rua, Plantão Social, Centro Comunitário, Conselho Tutelar, instituição de longa permanência de Idosos entre outros; restaurantes populares, bancos de alimentos, cozinhas comunitárias, Central de Abastecimento Municipal, feiras, Centros de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional; universidades, restaurantes universitários; centros desportivos e de recreação, áreas de lazer, clubes;
- setor privado (meios de comunicação; setor varejista de alimentos; indústrias; empresas produtoras de refeições coletivas e suas associações; empresas participantes do Programa de Alimentação do Trabalhador; associações de restaurantes, bares, hotéis; associações da indústria de alimentos; Unidades de Alimentação e Nutrição;
- e sociedade, como entidades e organizações comunitárias, profissionais, religiosas, socioassistenciais, associações e cooperativas de produtores rurais, associações de consumidores, Bombeiros, Polícia Militar; sistema S: SESC, SESI, SENAI, SENAC (BRASIL, 2012, p. 32, 33, 34).

A legitimidade da EAN na escola recebe reforço da recente aprovação da Lei Nº 13.666, de 16 de maio de 2018, que determina a inclusão da EAN como tema transversal no currículo escolar na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2018).

Cabe destacar que o Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas (BRASIL, 2012) conceitua a EAN como um campo de conhecimento e de prática de caráter contínuo e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional, que visa promover a adoção autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis, a partir de abordagens e recursos educacionais problematizadores, embasados no diálogo, que considere as diferentes fases da vida, realidade alimentar e significados atribuídos pelas pessoas ao alimento e a alimentação, a fim de contribuir para a garantia do direito humano à alimentação adequada, e a segurança alimentar e nutricional (BRASIL, 2012).

Os princípios norteadores para a prática da EAN são: sustentabilidade social, ambiental e econômica (envolve a reflexão sobre produção, abastecimento, comercialização, distribuição e consumo de alimentos); abordagem do sistema alimentar, na sua integralidade (desde o acesso à terra, à água, à produção até ao consumo de alimentos); valorização da cultura alimentar local e respeito à diversidade de opiniões e perspectivas, considerando a legitimidade dos saberes de diferentes naturezas (respeitar e valorizar as diferentes identidades e cultura alimentar da população); a comida e o alimento como referências e valorização da culinária enquanto prática emancipatória (preparar o próprio alimento gera autonomia, ampliando o conhecimento técnico); a promoção do autocuidado e da autonomia (apoiar as pessoas para empoderamento sobre sua saúde e alimentação); a educação enquanto processo permanente e gerador de autonomia e participação ativa e informada dos sujeitos; a diversidade nos cenários de prática; intersetorialidade; planejamento, avaliação e monitoramento das ações (BRASIL, 2012).

A partir deste documento, a prática da EAN é considerada uma estratégia para construir, formar e compartilhar conhecimentos e atitudes pessoais e comunitárias sobre o alimento e a alimentação, de modo a fomentar práticas alimentares saudáveis promotoras de saúde (ALBUQUERQUE, 2012). A EAN consolida um papel importante de construção da autonomia para auxiliar na tomada de decisão quanto à escolha da alimentação saudável (BARBOSA et al., 2013).

O Guia Alimentar para a população brasileira (2014) referencia a prática da alimentação saudável baseada na escolha e consumo predominantemente de

alimentos *in natura* e minimamente processados, que estejam presentes na cultura e no ambiente social das pessoas, onde as refeições possam ser consumidas em companhia de familiares e/ou amigos, e elaboradas a partir do exercício culinário, com pequena utilização de óleos, gorduras, sal, açúcar e alimentos processados (BRASIL, 2014).

A alimentação é um ato vital, voluntário, biológico, social e cultural, imbricado em um contexto histórico, político e econômico. Assim, a escolha alimentar está atrelada não apenas às formas de conhecimento e crenças sobre a alimentação, mas também a alguns determinantes, a saber: os biológicos (fome, apetite, sabores dos alimentos); os psicossociais (humor, stress, culpa, cultura, família, amigos, escola, rede de apoio, atitude, habilidades para cozinhar, padrões de consumo das refeições); os ambientais (clima, solo, disponibilidade de alimentos, acesso físico) e os econômicos (custo, renda, acesso financeiro) (BRASIL, 2014; ESTIMA; PHILIPPI; ALVARENGA, 2009; EUFIC, 2005; ROSSI; MOREIRA; RAUEN, 2008).

Neste sentido, diante da complexidade que envolve a prática da alimentação saudável, as abordagens da EAN requerem a integração dos conhecimentos sobre a alimentação (BARBOSA et al., 2013), e essas ao seu contexto, de modo que possam ser significativas para as pessoas a ponto de promover o desenvolvimento do senso crítico para escolhas alimentares saudáveis e a atitude em prol de transformações em relação ao alimento e a alimentação.

Para isso, é preciso reconhecer que a EAN contempla várias dimensões que envolvem a alimentação (DIEZ-GARCIA, 2011). Dentre as dimensões da alimentação, destacam-se: a do direito humano, a biológica, a psicossocial e cultural, a ambiental e a econômica; portanto, deve-se considerar o conhecimento multidimensional da alimentação que inclui os aspectos individuais e do contexto social (CASTRO I.; CASTRO L.; GUGELMIM, 2011).

A primeira dimensão da alimentação consiste em assumi-la como um direito humano, estando a EAN na posição de contribuir na formação da consciência política sobre o papel e dever do estado em garantir uma alimentação saudável. Este aspecto implica reconhecer a regulação do mercado pelo estado, incentivos a produtores rurais, regulamentações para indústrias de alimentos. Na dimensão biológica, a EAN trata os aspectos biológicos da alimentação, os aspectos nutricionais e sanitários dos alimentos para prevenir doenças e promover à saúde.

Na dimensão psicossocial e cultural, a EAN contempla os valores e escolhas alimentares das pessoas e o ato de comer. Na dimensão ambiental, a EAN abrange o entendimento da produção, disponibilidade e consumo de alimentos de maneira sustentável. A dimensão econômica discorre sobre as questões do acesso financeiro aos alimentos, às relações interpessoais de trabalho que se estabelecem desde o plantio, colheita, armazenamento, transporte e comércio de alimentos (CASTRO I.; CASTRO L.; GUGELMIM, 2011).

Este conhecimento multidimensional da alimentação é fundamental para abordagens de EAN construídas a partir de processos educativos que considerem a realidade alimentar, a representação sobre a alimentação e a saúde, a fim de promover a construção do conhecimento crítico, da autonomia, e a participação nos espaços de decisão em prol da transformação das práticas alimentares (BARBOSA et al., 2013; BRASIL, 2012).

Neste contexto, a prática da EAN orientada pelo Marco de referência de educação alimentar e nutricional para políticas públicas baseia-se na concepção da educação popular, de Paulo Freire (BURLANDY et al., 2016).

2.2 Educação popular: um aporte teórico para a educação alimentar e nutricional

A educação popular foi instituída no Brasil no início do século XX, como um movimento libertário nas classes trabalhadoras. A partir da década de 1930, a educação popular esteve presente em projetos governamentais, voltados à educação do povo, em um cenário que discutia as perspectivas críticas sobre a educação, especificamente na América Latina, trazendo princípios éticos potencializadores das relações humanas para o ato de educar, como a solidariedade e o comprometimento. Desta época em diante, a educação popular tornou-se uma possibilidade educativa incentivada pelo governo nas instituições educacionais. Esta proposta educacional estava presente em setores da sociedade civil – sindicatos, partidos políticos, ONGs, igrejas e outras instituições (MELO NETO, 2008).

As bases teóricas da educação popular foram sistematizadas pelo educador Paulo Freire, em meados do século XX, a partir do desenvolvimento de programas de alfabetização de adultos, precisamente no Nordeste brasileiro, onde ele

considerava ser o analfabetismo uma situação excludente e opressora. Logo, esta concepção educacional tornou-se uma ação de liberdade, iniciada pelo desenvolvimento da capacidade de leitura, dos indivíduos analfabetos, que viviam à margem da sociedade (MELO NETO, 2008).

Além do ensinar a ler, Paulo Freire ao formular seus postulados também preocupou-se que o processo educativo de aquisição de conhecimentos fosse capaz de promover uma postura criticamente consciente das pessoas sobre a realidade, de modo que pudessem compreender o contexto vivido como determinante das condições de vida humana e das relações existentes, em prol de ações que buscassem provocar transformações sociais (HEIDEMANN, 2010; MACIEL, 2011; MELO NETO, 2008; SOUZA, 1998).

Paulo Freire iniciou uma prática pedagógica com foco no exercício da cidadania, pelos direitos humanos à alimentação, à cultura, à educação, à saúde, especificamente na América Latina. Em meados da década de 1980, a educação popular tornou-se referência para os movimentos populares que aconteceram ao longo da história, tais como os movimentos de redemocratização do país e as reivindicações pelos direitos sociais, que mobilizaram muitas pessoas (STRECK, 2010; STRECK, 2004).

Neste contexto, os fundamentos da educação popular apresentam caráter político, estando inseridos na concepção dialética, cuja essência consiste numa educação que possa proporcionar aos participantes do processo educativo (educandos e educadores) uma compreensão contextualizada dos problemas existentes, em prol de melhorias no ambiente e na vida (SAVIANI, 2008).

A educação popular, ao longo de sua história, organizou um campo teórico-prático que permite acompanhar a nova dinâmica social, com possibilidade de ser referenciada em várias áreas do saber (STRECK, 2004). Essa perspectiva teórica foi reconhecida pelo estado brasileiro por meio da publicação da Portaria Nº 2.761, de 19 de novembro 2013, que instituiu a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a qual apresenta a finalidade de promover a orientação para as práticas educativas em saúde (BRASIL, 2013b; DAVID et al., 2014), sendo mais uma referência legal para a promoção da EAN.

Os fundamentos da educação popular têm sido aplicados em algumas experiências de EAN, proporcionando aos sujeitos participantes do processo

educativo uma compreensão dos fatores determinantes da alimentação e dos problemas alimentares e nutricionais para então contribuir na sua solução, em direção às transformações nas práticas alimentares para contribuir na garantia da SAN e da saúde (BOOG, 2010; CAMOSSA et. al., 2005; CASEMIRO et al., 2015; CERVATO-MANCUSO; VINCHA; SANTIAGO, 2016; JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013; RODRIGUES; BOOG, 2006; SAWAYA, 2006).

A educação popular aplicada a EAN permite integrar o educando, o educador e a temática no processo educativo de construção do conhecimento, crítico e significativo sobre a alimentação, permeado pela ação, ideias e sentimentos. Destaca-se neste processo a capacidade humana de pensar sobre sua realidade de vida, estando essa inserida no contexto histórico, cultural, econômico e ideológico, no qual o educando se insere no centro do processo educativo. Ao se educar também considera os outros, e assim educam-se entre si (FREIRE, 2016a).

Este processo educativo se dá por meio do pensamento coletivo em direção ao comprometimento pessoal compartilhado, numa relação horizontal e empática, onde também existe o ato de refletir sobre o papel das pessoas e a responsabilidade de assumi-lo adequadamente, com a valorização de cada ator participante (FREIRE, 2016a).

Além disso, a prática educativa “não se faz apenas com a ciência e técnica”, mas com valores essenciais - respeito, tolerância, humildade, alegria, disponibilidade a mudança, persistência, esperança, afetividade - sem os quais o conhecimento construído torna-se incoerente e ineficaz (FREIRE, 2016b).

Dessa maneira, neste processo educativo não existem dicotomias entre o pensamento científico e o popular. E sim, há uma junção e superação desses pela construção de um novo saber que os integra, que surge dos confrontos de percepções diferentes (FREIRE, 2016a).

Neste cenário, a educação popular supera as dicotomias da relação teoria-prática, e se constitui numa teoria de conhecimento para compreensão da realidade (MACIEL, 2011; STRECK, 2004), reafirmando-a como um aporte teórico com princípios que podem ser aplicados para promoção de estratégias de EAN voltadas para a promoção das práticas alimentares saudáveis (BRASIL, 2012). Dentre os princípios da educação popular destacam-se: o “diálogo” e a “problematização” (FREIRE, 2016a).

O “diálogo” consiste de um compartilhamento de conhecimentos, que na educação popular está pautado na amorosidade e afetividade, onde o processo educativo é vivenciado com um maior vínculo, pois permite demonstrações de sentimentos e emoções (FREIRE, 2016b). Este diálogo promove o convívio e o acolhimento (HERMANN, 2014), por isso, é um princípio determinante para uma adequada interação entre educador e educandos (SANCEVERINO, 2016).

A atitude do educador em reconhecer os aspectos afetivos e sociais dos educandos é primordial para consolidar a sua identidade e pertencimento ao grupo. Isso facilita o desenvolvimento da aprendizagem, pois permite o educador criar as condições para a construção do saber com os educandos (FREIRE, 2016b; SANCEVERINO, 2016). O educador precisa demonstrar respeito às percepções do educando sobre o mundo (temática), de modo a reconhecer que o interesse do educando em perceber e compreender bem determinado tema depende da sua história de vida e do seu contexto (FREIRE, 2016b).

Ao ensinar os educandos, o educador deve desafiá-los e instigá-los para eles perceberem sua capacidade de aprender, e para assumirem o protagonismo na produção do saber, sendo capazes de construir o conhecimento, e não apenas recebê-lo. A relação entre ambos, educador e educandos, deve ser dialógica, aberta, curiosa, indagadora (FREIRE, 2016b).

O diálogo baseado no contexto, nas aspirações e nos anseios dos educandos, potencializa a internalização do conhecimento construído e compartilhado, conseqüentemente, a formação de significações sobre o objeto educativo (FREIRE, 2016a). Essas culminam em experiências de aprendizagem significativas que contribuem para apreensão do mundo pelos educandos, de modo que eles compreendam a realidade vivenciada e sejam capazes de nela intervir (SANCEVERINO, 2016). Assim, o aprendizado se dá com a construção do conhecimento, examinando-o com o foco nas transformações, gerando a problematização (FREIRE, 2016b).

A “problematização” ocorre quando existe um diálogo questionador sobre a realidade vivenciada, com análise e ressignificação dessa, e em seguida, o desenvolvimento do conhecimento crítico que incentiva transformações da realidade. A problematização é um ato de reconhecer o ser humano como ser histórico capaz de promover constante transformação em prol da melhoria da vida (FREIRE, 2016a;

FREIRE, 2016b).

As estratégias de EAN dialógicas e problematizadoras despertam o interesse dos educandos, porque refletem e valorizam o seu cotidiano, sua identidade, história, crenças, valores, sentimentos e representações em relação ao alimento e a alimentação, e culminam com modificações tanto na percepção sobre o alimento e a alimentação, bem como nas práticas alimentares (BOOG, 2010).

As ações educativas de EAN que abordam situações concretas da realidade, como exemplo, a associação da alimentação com a suscetibilidade para diversas doenças, são capazes de motivar os educandos a adotarem uma alimentação saudável (SILVA; TEIXEIRA; FERREIRA, 2014).

Estas estratégias de EAN iniciam-se com o desvelar das percepções dos educandos sobre alimento e a alimentação, suscitando-lhes inquietações e questionamentos que conduz à crítica, à reflexão e à ação (SILVA; TEIXEIRA; FERREIRA, 2014).

Neste contexto, a “problematização” permite a análise crítica da realidade, e a “participação” dos atores envolvidos (FREIRE, 2016a). A participação, no processo educativo, não se resume apenas à presença do sujeito, ao compromisso e à colaboração, mais se apresenta como a possibilidade de todos desfrutarem da ação educativa, por meio da socialização e compartilhamento das decisões e responsabilidades (GANDIN, 2001).

As estratégias de EAN que destacam a “participação” exigem interação entre pares no processo educativo (VENDITTI et al., 2014). Estudos realizados em escolas de Juiz de Fora (Minas Gerais/Brasil) (ASSIS et al., 2014), Juazeiro do Norte (Ceará/Brasil) (MAIA et al., 2012), Florianópolis (Santa Catarina/Brasil) (FERNANDES et al., 2009; GABRIEL; SANTOS; VASCONCELOS, 2008) e Ribeirão Preto (São Paulo/Brasil) (DEMINICE et al., 2007), adotaram métodos lúdico-educativos (dinâmicas, debates e gincanas, jogos, teatros de fantoches, cartazes, brincadeiras, músicas, vídeos, painéis coloridos, histórias infantis, teatro, cinema) e tiveram efeitos positivos no aprendizado acerca de hábitos alimentares saudáveis, na melhoria do consumo alimentar, no nível de conhecimento sobre alimentação e nutrição, e na redução do consumo de alimentos processados pelos alunos.

As estratégias educativas lúdicas possibilitam os alunos a manifestarem hábitos e preferências alimentares, vivência e questionamentos sobre as questões

relativas ao alimento e a alimentação, gerando uma interação espontânea que contribui para a construção de conhecimentos a respeito das escolhas alimentares (SILVA; NEVES; NETTO, 2016). Essas ações se aproximam da linguagem dos alunos, facilitando o diálogo (ABREU et al., 2013).

Logo, a participação gera a integração dos sujeitos e é um constituinte essencial para potencializar a construção de conhecimento, compreender as múltiplas relações que se dão na realidade, pensá-las e construí-las, averiguando as possibilidades de intervenção no cotidiano, de modo a contribuir para o desenvolvimento da autonomia (FREIRE, 2016a; FREIRE, 2008).

A autonomia, por sua vez, é construída à medida que as decisões vão sendo tomadas, no decorrer do processo de várias experiências. Por isso, as estratégias de EAN devem ser experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade. Todas as decisões apresentam efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados (FREIRE, 2016b).

Assim como mostra um trabalho realizado em uma escola na cidade do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil) (MIYAHIRA et al., 2014), onde estratégias de EAN foram eficientes para transformações tanto na percepção da alimentação saudável, quanto para a sua prática, sendo abordagens educativas criativas, de baixo grau de complexidade na execução e custo acessível. Este trabalho foi desenvolvido com as merendeiras e alunos, os quais participaram de oficinas de horta escolar (atuando como protagonistas na construção da horta, desde o plantio, colheita, higienização e consumo das hortaliças) e oficinas de práticas para o desenvolvimento de habilidades culinárias.

Um estudo de revisão sobre os efeitos da horta escolar com a participação dos alunos demonstra aumento da ingestão e preferência de vegetais por eles, e autonomia para prepararem os alimentos (DAVIS; SPANIOL; SOMERSET, 2015). A horta escolar tem sido adotada como espaço educativo para a promoção da alimentação saudável (BERNARDON et al., 2014).

De tal modo, como demonstra um estudo em New York (EUA) realizado em uma escola de ensino médio, por um período de dezenove semanas, os alunos foram capazes de melhorar os conhecimentos sobre a nutrição e atitudes sobre a alimentação saudável, melhorar a ingestão de vegetais e desenvolver habilidades para preparar refeições saudáveis. O estudo abordou estratégias de EAN com o

objetivo de criar habilidades para a culinária e o cultivo de alimentos, e oportunidades para obtenção de informações sobre a produção e comercialização de alimentos, com ênfase nos fatores individuais e nas influências ambientais vivenciadas enquanto barreiras ou possibilidades para a adoção de uma alimentação saudável. As estratégias foram executadas em sala de aula, por meio de discussões com utilização de vídeos e fotos, depoimentos, registros do consumo alimentar, oficinas culinárias e de horta (BUKHARI; FREDERICKS; WYLIE-ROSETT, 2011).

Em suma, os princípios da educação popular propõe formar atores capazes de organizar suas informações e construir saberes, para entender de forma holística os fatores que determinam suas próprias situações de vida e de alimentação. Assim, supera a normatização da transmissão do conhecimento, e destaca os saberes socialmente construídos sobre o tema na realidade vivenciada (FREIRE, 2016a). Por isso, às estratégias de EAN embasadas na concepção da educação popular conquistam espaço, com possibilidade de integrar todos os atores da escola para a compreensão da prática da alimentação saudável (CASEMIRO et al., 2015).

Dessa forma, a concepção de educação popular, de Paulo Freire (2016) constitui uma proposta pautada na metodologia participativa, dialógica e problematizadora. Essa concepção educacional conduz o processo educativo a partir do estímulo à construção dialógica de saberes em direção ao desenvolvimento de práticas cidadãs que contribuam para as soluções de problemas de forma participativa (FREIRE, 2016a).

2.3 Educação alimentar e nutricional dialógica e problematizadora no ambiente escolar

A escola constitui um ambiente oportuno ao dialógico, caráter primordial para a ação educativa dialógica, problematizadora e participativa (MELO NETO, 2006; STRECK, 2004). Neste ambiente, além dos processos educativos que acontecem na sala de aula, compreendem também as ideias e as práticas existentes, que expressam as relações entre todos os atores que nele convivem (FREIRE, 2008).

A escola apresenta como responsabilidade primordial trabalhar criticamente a capacidade de percepção e compreensão dos objetos e acontecimentos, e suas

relações no mundo, para a produção sistemática de conhecimento. É, pois, uma instituição de socialização do conhecimento sistematizado, com o objetivo de formar as pessoas, e oferecer-lhes oportunidades para emancipação, liberdade e responsabilidade (FREIRE, 2016b).

Assim, reafirma-se a escola como um ambiente de vida e uma ferramenta para o acesso a EAN, de modo a proporcionar ao aluno a formação humana para exercício da cidadania e a autonomia quanto às questões que envolve a alimentação.

Algumas situações encontradas nas escolas apontam a necessidade da promoção de estratégias de EAN, tais como: a existência da baixa adesão às práticas alimentares saudáveis pelos alunos (COUTO et al., 2014), as significativas prevalências de desvio nutricional, principalmente o excesso de peso (BARRETO NETO et al., 2015), pais ou responsáveis com dificuldades para prover uma alimentação saudável para a família por conta das questões relativas a escolha, ao preparo de alimentos e ao hábito alimentar já instituído na família (BENTO; ESTEVES; FRANCA, 2015), a presença de adolescentes vulneráveis a distorção da percepção corporal e a insatisfação corporal (FERREIRA et al., 2013, MARTINS et al., 2010; MIRANDA et al., 2014).

Na escola, estratégias de EAN corroboram para promover a saúde dos alunos, por meio da aquisição de conhecimentos sobre a alimentação e nutrição, e motivação para mudanças das práticas alimentares, e apresentam uma relação custo-benefício estimada de redução de gastos com problemas de saúde (DOLLAHITE; KENKEL; THOMPSON, 2008; SILVA, K. B. B. et al., 2015; SHEN; HU; SUN, 2015).

Assim como constatado numa instituição educativa não governamental de tempo integral em São Paulo (São Paulo/Brasil), na qual as estratégias de EAN dialógicas, problematizadoras e participativas puderam ser consideradas efetivas e de baixo custo para promover um melhor estado nutricional e práticas alimentares saudáveis entre os adolescentes (BALDASSO; GALANTE; DE PIANO GANEN, 2016).

No âmbito especificamente da escola pública, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) incorpora a alimentação escolar enquanto DHAA para a promoção da saúde e contribuição para a garantia da SAN. A concepção do PNAE

superou o caráter assistencial, a partir da reestruturação dos eixos: o primeiro, da oferta da alimentação escolar saudável aos escolares, constituindo-se em um direito; e o segundo a promoção da EAN com vistas à formação de práticas alimentares saudáveis, por meio da execução de ações que perpassam pelo currículo escolar (BRASIL, 2013a; PEIXINHO, 2013).

O PNAE, por meio da Resolução Nº 26, de 17 de junho de 2013, o Art. 13º descreve a EAN: “como um conjunto de ações formativas, de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional”, no §1º, poderão ser consideradas ações de EAN na escola:

a oferta de alimentação adequada e saudável; a formação de pessoas envolvidas diretamente com a alimentação escolar; a articulação das políticas no campo da alimentação escolar; a inserção no currículo o eixo temático a alimentação e nutrição; a promoção de metodologias inovadoras para o trabalho pedagógico que favoreçam os hábitos alimentares regionais e culturais saudáveis; estimulem e promovam a utilização de produtos; que estimulem tecnologias sociais na alimentação escolar; que utilizem o alimento como ferramenta pedagógica nas atividades de educação alimentar e nutricional (BRASIL, 2013a, p. 7).

A alimentação escolar é percebida pelos educadores e nutricionistas como um instrumento pedagógico da EAN na escola, que pode incentivar à prática da alimentação saudável (ALBUQUERQUE, 2012). Por outro lado, existem alguns impasses, como a baixa adesão à alimentação escolar pelos alunos. Este fato pode ser influenciado pelo sabor das refeições oferecidas e a inadequação dos cardápios aos hábitos alimentares regionais dos alunos (LIBERMANN; BERTOLINI, 2015).

Outro fator que colabora na baixa adesão é a existência de modificações nos cardápios das escolas realizadas por vezes pelas merendeiras, justificadas pela falta de ingredientes para cumprir o cardápio planejado pelo nutricionista (ISSA et al., 2014; VIEIRA et al., 2008). Este fato pode acontecer devido à utilização aleatória dos ingredientes em desconformidade com o cardápio planejado, ou é decorrente de problemas na logística de abastecimento dos gêneros alimentícios para às escolas (ISSA et al., 2014), e ainda pode está relacionado a baixa qualificação dos profissionais (MELO; FRANCO DE SA; MELO FILHO, 2016).

Ao mesmo tempo, a adesão à alimentação escolar recebe forte influência dos pares sobre a escolha e o consumo alimentar entre adolescentes, e do incentivo de publicidade, mídia, e mercado para consumo de outros alimentos na escola

(FREITAS et al., 2013; HABIBA et al., 2015; UEDA; PORTO; VASCONCELOS, 2014; VARGAS et al., 2011).

Estudos mostram que a existência de comércio de alimentos nas escolas interferem na adesão à alimentação escolar (CESAR et al., 2018; DANELON, M. A. S., DANELON, M. S., SILVA, 2006; SILVA C. A. M. et al., 2013; VALENTIM et al. 2017). Os alunos optam pelos alimentos comercializados na escola por considerá-los mais “saborosos” (SCHMITZ et al., 2008; VARGAS et al., 2011). Contudo um estudo mostra que a maioria dos alunos apóia a disponibilidade de alimentos saudáveis nos pontos de comércio de alimentos na escola (RATHI; RIDDELL; WORSLEY, 2018). No Brasil, algumas cidades e estados adotaram regulamentações para restringir a comercialização de alimentos processados, ricos em açúcares e gorduras nas escolas, como medida de proteção à saúde dos alunos e de estímulo para a prática da alimentação saudável: Município de Florianópolis – Santa Catarina Lei n. 5.853, de 4 de junho de 2001; Estado de Santa Catarina Lei n. 12.061, de 18 de dezembro de 2001; Município do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro Decreto n. 21.217, de 1º de abril de 2002; Município de Belo Horizonte – Minas Gerais Lei n. 8.650, de 25 de setembro de 2003; Estado do Paraná Lei n. 14.423, de 2 de junho de 2004; Estado do Rio de Janeiro Lei n. 4.508, de 11 de janeiro de 2005; Região Metropolitana da Grande São Paulo Portaria Conjunta dos Coordenadores de Ensino, do Interior e o Diretor do Departamento de Suprimento Escolar, de 23 de março de 2005; Município de Londrina – Paraná Lei n. 9.714, de 6 de abril de 2005; Município de Santos – São Paulo Lei n. 2.327, de 19 de julho de 2005; Estado do Paraná Lei n. 14.855, de 19 de outubro de 2005; Distrito Federal Lei n. 3.695, de 8 de novembro de 2005; Município de Natal – Rio Grande do Norte Lei n. 245, de 16 de agosto de 2006; Município de Porto Alegre – Rio Grande do Sul Lei n. 10.167, de 24 de janeiro de 2007; Estado do Rio Grande do Sul Lei n. 13.027, de 16 de agosto de 2008; Município de Itapetininga – São Paulo Lei n. 5.320, de 15 de junho de 2009; Estado de Minas Gerais Lei n. 18.372, de 4 de setembro de 2009; Município de Aracajú – Sergipe Lei n. 3.814 de 14 de janeiro de 2010; Estado de Minas Gerais Resolução n. 1.511, de 26 de fevereiro de 2010; Município de Juiz de Fora – Minas Gerais Lei n. 12.121, de 17 de setembro de 2010 (GABRIEL et al., 2012).

Neste contexto, o PNAE ainda encontra dificuldades para se consolidar enquanto uma política de promoção da SAN e da saúde na escola. Por isso, a

escola precisa estabelecer uma relação dialógica com os alunos, de modo a reconhecer e compreender suas percepções sobre as suas práticas alimentares, as quais poderão direcionar ações de melhorias na alimentação escolar (FREITAS et al., 2013).

Este conhecimento dos alunos pode ser abordado em capacitações e conscientização das merendeiras envolvidas na produção da alimentação que podem contribuir na consolidação da alimentação escolar enquanto um instrumento pedagógico de EAN (ISSA et al., 2014).

Entretanto, apenas as capacitações pontuais não são suficientes para que o PNAE cumpra com seus objetivos, sendo necessário um acompanhamento e monitoramento do seu funcionamento (RODRIGUES et al., 2015). Para isso, considera-se que a atuação dos profissionais esteja atrelada aos alunos e familiares, que juntos podem exercer papéis determinantes para a prática da EAN na escola (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014). A atuação da comunidade escolar é um fator favorável e necessário para o efetivo funcionamento do PNAE (MELO; FRANCO DE SA; MELO FILHO, 2016).

Estudos enfatizam a necessidade de formações de profissionais de educação como espaço de reflexão sobre a prática da EAN na escola (JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013; SANTOS et al., 2013). Estas estratégias de EAN são oportunidades para o nutricionista desenvolver o potencial enquanto educador capaz de contribuir com as transformações no ambiente escolar, em prol da promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional.

Estudo realizado com nutricionistas de escolas do município de Duque de Caxias (Rio de Janeiro/Brasil) (CASEMIRO et al., 2015) mostra experiências de EAN pautadas nos princípios da educação popular, tais como o diálogo, planejadas com o envolvimento de profissionais da escola (professores, merendeiras, gestores e coordenadores pedagógicos) para os alunos. As ações educativas realizadas foram capacitações profissionais, campanhas sobre alimentação e nutrição para promoção da saúde e prevenção de doenças, e inclusão da temática alimentação e nutrição no currículo escolar. Contudo, este estudo sinaliza a necessidade de incluir os alunos no processo de construção e implementação das estratégias educativas para o aprimoramento da EAN na escola. A participação deles é inerente aos processos educativos baseados na educação popular (CASEMIRO et al., 2015).

Quaisquer intervenções educativas de promoção da saúde para adolescentes, devem compreendê-los como atores ativos, com capacidade de criar, inovar, construir e contribuir para a sociedade. Para isso, as intervenções devem se aproximar do seu contexto de vida, de modo a lhes propiciar abertura para o desenvolvimento de ações coletivas, que considerem os condicionantes da realidade na construção do saber (HORTA; SENA, 2010). Neste escopo, as estratégias de EAN que possibilitam a atuação ativa dos alunos se destacam como eficazes para facilitar a prática da alimentação saudável (DUDLEY; COTTON; PERALTA, 2015).

Logo, o nutricionista, profissional historicamente responsável em promover ações de EAN, necessita se integrar aos demais atores escolares - gestão escolar, professores, merendeiras, alunos e família - para contribuir no planejamento das estratégias de EAN de modo que as dimensões da alimentação sejam integradas ao currículo e ao contexto escolar, com destaque para os aspectos sociais e culturais da alimentação (BRASIL, 2010a).

Um estudo mostra a atuação do nutricionista na orientação de professores de uma escola do município de Marília (São Paulo/Brasil) (DETREGIACHI; BRAGA, 2011), com abordagem educativa dialógica para o aprofundamento teórico-reflexivo do conteúdo de cartilhas referentes à EAN de um projeto do Ministério do Desenvolvimento Social. Os efeitos desta ação foram às mudanças significativas no conhecimento dos alunos sobre alimentação e nutrição quando comparadas à escola que não houve a orientação aos professores.

Alguns professores do Brasil apresentam resistência em abordar temas relacionados à alimentação e nutrição na escola, por expor a falta de conhecimento suficientemente amplo sobre a temática, apesar de considerá-los relevantes e imprescindíveis na escola (BOOG, 2010; CUNHA; SOUSA; MACHADO, 2010).

Um estudo realizado em quatro escolas do Distrito Federal (YOKOTA et al., 2010) mostra que atividades de EAN ministradas para alunos, tanto por nutricionistas quanto por professores capacitados em temas sobre alimentação e nutrição, apresentaram efeitos igualmente semelhantes, tal como o aumento do conhecimento sobre a alimentação. Esses resultados destacam a importância da integração do nutricionista com os demais profissionais da escola para a prática da EAN.

Esses fatos reforçam a necessidade das escolas receberem colaboração para

promoção da alimentação saudável, como as formações ou orientações para apoiá-las no trabalho docente e para a inserção dos temas relacionados à alimentação de forma transversal no currículo escolar (BOOG, 2010). Dessa maneira, a EAN pode resultar em mudanças positivas na atuação do profissional em prol da abordagem da alimentação e nutrição na escola (ARCAN et al., 2013).

O envolvimento dos diferentes atores na construção de estratégias de EAN na escola permite o compartilhamento dos saberes próprios para organização de ideias, propostas, ações e possibilidade de decidir pela transformação. Transformações significativas somente podem ocorrer quando os atores participantes tomarem as decisões sobre “o que” e “como” modificar (GANDIN, 2001).

Mas para que ocorra a integração e participação dos atores escolares na construção das estratégias de EAN é necessária a motivação para o envolvimento de todos os atores, de modo a superar as barreiras e as críticas (BRITO; CARNIELLI, 2011). A motivação acontece a partir da compreensão e o reconhecimento da importância da EAN na escola por parte dos atores envolvidos, considerando-a nas várias dimensões que compõe a alimentação das pessoas na sociedade, incluindo a totalidade de determinações e relações que se estabelecem em torno das questões alimentares vivenciadas, com vistas a superar a fragmentação do conhecimento com foco na promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional.

Concomitantemente, outros fatores incentivam a participação dos atores escolares na construção de estratégias de EAN, tais como: sensibilidade com as necessidades da escola; espírito e satisfação de contribuir com a escola, tendo em vista os inúmeros problemas relativos às condições estruturais e organizacionais; desejo de melhorar a alimentação escolar e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, um processo educativo que adota os princípios da educação popular e os da EAN nas suas estratégias exige a superação das práticas educativas tradicionais, incluindo as relações entre os participantes no processo educativo e possibilitando um planejamento participativo, conforme a realidade vivenciada (BURLANDY et al., 2016). Cada escola apresenta questões peculiares que irão moldar a ação e determinar seus efeitos (FISBERG et al., 2016).

Por isso, as estratégias de EAN devem ser planejadas considerando aspectos

metodológicos consistentes, como a construção da proposta pedagógica para as ações educativas. Deste modo, podem alcançar seus objetivos. Este planejamento deve ser realizado com os diversos atores do ambiente escolar (BERNARDON et al., 2009) e em um contexto de respeito aos saberes socialmente construídos, estabelecendo a relação entre a realidade vivenciada, as experiências sociais dos atores e as estratégias educativas (FREIRE, 2016b).

Neste sentido, um processo educativo dialógico e problematizador pode motivar os atores da escola a estabelecer um caminho em direção ao aprendizado coletivo em sua realidade, promovendo o envolvimento entre os mesmos (FREIRE, 2016a; MELO NETO, 2006). Este envolvimento se desenvolve a partir da investigação sobre a alimentação e nutrição no cotidiano, identificação dos problemas alimentares e nutricionais vivenciados, e discussão coletiva. Tal investigação gera um conhecimento crítico e proposições para contribuir na melhoria dos aspectos necessários à promoção da alimentação saudável.

3 QUESTÃO CONDUTORA

Um processo educativo participativo permitirá a construção de estratégias de educação alimentar e nutricional direcionadas às ações centradas na promoção da alimentação adequada e saudável no ambiente escolar?

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar o processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar centradas na promoção da alimentação adequada e saudável.

4.2 Objetivos Específicos

Objetivos da Pesquisa

- Identificar as práticas alimentares dos alunos na escola;
- Desvendar as percepções dos atores escolares sobre a educação alimentar e nutricional;
- Desvelar os significados da participação dos atores escolares, na construção das estratégias de educação alimentar e nutricional;

Objetivos da Ação

- Construir coletivamente estratégias de educação alimentar e nutricional na escola com os atores envolvidos;
- Implementar ações de educação alimentar e nutricional na escola;
- Avaliar as ações de educação alimentar e nutricional, a partir da percepção dos participantes envolvidos.

5 CAMINHO METODOLÓGICO

5.1 Cenário do Estudo

O estudo foi realizado na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda da rede pública estadual, localizada na cidade de Olinda, estado de Pernambuco. A escola estudada está sob a jurisdição da Gerência Regional de Educação (GRE) Metropolitana Norte do Recife. A escola possui 231 alunos e 12 (doze) professores pertencentes ao ensino médio integral (SIEPE, 2014).

A escolha da escola justifica-se por a mesma ser de Referência no Ensino Médio Integral, onde os alunos estão em período integral (manhã e tarde), durante três dias da semana, e fazem três refeições do dia na escola, oferecidas pelo Programa Nacional de Alimentar Escolar. Além disso, a escola escolhida é de pequeno porte, conforme indica o número de alunos e professores. Essa característica contribui para o desenvolvimento da pesquisa, pois aumenta a possibilidade da participação dos alunos e demais atores escolares.

5.2 Delineamento do Estudo

O campo da EAN necessita de métodos que dêem conta da subjetividade que perpassa o processo educativo e dos fatores que o cercam (histórias de vida, crenças e valores presentes na aprendizagem socioculturalmente construída sobre a alimentação) (CASEMIRO et al., 2015; RAMOS; AMPARO-SANTOS; REIS, 2013). Assim, Amparo-Santos (2013) propõe a possibilidade de recorrer à pesquisa-ação como método investigativo apropriado para tal perspectiva, e Cruz e Melo Neto (2014) sugerem ancorá-lo na concepção da educação popular (FREIRE, 2016a).

A pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Existem evidências da utilização da pesquisa-ação para conduzir processos educativos participativos de forma adequada e exitosa, pois apresentam o objetivo comum de aproximar e envolver os diversos atores sociais que compartilham

determinada realidade, em prol da geração do diálogo dos sujeitos que contribua para transformações na realidade vivenciada (TOLEDO; JACOBI, 2013).

Segundo Dionne (2007) a pesquisa-ação é aplicada para responder problemas concretos, e conserva a distinção e especificidade entre a abordagem científica e a abordagem da ação, ao mesmo tempo que associa elas entre si, reduzindo a distância entre teoria e a prática. A pesquisa visa desenvolver conhecimentos e evidenciar sua validade, e a ação visa a mudança de uma situação de maneira eficaz.

A pesquisa-ação ancorada nos fundamentos da educação popular, defendida por Paulo Freire (2016a), pode ser considerada um caminho metodológico capaz de discutir potencialmente o conhecimento sobre a alimentação na realidade vivenciada, e assim, motivar os atores para a promoção da alimentação adequada e saudável na escola. Logo, este estudo descritivo e exploratório qualitativo, utilizou como referencial metodológico a pesquisa-ação (MINAYO, 2008; SANTOS, 2009; THIOLENT, 2011).

A pesquisa-ação utiliza técnicas de pesquisas científicas para desvelar à ação que se decide tomar para melhorar a prática, possibilitando a utilização de várias metodologias e estratégias de investigação e de ação, favorecendo uma relação dinâmica de reflexão-ação e ressignificação da realidade social em questão (TRIPP, 2005).

Um requisito importante neste modelo de pesquisa é o pesquisador inserir-se previamente no cenário do estudo, estabelecer vínculo e compromisso com os participantes. Ele incorpora a responsabilidade do trabalho com os participantes em prol de transformações para melhorar uma dada situação (TRIPP, 2005).

A pesquisa-ação pressupõe a intervenção participativa na realidade social, onde há uma situação problema a ser estudada e o pesquisador reconhece que tem um papel ativo na coparticipação da transformação da realidade inicial, por meio da observação e ação (THIOLENT, 2011). Além disso, exige a participação de todos os seguimentos relacionados ao tema. Logo, torna-se dependente do interesse dos participantes e da disponibilidade de tempo. Essas variáveis são importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação.

Neste contexto, a pesquisa qualitativa oferece a possibilidade não somente conhecer os significados, valores, atitudes e experiências vivenciadas pelos

participantes, mas também de analisar as informações apreendidas e às transformações no contexto (MINAYO, 2008). Dessa forma, este estudo busca a descrição e compreensão do objeto processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional (PPCE-EAN) no contexto escolar, de maneira a trazer a luz novos conhecimentos.

O estudo foi dividido em cinco fases de acordo com a estratégia metodológica da pesquisa-ação recomendada por Thiollent (2011):

- **primeira fase, *exploratória***, consistiu na entrada da pesquisadora no campo de estudo, cuja inserção foi para que a mesma tornasse uma atora do cenário. Após essa integração, foram apresentados os objetivos da pesquisa. Houve uma análise da viabilidade; e realização do diagnóstico do contexto relacionado ao objeto da pesquisa. Este diagnóstico teve a finalidade de conhecer as práticas alimentares dos alunos na escola, as significações, percepções e vivências sobre a alimentação e a educação alimentar e nutricional, bem como desvelar as percepções dos atores sobre a participação no PPCE-EAN.
- **segunda fase, *encontro dos participantes***, consistiu na apresentação e discussão coletiva sobre o arcabouço teórico do tema da pesquisa, seguida da apresentação dos resultados da fase anterior e discussão dos problemas alimentares e nutricionais identificados com os atores escolares.
- **terceira fase, *elaboração das estratégias e escolha das ações***, momento em que os problemas foram retomados, pontuados e discutidos coletivamente, sendo estabelecidas as estratégias que poderiam contribuir para melhorar as situações-problemas. Isso resultou no Plano Participativo de Estratégias de EAN na escola, no qual as ações foram elencadas e algumas deliberadas para serem executadas. Para cada estratégia escolhida foram elaborados planos de ação para guiar a execução.
- **quarta fase, *execução das ações***, momento de implantação das ações de EAN escolhidas direcionadas para os seguintes públicos: os alunos, as merendeiras, a comunidade escolar, incluindo a família.
- **quinta fase, *avaliação do processo***, realizada durante todas as fases da pesquisa. Esta avaliação buscou resgatar as percepções e vivências dos atores escolares no PPCE-EAN.

5.3 Participantes do Estudo

O estudo possui como participantes os membros da gestão escolar (diretor, coordenação pedagógica), os professores, o nutricionista, as merendeiras e os alunos, os quais participaram de todas as etapas da pesquisa. Alguns pais de alunos participaram na etapa de execução das ações, como público alvo de uma das estratégias executadas, e a secretária da escola participou da terceira e quarta fase do estudo.

A equipe de gestão escolar, merendeiras, professores, nutricionista da escola concordaram previamente em participar da pesquisa. Os alunos foram selecionados por meio da amostragem intencional, cujo critério de inclusão corresponde à inclusão das pessoas que podem responder as questões, interagindo com o tema do estudo. Também foi considerada a disponibilidade e interesse de participação da pesquisa. (MINAYO, 2009).

O número de alunos participantes seguiu o critério de saturação das informações na pesquisa qualitativa. O critério de saturação das informações corresponde ao surgimento da redundância de informações coletadas, ou seja, à medida que se procede a coleta dos dados, são observadas e analisadas as informações que surgem e quando essas passam a se repetir, tem-se a saturação da amostra, cessando-se a coleta (MINAYO, 2008). A definição dos participantes se deu a partir das reuniões realizadas em fevereiro de 2015.

5.4 Coleta das Informações

A coleta das informações iniciou no período de fevereiro de 2015 a março de 2016. As técnicas de coletas elegidas foram: a observação participante (diário de campo); o grupo focal (FLICK, 2004; MINAYO, 2008; WELLER, 2010).

A observação participante é definida como uma estratégia de coleta de dados a partir da inserção da pesquisadora no campo, sendo possível a observação direta dos comportamentos e eventos que envolvem os participantes, de modo a apreender a complexidade do campo (FLICK, 2004). Neste estudo foram observados fatos e práticas dos participantes relacionadas à alimentação no contexto da escola. Para o registro desta coleta de dados foi utilizado o diário de campo (caderno de anotações).

No grupo focal, a coleta de dados aconteceu por meio da discussão e interação entre os participantes e a pesquisadora (moderadora) sobre o tema proposto (MINAYO, 2008). Os grupos focais são geralmente constituídos por um número de seis a oito pessoas (WELLER, 2010), podendo ocorrer com menor ou maior número de pessoas a depender do interesse e envolvimento dos participantes com o tema (GONDIM, 2003).

O grupo focal possui critérios que buscam o consenso emergente, a partilha e o contraste de experiências que são construídas a partir de interesses comuns. Nele, as pessoas podem ser criativas, podem explorar imagens, metáforas e empregar estímulos de tipo projetivo (fotografias, gravuras, filmes) (BAUER; GASKELL, 2013).

Para a condução do grupo focal é orientado a elaboração de um tópico guia, contendo perguntas norteadoras e títulos que as complementam, de modo que a discussão traduza os pensamentos do grupo, tendo-se o cuidado para que a visão pessoal de cada integrante seja explorada em detalhe (BAUER; GASKELL, 2013).

As perguntas do tópico guia podem ser caracterizadas como não diretivas, ou seja, perguntas abertas, a fim de evitar a influência do moderador nas manifestações dos participantes. A execução do grupo focal neste estudo seguiu um roteiro norteador da sessão para grupo focal, segundo Dall' Agnol e Trench (1999) (APÊNDICE A). A validade dos grupos focais ocorreu ao final de cada sessão a partir da apresentação sintetizada das percepções de cada participante no grupo seguida da argumentação direta sobre a veracidade das informações, a fim de evitar uma interpretação equivocada por parte da moderadora (GONDIM, 2003). Os observadores que auxiliaram na coleta das informações dos grupos focais foram as estagiárias, alunas do Curso de Nutrição, que receberam treinamento para tal procedimento.

A coleta de informações aconteceu de acordo com uma agenda elaborada a partir de cada fase executada, possuindo o tempo de duração conforme estabelecido no cronograma, porém flexível a depender das circunstâncias dos participantes.

Especificamente sobre a coleta das informações nos grupos focais, os participantes (gestão escolar, merendeiras, nutricionista, professores e alunos), foram convidados pessoalmente pela pesquisadora, no próprio espaço escolar, considerando a disponibilidade de tempo dos mesmos. O tempo de duração dos

grupos focais seguiu o critério de saturação das informações, que consiste ao não surgimento de novas percepções em cada sessão, representado pela repetição das falas sobre o tema investigado (GONDIM, 2003).

Todas as informações dos grupos focais foram gravadas em gravador digital, marca *Sony*. Em seguida foram transcritas na íntegra e digitadas no *software* Microsoft Office Word 2007 por quatro estagiárias, alunas do Curso de Nutrição e validadas pela pesquisadora, que teve a responsabilidade sobre as informações coletadas, armazenando-as no computador pessoal.

O local de realização do estudo aconteceu em diferentes espaços da escola (sala de aula, pátio da escola onde funcionava o refeitório, biblioteca, cozinha da escola), em horários que não interferisse nas aulas. A realização dos grupos focais ocorreu em sala de aula, local silencioso, seguro, com estrutura física (uso de cadeiras dispostas ao redor de uma mesa para apoio).

Nos parágrafos a seguir é discorrido o processo de coleta de dados em cada fase da pesquisa-ação, embasado nos princípios do diálogo e problematização.

5.4.1 Fase 1 – Exploratória

A entrada da pesquisadora no campo de estudo se deu a partir de sua inserção no contexto da escola para conhecer melhor o ambiente, sua estrutura física, funcionamento, identificar os fluxos de trabalho e das pessoas, interagir com a equipe da gestão escolar (direção, secretária, coordenador pedagógico), professores, merendeiras, demais funcionários e alunos, de modo a torna-se um participante do contexto escolar.

A pesquisadora mantinha vínculo com alguns atores da escola (gestão escolar, merendeiras, nutricionista) previamente ao início do estudo. A interação com os demais atores escolares iniciou-se no período de início das aulas letivas do ano de 2015.

Neste momento, a pesquisadora se inseriu nas atividades de rotina da escola, como acompanhamento dos alunos durante a distribuição e consumo da alimentação escolar, participação de reunião com professores como ouvintes, realização de lista de compras de alimentos para o gestor providenciar a aquisição para a alimentação escolar, orientações sobre o cardápio para as merendeiras, para

o gestor escolar e secretária da escola, que coordenam a alimentação escolar.

A partir desta integração, foi realizada a apresentação do projeto aos participantes envolvidos (professores e gestão escolar), na qual foram expostos os objetivos da pesquisa, o tempo aproximado, necessário para a sua realização e sua viabilidade, e assinados os termos de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B). Nesta reunião, parte dos professores se recusaram a participar, alegando a falta de disponibilidade de tempo para participar do estudo, apesar de afirmarem a importância e necessidade do mesmo na escola. De imediato apenas dois professores aceitaram participar, e no decorrer das discussões sobre as etapas da pesquisa e o tempo a ser disponibilizado foi indicado pela coordenação pedagógica da escola para inserir a pesquisa no horário dos projetos da escola, já existente no calendário da escola. Esses projetos deveriam ser de autoria de cada professor com respectivo grupo de alunos, funcionando nos dias de quarta-feira à tarde.

O projeto de pesquisa se inseriu no contexto da escola como um projeto de nutrição, coordenado pela pesquisadora do estudo. Os demais professores participaria de acordo com a disponibilidade para os encontros e grupos focais, que iriam acontecer no próprio ambiente da escola, pois estariam desenvolvendo seus projetos individuais. Assim, estes professores fizeram parte da observação participante e alguns participaram de algumas fases da pesquisa.

No dia 4 de março de 2015 foi realizada esta mesma reunião com os alunos. Esses, por serem em grande número, foram selecionados intencionalmente, pelo diretor da escola e pesquisadora, considerando os critérios de serem os alunos protagonistas e representantes de turma, e conforme a demonstração de interesse para a participação nos grupos focais. O aluno protagonista é aquele que exerce atividades de monitoria das ações escolares, contribuindo para o funcionamento e organização da escola.

Entre esses alunos estavam monitores e representantes de turma, os quais aceitaram participar dos grupos focais. Imediatamente após a aceitação para participar da pesquisa, o termo de assentimento livre e esclarecido foi apresentado para cumprir os aspectos éticos (APÊNDICE C). Os alunos se responsabilizaram de recolher os termos dos demais colegas da escola que iriam participar da pesquisa.

Os pais dos alunos assinaram previamente os termos de consentimento livre e esclarecido no ato da matrícula, a fim de autorizar seus filhos a participarem da

pesquisa (APÊNDICE D). Isso aconteceu após convite e esclarecimentos sobre a pesquisa, realizado pela equipe da secretaria da escola devidamente capacitada.

As reuniões resultaram na elaboração, pela pesquisadora, do cronograma inicial das atividades relacionadas à realização dos primeiros grupos focais e previsão para as demais fases da pesquisa. A partir de então, com a presença da pesquisadora na escola, teve início o diagnóstico do universo simbólico, das significações, percepções e vivências dos atores escolares sobre a alimentação dos alunos e a EAN na escola.

Esse diagnóstico além da observação participante, realizada desde o primeiro dia de aula, integrou a caracterização demográfica (idade e sexo) dos participantes, por meio da aplicação do questionário estruturado autoaplicado da Global Shcool-Based Student Health Survey (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013), adaptado para os alunos (APÊNDICE E), e o levantamento nas fichas funcionais dos profissionais.

Também foram realizados cinco grupos focais: um grupo focal com três merendeiras com a duração de 76 minutos, neste momento as merendeiras assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B); um grupo focal com a gestão escolar, dois professores e o nutricionista com a duração de 37 minutos; e três grupos focais com dezessete alunos, de modo a garantir a participação dos alunos das três séries do Ensino Médio, 1º, 2º e 3º anos, sendo o primeiro com a duração de 99 minutos; o segundo com a duração de 56 minutos; e o terceiro grupo focal de alunos com a duração de 23 minutos.

O grupo focal da gestão escolar, professores e nutricionista foi conduzido pelo seguinte tópico guia com perguntas norteadoras:

- *Como vocês percebem a alimentação dos alunos na escola?*
- *Como vocês percebem a educação alimentar e nutricional na escola?*
- *O que acham da participação neste processo de elaboração de estratégias de educação alimentar e nutricional na escola?*

O grupo focal de merendeiras foi conduzido pelas seguintes perguntas norteadoras:

- *O que é uma alimentação saudável?*
- *Como percebem a alimentação dos alunos na escola?*
- *Como percebem educação alimentar e nutricional na escola?*

- *O que entendem por educação alimentar e nutricional?*
- *O que acham da participação neste processo de elaboração de estratégias de educação alimentar e nutricional?*

O grupo focal dos alunos foi conduzido pelas seguintes perguntas norteadoras:

- *O que é alimentação saudável?*
- *Como é a sua alimentação em casa?*
- *Como é a sua alimentação na escola?*
- *O que entendem por educação alimentar e nutricional?*
- *Como percebem a educação alimentar e nutricional na escola?*
- *O que acham da participação neste processo de elaboração de estratégias de educação alimentar e nutricional?*

As informações colhidas de cada grupo focal foram analisadas, por meio da Análise Temática de Bardin (2011), para serem apresentadas aos atores escolares do estudo na fase seguinte: *encontro dos participantes*.

5.4.2 Fase 2 – Encontro dos participantes

O *encontro dos participantes* se fez com os atores escolares dos grupos focais anteriores, no qual foram expostos os resultados da fase exploratória. Também foi apresentado e discutido o arcabouço teórico do tema do estudo. As informações consolidadas foram expostas por meio do uso de multimídia, com objetivo de fomentar o diálogo, a problematização e a participação dos atores escolares.

O *encontro dos participantes* foi realizado em três sessões diferentes, a fim de garantir a participação de todos os atores envolvidos e fomentar diferentes discussões sobre os resultados e análise dos problemas encontrados: na primeira estiveram presentes o diretor da escola, as merendeiras e dois professores; com a duração de 105 minutos; na segunda participaram doze alunos dos grupos focais anteriores; com a duração de 150 minutos; na terceira participaram oito professores, a coordenação pedagógica, o diretor da escola e o nutricionista da escola; com a duração de 120 minutos.

Assim, todos os atores da escola puderam conhecer e discutir os problemas alimentares e nutricionais da escola e dos alunos.

5.4.3 Fase 3 – Elaboração das estratégias e escolha das ações

Nesta etapa, foi retomada a análise dos problemas, e a partir dessa, a *elaboração das estratégias* que culminou com o “Plano Participativo de Estratégias de EAN”, e posterior escolha das ações e estruturação dos planos de ação.

Para elaboração deste plano, foram formados três grupos focais, com a finalidade de construir as estratégias de EAN coletivamente: um grupo focal com três merendeiras; com a duração de 55 minutos; um grupo focal com quinze alunos; com a duração de 29 minutos; um grupo focal com a participação de seis professores, o nutricionista, a coordenação pedagógica e o diretor da escola; com a duração de 120 minutos.

Os grupos focais foram desenvolvidos a partir da seguinte pergunta norteadora:
- Diante dos problemas identificados, quais as ações ou atividades que podem ser realizadas, como realizá-las e quem deve realizá-las para contribuir na solução dos problemas?

Especificamente para os alunos do grupo focal, além da participação no grupo focal, foi realizada uma oficina de planejamento de estratégias de EAN. Esta oficina teve o objetivo de promover uma melhor interação entre os alunos, e desses com o objeto do estudo e com os problemas alimentares e nutricionais.

A oficina foi conduzida por meio de uma roda de conversa onde a pesquisadora iniciou o diálogo resgatando da memória o início desta história, ou seja, desta pesquisa, destacando o levantamento dos problemas, a voz dos alunos e sua capacidade de mobilização em prol de mudanças relacionadas à alimentação e EAN em seu contexto escolar.

Para estimular a participação dos alunos foram feitas perguntas sobre os problemas anteriormente manifestados: O que fazer para contribuir na solução deste problema? Como fazer e quando, e quem deve fazer? As situações-problemas e as perguntas foram inscritas em cartolinas e discutidas em três grupos de quatro alunos, totalizando a participação de doze alunos envolvidos nos grupos focais. Esta oficina teve duração de aproximadamente 120 minutos. Os resultados provenientes dessa oficina foram agregados às informações colhidas pelos grupos focais.

As informações coletadas nestes três grupos focais foram analisadas por meio da Técnica de Análise Temática (BARDIN, 2011), cujos temas e subcategorias

compuseram o Plano Participativo de Estratégias de EAN (APÊNDICE F).

Posteriormente aos grupos focais, foi realizada uma reunião com participação de uma comissão formada pelo nutricionista, gestão escolar (secretária da escola, a qual também responde pelo Programa de Alimentação Escolar), dois professores, as merendeiras e dois alunos, selecionados pelos integrantes dos grupos anteriores. Neste momento todas as ações construídas no Plano Participativo de Estratégias de EAN pelos atores foram elencadas, discutidas e ajustadas quanto ao formato de sua implementação, incluindo o período de tempo e responsáveis (APÊNDICE F). Como resultado desse diálogo realizou-se a escolha das ações viáveis para serem executadas (APÊNDICE G).

Em seguida, aconteceu uma segunda reunião com a participação do diretor da escola e coordenação pedagógica para apresentar as ações escolhidas, sendo as estratégias discutidas e deliberadas conforme definidas pela comissão citada acima.

A partir de então, foram desenvolvidos os planos de cada ação escolhida, compostos de tema, objetivo, público alvo, tempo de duração, local de execução, pessoas responsáveis e metodologia (APÊNDICE H).

5.4.4 Fase 4 – Execução das ações

As ações de EAN escolhidas foram desenvolvidas de acordo com os planos de ação delineados (APÊNDICE H) na etapa anterior. Esta fase de execução dos planos de ação teve início no dia 23 de julho de 2015 e finalizou em 19 de novembro de 2015.

5.4.5 Fase 5 – Avaliação do processo

A avaliação adotada neste estudo segue os princípios da avaliação contínua, a qual integra todo o processo da pesquisa-ação, assim analisa a contribuição do processo educativo para a formação de uma visão crítica sobre a realidade vivenciada e a transformação das práticas de todos os envolvidos (DIONNE, 2007; RUCKERT et al., 2014). Esta avaliação é indicada para ser realizada durante processos educativos em alimentação e nutrição (CERVATO-MANCUSO, 2011), sendo possível apreender a complexidade do objeto, identificar as fraquezas, as

falhas, os conflitos, os obstáculos, os aprendizados e os focos de mudanças durante o processo de construção das estratégias de EAN (MAGALHÃES, 2014).

A avaliação do processo destaca a experiência, as consequências e as contribuições inerentes à intervenção, indo além da lógica da objetividade. Portanto, está centrada em compreender e retratar as complexidades do processo de construção das estratégias educativas, as expectativas e o universo simbólico e de significações dos atores envolvidos, especialmente do público, foco das estratégias (ASSUMPÇÃO; CAMPOS, 2011; FINKLER; DELL'AGLIO, 2013). A avaliação do processo é fundamental para a socialização dos resultados e aperfeiçoamento das estratégias educativas (CUNHA; SOUSA; MACHADO, 2010).

Segundo Dionne (2007), a escolha dos critérios de avaliação depende dos objetivos da pesquisa-ação. Neste contexto, a avaliação da construção das estratégias de EAN caracteriza-se em compreender o processo participativo, dialógico e problematizador, por meio das percepções dos atores envolvidos. Para isso, a avaliação constou de uma pesquisa qualitativa e foi realizada no decorrer de todas as fases da pesquisa, segundo a percepção dos atores envolvidos.

A avaliação foi estruturada para verificar o PPCE-EAN, as consequências desta implementação, considerando três aspectos básicos:

- a) solução ou controle dos problemas que motivou as ações;
- b) desenvolvimento da humanização (interação, respeito, parceria) no contexto da convivência, no processo educativo e de aprendizagem entre os atores participantes;
- c) desenvolvimento de expressões que apontem mudanças cognitivas e/ou no comportamento referido e observado dos atores participantes;

Para isso, foram utilizadas como técnicas de coleta dessas informações: a observação participante, e os grupos focais.

Assim, após o término da execução de todas as ações escolhidas, foram realizados quatro grupos focais com os atores escolares participantes, com a finalidade de analisar o processo de construção das estratégias de EAN desenvolvidas na escola. Os grupos focais foram: um com a gestão escolar, dois professores e o nutricionista, com a duração de 67 minutos; um com merendeiras, com a duração de 87 minutos; e dois com alunos, sendo o primeiro grupo com oito alunos, com a duração de 72 minutos, e o segundo com quatorze alunos, com a

duração de 110 minutos.

Os grupos focais dos profissionais (gestão escolar, professores, nutricionista, merendeiras) da escola foram conduzidos com as seguintes perguntas norteadoras:

- *Como vocês perceberam o processo de desenvolvimento das atividades de educação alimentar e nutricional na escola?*
- *O que acharam das atividades realizadas?*
- *Como foi sua participação nas ações de educação alimentar e nutricional?*
- *Como vocês imaginam a continuação dessas ações na escola?*

Para o grupo focal de alunos:

- *Como vocês perceberam o processo de desenvolvimento das atividades de educação alimentar e nutricional?*
- *O que acharam das atividades realizadas?*
- *Como foi sua participação nas ações de educação alimentar e nutricional?*

Envolvimento nas atividades

- *Como vocês imaginam a continuidade dessas ações na escola?*
- *No dia a dia, na sala de aula, como vocês percebem os assuntos relacionados à alimentação e nutrição?*
- *Como está a sua alimentação atualmente?*

5.5 Análise das Informações

Para as análises das informações coletadas aplicou-se a análise qualitativa. Esta se adéqua a pesquisas que requerem tomadas de decisão e produção teórica, pois analisa o conteúdo manifesto nas falas dos participantes (GONDIM, 2003).

A análise qualitativa foi aplicada as informações geradas pelos grupos focais. As informações foram sistematizadas e analisadas à luz dos pressupostos da Análise do Conteúdo Temática, segundo técnica proposta por Bardin (2011). A operacionalização da análise seguiu as seguintes fases (BARDIN, 2011):

1ª Pré-análise: foi realizada uma “leitura flutuante” das informações coletadas, em seguida formada a “constituição do corpus”, que significa uma organização do material coletado quanto à verificação das normas de validade qualitativa, como a *exaustividade* (que o material coletado contemple todos os aspectos levantados no grupo focal); a *representatividade* (que contenha as características essenciais do

universo estudado); a *homogeneidade* (que obedeça aos critérios de ter sido coletado com a mesma técnica, que haja precisão na escolha dos temas tratados, e semelhança dos atributos entre os sujeitos); a *pertinência* (que o material coletado seja adequado para responder aos objetivos do estudo). Após a constituição do corpus, foi determinada a definição das unidades de registro ou núcleos de sentido (palavras-chave ou frases que respondiam a pergunta condutora), e as unidades de contexto (parágrafo da entrevista onde estava localizado o núcleo de sentido, sendo delimitada a compreensão do mesmo).

2ª Exploração do material: nesta fase foi procedida a codificação para se alcançar as categorias temáticas. A primeira codificação foi realizada por meio dos núcleos de sentido contidos nas unidades de contexto, agrupando-os por semelhança de significados. Essa codificação resultou em frases e temas. Na segunda codificação, foi feita uma confrontação da codificação anterior com os núcleos de sentido e as unidades de contexto, havendo um novo agrupamento, sendo estabelecidas as subcategorias. A partir de todas as subcategorias formadas em cada grupo focal foram classificadas e agregadas segundo a semelhança semântica, assim originando às categorias temáticas.

3ª Tratamento e interpretação dos depoimentos: por fim, foram realizadas a distribuição das categorias temáticas encontradas, interpretação e discussão das mesmas a luz do referencial teórico e literatura científica.

As análises foram feitas no formato de grelhas, utilizando o software Microsoft Office Word 2007.

5.6 Considerações Éticas

O presente estudo foi previamente submetido à análise e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco CEP/CCS/UFPE, de acordo com a resolução N.º 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, estando registrado com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE nº 38771314.7.0000.5208 na Plataforma Brasil (ANEXO A). O estudo foi autorizado pela Gerência Regional de Educação do Estado de Pernambuco (ANEXO B) e pela escola por meio da carta de anuência (ANEXO C).

Os voluntários da pesquisa com idade maior que 18 anos, ou seja, emancipados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B), onde se explicou em detalhes os objetivos do trabalho, seus riscos e benefícios, para então poderem participar do estudo.

Os alunos com idade entre 12 a 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (APÊNDICE C), em concordância para a participação na pesquisa. Os pais ou responsável pelos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE D), para autorizar a participação de seus filhos. A assinatura dos demais atores escolares ocorreu no início do mês de fevereiro (gestão escolar, professores, nutricionista, alunos) e de mês de março (merendeiras).

A pesquisadora assinou os mesmos termos dos participantes, assumindo compromisso de guardar em sigilo os nomes dos mesmos, bem como qualquer informação pessoal, estando ciente da retirada do consentimento do participante da pesquisa a qualquer momento.

6 RESULTADOS

No decorrer do estudo foram realizados 53 registros de observações participantes, correspondentes aos cinquenta e três dias distribuídos no período de treze meses da pesquisadora na escola, que envolveram a entrada no campo, reuniões, interação com os participantes, observação da rotina da escola, registros do consumo alimentar dos alunos na escola, e do funcionamento do Programa de Alimentação Escolar. Neste período foram realizados doze grupos focais, na primeira, terceira e após a quarta fases da pesquisa; e seis ações de EAN foram executadas (FIGURA 1).

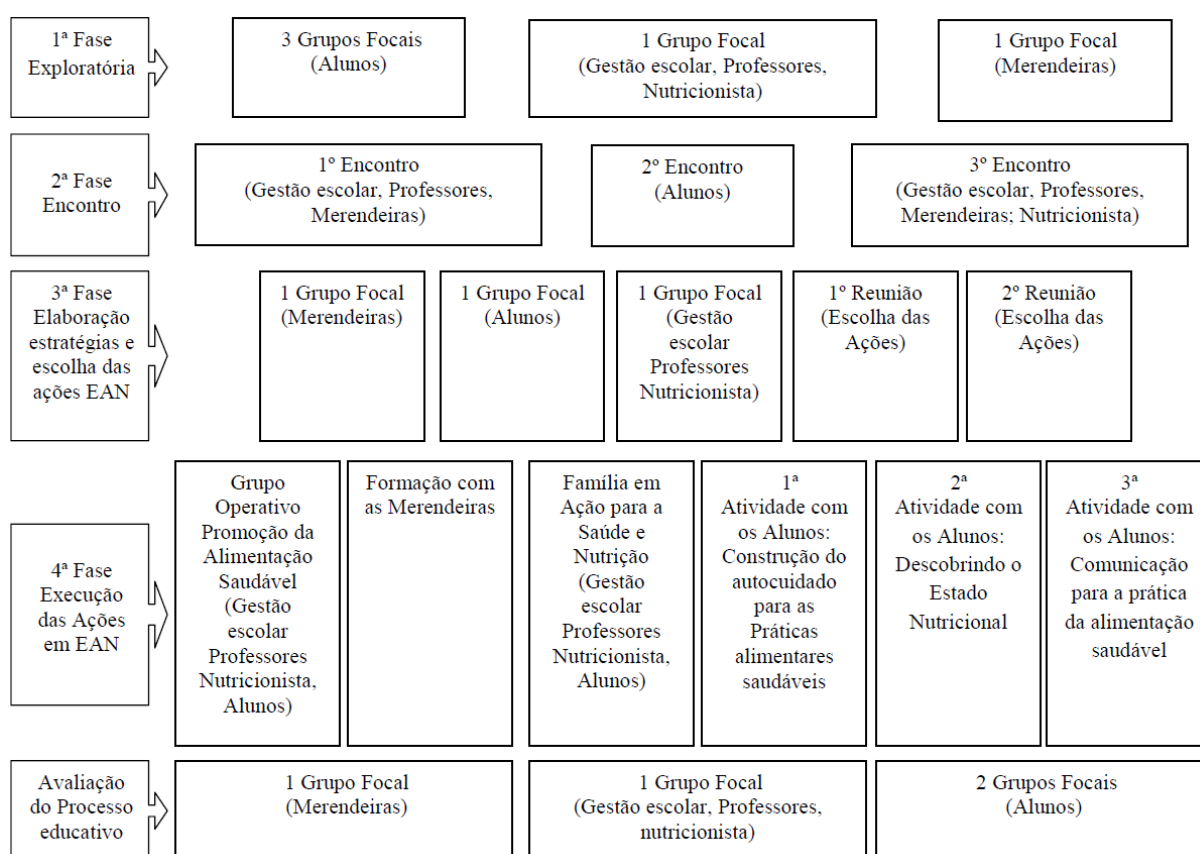


Figura 1 - Processo participativo de construção de estratégias de educação alimentar e nutricional com a participação dos atores escolares, Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa organizados nas fases da pesquisa-ação:

6.1 Fase 1 – Exploratória

6.1.1 Entrada no campo

A entrada da pesquisadora no cenário da pesquisa para integração com os atores da escola aconteceu no início do mês de fevereiro de 2015 (APÊNDICE I). Anteriormente, este contato havia sido apenas com o diretor e a secretária da escola, as merendeiras e o nutricionista. Os atores escolares demonstraram atitudes de reconhecimento ao trabalho da pesquisadora, por ser nutricionista e possuir vínculo profissional na Gerência Regional de Educação Metropolitana Norte do Recife, a qual a escola é jurisdicionada.

A partir da observação também foi possível à realização do reconhecimento da estrutura física da escola, sendo essa de pequeno porte, e possui: oito salas de aula; uma biblioteca; dois sanitários para alunos, um masculino e outro feminino; uma sala de professores com um sanitário; uma sala da coordenação pedagógica; uma sala da secretaria e ao lado um sanitário; uma sala da direção escolar; um pátio de tamanho pequeno, coberto onde funciona o refeitório; e um pátio também de tamanho pequeno sem cobertura, com o piso revestido de lajotas, onde acontecem as aulas de educação física.

Também houve o reconhecimento detalhado da cozinha da escola, pois era o local onde se preparava a alimentação escolar. A respeito da estrutura física, em termos de composição de áreas e dimensões, constatou-se que: a cozinha apresentava tamanho pequeno; o piso era do tipo monolítico, revestimento de cimento; havia um ralo sem dispositivo de fechamento; as paredes eram revestidas de azulejo na cor branca; o teto de laje na cor branca; as lâmpadas fluorescentes; possuía um basculante com telas milimétricas; uma porta de acesso e uma janela, ambas de madeira, pintadas com tinta óleo de cor azul. A janela da cozinha era o local onde acontecia a distribuição da alimentação escolar aos alunos. Existia na cozinha duas pias com bancadas, sendo uma com revestimento de mármore e duas cubas de inox, e outra de cimento, dispostas de torneiras e água corrente. Em relação aos equipamentos presentes, havia um filtro de parede; um fogão industrial de seis bocas em precário estado de conservação, que dois meses depois foi substituído por um fogão com forno novo, pela secretaria de educação; dois frízeres;

duas geladeiras domésticas, estando uma em precário estado de conservação, ambas localizadas na parte externa da cozinha; um liquidificador industrial de 8 litros, um espremedor de laranja industrial. Em relação aos utensílios, havia caçarolas; caldeirões; frigideira; pratos, copos, talheres, de vidro, inox e de plástico. Os utensílios utilizados pelos alunos eram de plástico. Na cozinha existia uma porta para acesso ao estoque de alimentos secos, onde também eram armazenados os utensílios. Este apresenta tamanho compatível com a quantidade de alimentos secos armazenados. O piso do estoque era do tipo monolítico, revestido de cimento, as prateleiras e as paredes eram revestidas de azulejo na cor branca, teto de laje na cor branca, lâmpadas fluorescentes e basculantes com telas milimétricas.

Com relação à funcionalidade da cozinha observou-se inexistência de um fluxo contínuo para a matéria-prima (alimentos) devido ao tamanho e à disposição da estrutura física das áreas de recepção, armazenamento em temperatura controlada e a seco, pré-preparo, preparo dos alimentos, e distribuição. Para o controle de qualidade higiênico-sanitário existiam horários específicos para o pré-preparo de carnes separados de hortaliças e frutas.

A partir do reconhecimento deste cenário, pude inserir-me nas atividades de rotina da escola, para o estabelecimento de vínculos e o compromisso com os participantes, a incorporação da responsabilidade do trabalho com eles. O interesse demonstrado pelos participantes é um pré-requisito para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação.

Além disso, os aspectos das relações interpessoais, inerentes aos participantes, contribuíram para o desenvolvimento do PPCE-EAN, tais como: a disposição para as atividades, o interesse pelas histórias de vida dos atores, a aceitação, a coerência, a flexibilidade, a confiança, a coragem, o otimismo, a gentileza, a empatia, a paciência, a persistência, o prazer e a satisfação. Este conjunto de atributos revelam a complexidade para a promoção das práticas de EAN participativas na escola.

6.1.2 Atores do estudo

A gestão escolar (diretor, coordenação pedagógica e secretária da escola) estava há pouco mais de um ano no cargo e manifestou o interesse em desenvolver

a pesquisa, tendo participado de todas as fases.

Entre os professores pertencentes à escola, oito eram do sexo feminino, e apenas três eram do sexo masculino, com formação acadêmica em letras, matemática, física, biologia, geografia, história, educação física.

Inicialmente apenas dois professores participaram da Fase 1 – Exploratória, especificamente do grupo focal; oito professores participaram da segunda Fase 2 – Encontro dos participantes; seis professores participaram da Fase 3 – Elaboração das estratégias e escolha das estratégias; seis professores participaram na Fase 4 – Execução das ações.

Os professores alegaram falta de disponibilidade para participar de todas as fases da pesquisa, apesar de considerá-la importante para a escola. Essa dificuldade de integrar maior número de professores em todas as fases do estudo, não inviabilizou a condução do processo participativo de construção de estratégias de EAN, pois o envolvimento deles em algumas fases específicas foi intenso e regado de compromisso e disposição para promoção das ações. Além disso, houve o contato direto da pesquisadora, por meio de conversas e declarações, que fizeram parte da observação participante.

O nutricionista da escola era do sexo feminino, com 63 anos de idade, apresentava três anos de exercício profissional no Programa Nacional de Alimentação Escolar do estado de Pernambuco, e durante este período era o responsável técnico pela escola. A nutricionista participou de todas as fases da pesquisa, exceto da Fase 4 - Execução das ações, devido à alegação da falta de disponibilidade de tempo no período.

As merendeiras eram do sexo feminino, com idades entre 33 e 60 anos, apresentando de oito a vinte anos de exercício profissional no Programa Nacional de Alimentação Escolar do estado de Pernambuco.

Com relação a participação dos alunos nos grupos focais, na Fase 1 - Exploratória, participaram dezessete alunos; na Fase 2 – Encontro dos participantes, participaram doze alunos; na Fase 3 – Elaboração das estratégias e escolha das ações, participaram quinze alunos; na Fase 4 – Execução das ações, a participação dos alunos variou conforme a atividade, como público alvo e enquanto protagonistas (monitores nas ações).

Dentre o total de alunos (n. 202) da escola, 62,7% era do sexo feminino, e

37,3% era do sexo masculino, com idade entre 14 e 19 anos, uma fase de vida que compreende a adolescência.

6.1.3 Investigação da realidade alimentar da escola

A análise das informações colhidas nos grupos focais possibilitou desvelar as práticas alimentares dos alunos, as vivências, os significados e as percepções sobre a alimentação e a EAN na escola, e sobre a participação dos atores envolvidos no processo de construção de estratégias de EAN.

A seguir estão oito temas e subcategorias detalhadas, embasadas nas falas dos atores participantes, emergidas dos grupos focais analisados segundo a Técnica de Análise de Conteúdo (BRADIN, 2011). Para manter o anonimato dos participantes na descrição dos resultados, cada participante foi identificado por uma letra de acordo com o seu grupo focal (aluno - A, merendeiras - M, gestão escolar, professores e nutricionista - G), seguida de um número para cada participante.

Tema 1 - Conhecimentos sobre alimentação saudável

Subcategoria 1.1 - Alimentação saudável é uma dieta adequada e controlada, que depende da cultura e preferências alimentares, composta de alimentos regionais, variados, e abrange a qualidade higiênico-sanitária dos alimentos e utensílios:

... alimentação saudável é comer comidas saudáveis, de preferência fazer uma dieta adequada para o corpo ... (A1)

... é comer salada... comer feijão... se alimentar bem com suco, sem muito refrigerante, com água... (A2)

... comidas com muito cálcio, vitaminas... comer frutas, verduras, legumes, proteínas, vitamina C, vitamina D... alimentação balanceada... (A4)

... Rica em vários nutrientes.... Comer sempre na hora certa... sempre regulado... Mas pode comer, mas não exageradamente... compulsivamente, comer direto... frituras... guaraná... doces... (A6)

... É tudo aquilo que faz bem a saúde, e lhe dá um desenvolvimento físico ao corpo e ao organismo... (A11)

... Alimentação saudável é você comer um pouco de tudo, mas você não pode exagerar. Ah! Eu vou comer só verduras o tempo todo, não, não é certo. Você

também pode comer doces, mas tem que controlar a quantidade de doce; você pode comer frituras... um pouco de tudo... (A15)

... é uma questão de costume, se desde pequeno tenho essa criação de comer frutas, legumes, vou crescer com isso... Então é uma questão mais cultural... (A12)

... Alimentação saudável é... feijão, arroz, carne, legumes, suco... fritura não é alimentação saudável não, feijão, arroz, carne, galinha, legumes, salada, um suco... (M1)

... A limpeza também faz parte... o tratar dos alimentos, da comida, dos pratos.. copos... ter higiene, limpar, lavar tudo direitinho... com uma água tratada... filtrada, clorada... (M3)

Tema 2 - As práticas alimentares dos adolescentes

Subcategoria 2.1 - As práticas alimentares são formadas e influenciadas pelas famílias, e repercutem na escola:

... alimentação é de família... não gosto de verdura, ai minha mãe me deixa comer o que quiser... na casa do pai, mesmo não gostando, ele me força a comer em pequenas quantidades... tomate, cebola... cenoura... (A14)

... a educação de casa... vai fazer na escola. Se o menino disse: não quero feijão, não quero arroz, deixa ele a vontade... (M1)

... se a gente consegue educar nossos filhos desde pequeninhos a comer feijãozinho, um arroz, uma carnezinha, ele vai acostumar, mas se em casa ele foi acostumado comer de qualquer jeito ou qualquer coisa, então na escola faz a mesma coisa, aonde ele for vai fazer a mesma coisa também... (M2)

... eles trazem de casa uma coisa engessada... eles estão numa fase onde é muito mais difícil mudar o hábito alimentar deles. Uma coisa é você está lidando com uma criança onde você faz: “aquele dia é o lanche coletivo”... outra coisa é a gente está lidando com esse público (adolescentes)... qualquer mudança com eles é muito mais complexa. (G1)

Subcategoria 2.3 - As escolhas e preferências alimentares estão voltadas para alimentos ricos em açúcares e gorduras, em detrimento de frutas e verduras, e dependem do estado emocional:

... doces, coisas gordurosas... como direto essas coisas... doces, refrigerante... muita fritura... Nós? Para saúde não é muito bom, porque tem muita gordura, muita fritura. Mas assim, é muito gostosa... Mas como a gente está acostumada às comidas com muita gordura, fritura... a gente só vai saber que está comendo... está sentindo o gosto daquela comida boa. Não vai lembrar da saúde na hora... (A7)

... A questão da alimentação é a mais péssima possível.. eles (alunos) não têm o hábito de se alimentar bem, não conhecem muitas vezes os valores dos alimentos... (G1)

... se ficar triste, não como... se me chatear com alguém não como... Quando estou triste ou estressada eu como muito, e muito doce... (A9)

Subcategoria 2.4 - Há o hábito e gostam de cozinhar em casa:

... quando estou em casa, cozinho, porque minha mãe trabalha, aí sai de manhã de cinco horas, aí cozinho... arroz, feijão, carne... gosto muito de variar, às vezes faço estrogonofe, faço lasanha, faço macarronada, verduras, feijão, arroz... (A5)

... gosto muito de inventar pratos... domingo mesmo fiz macarrão, misturei é queijo, carne moída, salsicha, presunto... (A12)

Subcategoria 2.5 - A alimentação escolar é consumida às vezes ou nunca, sendo substituída por lanches comprados na barraca ou trazidos de casa, ou não há consumo de alimento na escola:

... acho que eles não se alimentam como deve ser... ficam mal alimentados, a gente fica em cima, eles não comem o que tem dentro da escola, a gente procura fazer o melhor... eles vão buscar outro tipo de comida pra comer... (M3)

... tem menino que prefere trocar uma melancia por besteira... alguns comem, alguns não, preferem comprar besteiras lá fora... (M2)

... não gosto da comida daqui... compro lanche lá na frente... prefiro comer fritura do quê está comendo aqui... sinto muita vontade de comer é pipoca doce e biscoito de chocolate... tiver com fome, tiver dinheiro pra comprar, vou e como... (A14)

... A aparência da comida não está muito boa, aí olho assim “não vou comer”. Aí vou aí, saio e compro, como fritura... (A10)

... na nossa casa a gente tem um tipo de alimentação adequada, é melhor do que a escola... a comida da casa da gente já está acostumado... às vezes trago comida...

(A6)

... Tem muita gente também que prefere comer nem um nem outro. Porque ou é muito caro, ou a comida é ruim... a aparência da comida da escola já não é boa. E Freitas (barraca) também é muito gorduroso... (A3)

... sinto essa necessidade de comer... sinto o meu organismo falando que está com fome, mas por ter comida que não gosto, ou por ter algo que não queira comer, não como na escola, quase nunca como... (A15)

... aqui na escola, fico praticamente o dia todo sem comer... Porque não gosto da comida da escola (risos)... por que acho que é uma alimentação que não me cabe... mas também... não vou lá no cara e compro comida, fritura. Fico o dia todinho sem comer nada... (A17)

... muitos (alunos) não se alimentam dela (alimentação escolar). A gente tem acompanhamento, pesquisa; nós fazemos acompanhamento com os alunos... aí eles me respondem qual é o que eles gostam mais? O que eles gostam menos? Se eles não se alimentam aqui, de onde traz? Da pesquisa anterior... entrevista com alunos, eles disseram que ficam sem comer, outros dizem aqui que comprem na barraca, o que é que eles comprem? Aí eles falam: refrigerante, salgadinho, coxinha... (G4)

Subcategoria 2.6 - Os lanches da barraca representam três refeições do dia, período de permanência na escola, para alguns alunos:

... alunos nessa escola... preferem comer três lanches ao dia em Freitas (barraca), que é biscoito, salgadinho, fritura, coxinha, pastel, ao invés de comer o lanche da escola... vivem o tempo todo fritura... um excesso de fritura... (A17)

... a gente estava observando uma aluna, na hora do lanche, ela lanchou aí em cima, no almoço, ela lanchou aí em cima, na hora do lanche da tarde, ela lanchou aí em cima (barraca)... (M1)

Subcategoria: Alguns alunos apresentam doenças, que são associadas à alimentação.

... por isso que os adolescentes estão mais indo para o hospital que para a escola, por conta da alimentação que estão comendo... preferem comer na rua, do que mesmo dentro da escola, porque a escola mesmo não oferece uma comida excelente para o aluno... (A11)

Tema 3 - A escolha da alimentação escolar: condicionada pela qualidade sensorial, sanitária, aspectos psicossociais e ambientais

Subcategoria 3.1 - O consumo regular da alimentação escolar está relacionado ao aluno não se alimentar em casa; quando não compra lanche ou quando gosta muito do cardápio:

... praticamente não tenho refeição de manhã quando saio de casa... todo dia não como de manhã em casa, aí deixo para comer na escola, aí quase sempre como aqui na escola... quando largo da escola geralmente também não como em casa, porque eu chego muito cansado... no outro dia se repete a rotina, eu não tomo café... sempre estou almoçando na escola, já por questão de que não vou comer em casa... (A12)

... quando tem coisa (alimentação) que eles gostam mesmo, eles vem. Agora quando não, vêm dois ou três, fica na filinha, os que querem, pegam e os que não querem saem... a gente fez patê de sardinha para colocar no pão, eles gostam demais... eles comeram bem... (M1)

Subcategoria 3.2 - O horário de oferta de algumas preparações; a higiene dos alimentos e utensílios; o tipo de utensílios; a falta de organização da fila; o sabor, aparência, ingredientes, a pouca variação dos cardápios e quantidade; e os hábitos alimentares da família interferem na escolha da alimentação escolar:

... aqui... segunda 'sucrilhos', terça-feira 'sucrilhos' de novo, aí vem na quarta-feira aí muda, dá sopa... de manhã! Nada vê... sopa pela manhã. Uma coisa gordurosa sabendo que o aluno vai voltar para sala, vai ser aquela coisa pesada, sabendo que o aluno vai terminar, dormir na hora da aula... (A11)

... professores... e superiores tem acesso a cozinha, e eles não utilizam os equipamentos necessários, como uso de touca, por exemplo. Por isso, a questão de cabelo em comida... às vezes tem... pedaços de outros alimentos dentro, de outras coisas também (risos)... (A12)

... Comida com cabelo... (A5)

... Já que os pratos são de plásticos... a gordura e comidas restantes continuam no objeto... (A7)

... Comida é no copo de plástico, prato de plástico, colher de plástico... garfo de

plástico que nem dá pra comer a comida direito, porque acho que aqui só tem aluno de primeiro, segundo e terceiro ano, todo mundo aqui tem consciência suficiente de saber como é que se usa um prato, um copo de vidro e usar garfo, faca e colher normal... (A10)

... Tentei usar o garfo para pegar a carne, o garfo não entrava, de plástico é redondo, como é que o negócio vai ferir a carne, para eu poder levar a minha boca? (A13)

... não como (merenda), porque quando toca no prato, aí ele está gorduroso... já às vezes eu nem pego o prato por causa disso, porque fica aquele negócio oleoso como se não tivesse lavado direito... é... algumas coisas sujas... (A14)

... Às vezes noto que o copo do suco, eles lavam, mas é mais superficial... (A6)

... Às vezes fica sabão, a gente passa, assim, na borda do prato o dedo, está oleoso. O copo, às vezes vem ainda resíduo de sabão. Quando bota o suco fica espuma, o gosto é horrível... Água sanitária nos pratos... (A7)

... É, resíduo de água sanitária nos pratos. Sabão. (A9)

... já teve um caso que um aluno chegar lá em cima e dizer ao gestor, que lava os pratos sem sabão, só com a bucha, só molhava a bucha e lava as panelas...(M1)

... a questão das filas desanima, está uma bagunça... (A1)

... E fila não existe fila, a gente pede, cansa para fazer a fila, faça fila para a merenda, faça fila para merenda, na hora do almoço... aí sempre é assim, no lanche, na merenda, a mesma coisa, uma bagunça, direto... (M2)

... às vezes o alimento que dá na escola... está mal cozinhado... (A13)

... que às vezes exageram no sal... (A1)

... a comida sem gosto, sem cor, suco sem sabor, suco água pura, sem açúcar ou sem sal... a comida aqui da escola, a carne muito branca, a galinha não tem gosto, macarrão sem sal, muito óleo, galinha sem gosto... (A6)

... às vezes tem gente que fala... meio duro, muito mole... o feijão... (A14)

... teve tempo que estava muito salgado. Ou está salgado ou está muito insosso, o suco ou está muito doce ou está sem açúcar, ou está fraco ou está forte... Então falta um certo padrão... ou deixar a comida toda não tão salgada, não tão insossa, ou não deixar o suco tão doce e nem tão aguado... (A12)

... Depende da alimentação da escola, não é? Se come fritura ou não. Ou como almoço da escola ou lanche no homem aí da frente... a escolha depende de quem

cozinha... aí depende do tempero do preparo dela, depende da pessoa que vai cozinhar... (A3)

... tipo charque, não gosto... carne com gordura não como... a charque já teve dia que estava mais oleosa que hoje, tinha bem mais gordura... (A17)

... de tarde, só era cereal e melancia, (interrupção: cereal e melancia) cereal e melancia, somente, isso foi o ano todinho. Só nos primeiros dias... metade de alguma sala, quer dizer, uma sala e meia parece não comeu, não comeu. Ficaram sem comer nada, porque não tinha mais... tinha acabado... (A9)

... a gente oferece outra coisa quando falta merenda na hora, tem uma fruta, a gente dá fruta, um pão com que tiver, queijo, um pão doce com o copo de leite... a gente nunca deixa eles sem comer... A gente sempre oferece alguma coisa para eles comerem... A gente não deixa com fome. (M1)

... na hora da merenda é só pão, assim sem nada... Comer pão e suco... Às vezes dão até a comida sem o suco... (A17)

... Antigamente, antes dava umas verduras no almoço... eles agora não botam verduras... Tinha até vinagrete que eles davam às vezes na hora do almoço, mas agora, nem verdura, nem vinagrete... Às vezes colocam cenoura e batata na charque guisada, mas é muito raro também. (A8)

... é repetitiva todo dia, todo dia a mesma coisa, quase todos os dias a mesma coisa...(A4)

... aqui só dá galinha... (A2)

... come galinha guisada, galinha assada, risoto, a sopa, creme de galinha, galinha ... mas é galinha o tempo todo, é charque, é charque guisada, é charque assada, é charque num sei o que, é charque no feijão, é charque no leite de coco, mas é a charque... (G3)

... a gente já sabe, hoje é galinha, amanhã é charque, amanhã é galinha de novo... charque... (M2)

... O lanche daqui da escola é o seguinte: quase todos os dias sucrilhos, 'sucrilhos' é o tempo todo 'sucrilhos'... O tempo todo ser 'sucrilhos', 'sucrilhos', 'sucrilhos'... a repetitividade, do 'sucrilhos' é quase todo semi-integral... todos os dias semi integral, ou é 'sucrilhos' de manhã ou é 'sucrilhos' e melancia no lanche da tarde... (A13)

... A fruta é laranja, banana e melancia... (G3)

...Pois é, e as frutas são sempre as mesmas... (G2)

... alguns alunos lancham, comem frutas e outros não querem nem olhar a fruta. Não quer nem olhar, mas aí vem do histórico do que a família apresentou desde que ele era criança, ele sempre comeu salgadinho com guaraná. (G3)

Subcategoria 3.3 - Os alunos demonstram resistência e dificuldade para o consumo da alimentação escolar:

... eles vêm com muita resistência, por que eles já vêm com os hábitos de casa e aí há dificuldade de se adequar. E também o que é proposto na escola às vezes não condiz com a realidade deles, com o dia a dia deles, com os hábitos que eles têm, então há uma resistência e uma dificuldade... de comer um outro tempero, de comer determinados alimentos, de se repetir muito... Por que a tal da galinha é uma coisa meio complicada... Viver só comendo galinha, então, assim, se repete muito... (G1)

Subcategoria 3.4 - A alta adesão e aceitação da alimentação escolar estão relacionadas ao sabor agradável:

... a gente vê quando a comida é boa... lota (fila da alimentação escolar) quando é uma comida boa... mas quando não é, pouca gente... só fazem esse negócio em datas comemorativas... cachorro quente foi com salsichinha, milho e ervilha foi um tumulto tão grande... estrogonofe... bolo... foi um tumulto tão grande, gente se batendo, gente furando fila... para você vê a questão de qualidade... (A8)

... quando é uma coisa que eles gostam muito, quando tem um cachorro quente, um cuscuz com charque, um cuscuz com galinha... eles gostam muito... (M3)

... Por que também quando a merenda é de fato saborosa a fila é imensa, a fila é imensa! (G2)

Subcategoria 3.5 - O incentivo para o aluno consumir a alimentação escolar depende de melhorias no preparo e oferta dos alimentos:

... se tenho essas reclamações, que vem de ano, não é de agora, vamos procurar saídas para melhorar, vamos procurar coisas pra incentivar o aluno a comer essa merenda... (A12)

... E eles podiam variar. Variar no almoço também, porque é sempre arroz, feijão, macarrão, galinha, charque e raramente é fígado. (A8)

Tema 4 - A gestão do cardápio da alimentação escolar

Subcategoria 4.1 - As merendeiras não demonstram motivação para o preparo da alimentação escolar:

... fazem por fazer a comida... fazem as coisas porque é obrigação e não porque eles gostam de fazer isso. O problema não é nem o que é a comida, porque até que fazendo com carinho, com amor, sempre fica bom. (A6)

Subcategoria 4.2 - A alimentação escolar é preparada com cuidado e amor, a qualidade sanitária sempre é avaliada, mas este trabalho não é reconhecido pelos alunos:

... a gente prova (alimentação), aí isso está bom não, é melhor a gente não dar.. a gente prova... quando a gente faz... ver a textura também, ralo demais, se está grossinho, a validade, tudo isso a gente olha, para poder dar a eles... (M1)

... a gente conversa tanto com esses alunos... que fazemos a comida com tanto amor... porque a gente faz tudo com amor e carinho as comidas, e a comida que fica, fica muito, aí a gente não pode reaproveitar... quando chega os alunos diz: "tia o almoço foi tão bom hoje, poxa tia, a merenda está uma delícia"... , aí fico feliz, mas tem alguns que dizem: "quero não, está ruim"... quando tem coisas que eles comem bem mesmo... a gente fica gratificada, e escutar deles que a comida está boa, que a comida está gostosa, que comeram... o negócio que a gente faz é certo, o que a gente faz para eles... o que fazemos é certo, coisas saudáveis... a gente só faz coisa saudáveis para eles... (M2)

Subcategoria 4.5 - Trabalhar com os alunos requer atenção e paciência. Os alunos reclamam da alimentação escolar:

... eles tem preferência... adolescentes, os aborrecentes, então, tem que ter paciência, e a gente tem que saber trabalhar, porque tudo eles vêem, tudo eles observam, tudo... até coisas que nem existem. Imagina a gente facilitando? Aí a gente tem que ter cuidado. (M3)

... alguns alunos reclamados com a merenda, com o que era oferecido... (G4)

... eles (alunos) reclamam demais lá em cima... a comida mal feita, eles dizem que está ruim, querem com sal, mas a gente não bota muito sal... a comida está insossa,

aí dizemos que não pode colocar muito sal... (M1)

... se estou comendo na escola, vou querer que essa comida seja igual da minha casa... vou querer que seja preparada do mesmo jeito, com mesmo carinho... a merenda, que é uma questão bastante polêmica aqui... (A12)

Subcategoria 4.6 - Cardápio planejado e executado aleatoriamente pelas merendeiras, neste priorizadas preparações práticas, sendo diferente do planejado pela Secretaria de Educação:

... acho porque a escola tem alimentos que dá e tem muitos alimentos que recebe e elas (merendeiras) não dão, talvez porque esse alimento vai ser mais complicado de fazer... a gente percebe... (A15)

... o pessoal de cozinha às vezes é mais fácil fazer determinadas coisas e aí também precisa a escola ser orientada e ser cobrada de ter uma pessoa para acompanhar essa merenda que está sendo feita. Por que não é só mandar fazer, é mandar fazer, mas você fazer esse acompanhamento, que a gente sabe que infelizmente nem tudo que é orientado é seguido... (G2)

... A gente já sai pensando no que vai fazer amanhã, uma preocupação com a merenda do outro dia, do almoço... tem vez que chega no domingo, a gente liga e pergunta, a gente vai fazer o quê, aí a gente combina e já sabe o que vai fazer... mesmo com cardápio a gente inventa... porque o diretor já disse, quando tivesse coisas que pudesse modificar a gente podia modificar, por exemplo, quando sobra pão a gente faz torrada, para não jogar fora a gente inventa... (M2)

... a gente percebe que o cardápio que a secretaria de educação manda para as escolas não é de fato seguido na prática... porque é muito difícil, o cardápio é muito bonito, muito extenso, mas o que chega à escola não é o que está no cardápio todo...(G3)

... a gente elabora o cardápio... é a gente que faz (cardápio) de cabeça... quando é na segunda-feira a gente sabe o que deu para não repeti na terça... por exemplo, na segunda-feira foi sopa de feijão, no almoço foi charque ou galinha, aí no lanche uma fruta, na terça tem pão, vai ser pão com ovo, aí no almoço vai ser mesma coisa charque ou galinha... a gente que elabora, porque é a gente que estamos ciente do que tem. A gente tem que dizer o que tem, para elaborar e fazer... (M1)

Subcategoria 4.7 - O nutricionista realiza o acompanhamento da alimentação escolar, com dificuldades:

... O acompanhamento a gente está fazendo, só que, cada nutricionista tem mais de vinte escolas para visitar... para conseguir atingir as visitas... a gente não tem nenhum contato com os professores, a gente tem um contato maior, está tendo agora por conta desta pesquisa... (G4)

... pelo início da sua fala (se refere ao nutricionista) a gente já viu o começo da dificuldade, o profissional que não tem tempo necessário para assistir uma escola... (G2)

Subcategoria 4.8 - O desperdício da alimentação escolar é enorme:

... às vezes é uma quantidade imensa de alimento sendo jogado fora... Então você está vendo que a coisa visivelmente não está funcionando. Ai fica o aluno sem se alimentar bem. Por que ai ele vai procurar outras coisas. Ele vai procurar outra besteira para poder comer, ou ele traz na bolsa, ou ele vai comprar em algum lugar... Então fica o aluno sem se alimentar bem, o estrago. O estrago de comida que não é pequeno. Por que se bota fora essa comida. Então teria que se ter uma forma de fazer um acompanhamento... alimentação na escola tem que ser revista, tem que ser trabalhada, tem que ser cobrada... (G1)

... o problema que está sendo estragado, muita comida para o lixo, por causa que está sendo muito repetitivo, a charque e a galinha... Tem dia que a gente recolhe os pratos e tem comida a vontade no lixo, e tem dia que não vai quase comida para o lixo... (M3)

...Tem gente que não come, estraga, joga no lixo... tem muita gente passando fome na rua, e a gente aqui estragando. (A2)

Subcategoria 4.9 - Precárias condições de estrutura física e materiais na cozinha interferem na qualidade da alimentação escolar:

... tem que ver se tem condições deles (merendeiras) fazerem... a bancada com que ela prepara os alimentos, aquela pia, é muito baixa, é desconfortável. Então nem o mínimo necessário para o funcionário trabalhar é o adequado... na verdade o que tem que visualizar é uma cozinha industrial, porque você está trabalhando... com uma cozinha residencial... são condições injustas para se trabalhar, então é os dois

lados da moeda... (G3)

... nós não temos panela com cabo, frigideira, a gente assando a galinha quase que o óleo virava, segurando no cabo.. (M2)

Tema 5: Educação alimentar e nutricional: uma prescrição e regra alimentar

Subcategoria 5.1 - É uma regra para a prática da alimentação saudável, como uma prescrição nutricional, com orientações na perspectiva do certo e errado sobre a alimentação para a saúde:

... entendo que é para seguir uma alimentação saudável... no sentido... de seguir regra, para poder manter a saúde, beber água, perder caloria... para manter o peso certo que o corpo necessita, o corpo pede alimentação saudável, que você fique saudável e bem... (A11)

... é você ter uma alimentação regrada e adequada... nos horários certos, sem muita gordura, sem muita fritura, alimentação colorida com frutas e verduras. (A1)

... é a pessoa comer uma fruta uma verdura, legumes, feijão com arroz, um suco, uma vitamina... comer educadamente... na hora certa... (M1)

... uma pessoa para orientar o que a gente deve comer. Tipo assim, uma nutricionista, sempre está na escola.... (A8)

... Seria falar sobre o assunto... O que é bom e o que é ruim. O que faz mal para saúde, o que não faz. O que é saudável, o que não é. O que tem muita gordura, o que é recomendado para a gente comer no dia a dia, os horários, tem que comer a cada três horas, ter sempre as três principais refeições nesse intervalo sempre uma fruta... (A9)

... você vai no nutricionista, aí dependendo, se você está abaixo ou acima do peso, ele passa para você... uma indicação médica? (A14)

... do ponto de vista pedagógico, primeiro vem do que ele sabe e conhece de educação alimentar, que é o quê eles tem de casa, aí você vem do conselho de que o pai e a mãe deu desde que ele nasceu... Então ele já tem uma história de educação alimentar, seja ela certa ou errada, ele já tem essa história... (G1)

Subcategoria 5.2 - A prescrição serve para uma reeducação alimentar que acontece em etapas, não é espontânea e não é rápida:

... também uma questão de adaptação, porque se sou acostumado a comer frituras em casa, não vai ser espontaneamente que vou mudar a minha rotina alimentícia... tem etapas dessa reeducação, e tem suas fases... acho que aos pouquinhos. Acho que aos pouquinhos, eles vão mudando, a cada passo vai aumentando mais para ficar mais saudável a alimentação... Então uma rotina alimentar, é meio que um controle que as pessoas têm... A gente vai começando aos poucos, até você se acostumar... (A12)

Tema 6 - Escassez de ações de educação alimentar e nutricional na escola

Subcategoria 6.1 - Existe carência em EAN, pois não existe um projeto na área:

... Uma coisa mais sistematizada... que faça parte do projeto político pedagógico da escola, que seja mais diário, não tem... digamos que seria uma parte transversal, não tem. Isso aí, no máximo a gente dá o conteúdo normal da gente e aí aproveita alguma coisa e cita sobre a importância dos nutrientes, das vitaminas, mas isso é pontual. Não é, por exemplo, aí você veio e fez a palestra, explicou tudo, todos eles sabem o que é a pirâmide, todos eles sabem que tem que comer pouca proteína, que tem que comer um pouquinho mais de carboidrato e muita fruta e verdura. Todo mundo sabe. Mas isso só não causa uma mudança de hábito... (G3)

... vejo uma carência na escola com relação à educação alimentar... não há um trabalho, assim um projeto em cima da educação alimentar e nutricional na escola, felizmente tem a nutricionista que pouco a gente tem contato... Mas o que acontece? Do ponto de vista pedagógico não tem um projeto da escola de educação alimentar. Isso aí realmente não tem... educação alimentar a escola não tem. Não tem!... (G2)

... Não tem, não tem e acabou... ninguém comenta sobre esse assunto com os alunos... Eles nunca chegaram para debater esse assunto com a gente, falo assim: a direção, o professor, ninguém do colégio... É, resumindo, não existe, não existe... (A3)

... a gente escuta muita coisa, coisa sobre isso não (educação alimentar e nutricional), a gente nem vê não... (M3)

Subcategoria 6.2 - Expressa em conversas informais por professores:

... tem um professor de física, que manda comer, para raciocinar bem, para poder

praticar a aula dele. A professora de biologia dá conselho para pessoa comer... acho importante para nossa saúde, que a gente precisa saber... a coordenadora.... fala: comam coisas saudáveis, não essas coisas feitas em barraquinhas... (A2)

... que tem que comer sempre nas horas certas, o que faz bem e o que não faz... Mas ela tem que falar para turma. Porque ela deveria falar na aula para todos os alunos saberem... (A4)

Subcategoria 6.3 - Uma vez presente na disciplina de biologia, e uma palestra da nutricionista:

... a importância da água, do alimento, da vitamina, que a gente precisa comer mais frutas, mais vitaminas... tem vez que até ela (professora de biologia) fala o que é bom, o que é ruim para comer. Ela falava muito: coma as coisas certas e não coma as coisas ruins, óleo e... coisas de barraquinhas, ou você vai acabar adoecendo... ela (professora de biologia) fala na disciplina... e fora também. E já vai dando para levar para vida Para vida e para as pessoas. (A5)

... Só teve, mas só foi uma unidade que ela (professora de biologia) passou uma tabela... a pirâmide alimentar... Aí ela mandou a gente pesquisar sobre isso e fazer um cartaz... e só... (A6)

... Ela (a nutricionista) só veio uma vez, passou em todas as salas e só apresentou aquela pirâmide alimentar, e disse o que era bom e o que não era... (A4)

Subcategoria 6.4 - Capacitação das merendeira:

... essa capacitação, e a moça já nos ensinou, e temos o livro em casa... (risos) (M2)

... a gente faz capacitação das merendeiras, fala sobre a quantidade, sobre o manuseio, a higiene, usar touca, todos esses passos. (G4)

Subcategoria 6.5 - Pouco acesso ao nutricionista:

... a gente não tem acesso a palavra da nutricionista. Ela fica na nossa aula pouquíssimas vezes. Chega passa o questionário, volta e não adianta nada. (A14)

Subcategoria 6.6 - Pesquisas do nutricionista sobre a alimentação escolar:

... Outro dia peguei informações da alimentação, para saber o que são servidos para eles, as sugestões que eles poderiam dar. Tudo isso está aqui. Isso tudo a gente

passa para secretaria... isso aqui é para o diretor ver as coisas que estão acontecendo, boa parte ele já cumpriu.. higienização, lâmpadas com protetores, vedação nas portas para não entrar insetos, a parte de como guardar os alimentos... Então, tudo isso é um processo, para sair a alimentação. Então, muita cobrança para ele. Então, o gestor já colocou muitas dessas coisas em evidências, já consertou... Então, quando vai consertando uma, vou cobrando outra, a gente vai cobrando... educação alimentar a gente já fez para alunos... (G4)

... a nutricionista daqui da escola... pessoas da secretaria da educação, fazem essas pesquisas todo ano, todo mês... Já passaram questionário perguntando o quê a gente mais gosta de comer, o quê a gente menos gosta de comer... muita gente achando que iria mudar, que o diretor dali, com a base nos números provavelmente faria uma tabela, e nunca trazia nada de novo, era só isso... tudo ficava igual... (A12)

Subcategoria 6.7 - Não há incentivo para os alunos consumirem a alimentação escolar:

... não vejo nenhum incentivo da escola... tipo, o diretor não incentiva... (A1)

... Pois é, aqui na escola não tem nenhum incentivo, ninguém incentiva, nem procura incentivar os alunos a comer, tipo, uma pessoa não gosta de comer, aí poderia incentivar a comer frutas, poder ter uma saúde melhor... não procuram saber a opinião do aluno, o que ele quer comer no dia a dia... (A8)

Subcategoria 6.8 - A parte operacional da alimentação escolar desvia-se da proposta de EAN, gerando um sentimento de impotência para trabalhar ações com o tema na escola:

... veja que o operacional foge da proposta do nutricional, porque você faz (nutricionista), você não tem o tempo, você não tem o alimento de qualidade adequada para poder dar conta, você não tem esse levantamento de fato da necessidade, porque hoje a necessidade é essa, mas amanhã a necessidade pode ser outra. E assim, e o hábito dos alunos, e a família nisso também, é complicado... (G1)

... existe essa carência da escola... O fazer por falta desses ingredientes, às vezes a gente não tem essa força, essa potência de falar nutrientes de verdade, porque basicamente o que a escola oferece: galinha, feijão e arroz; galinha, feijão e arroz...

Às vezes têm o suco... (G2)

Subcategoria 6.9 - Falta diálogo sobre a temática da alimentação e nutrição na escola:

... a gente não tem acesso, não tem um projeto alimentar... não tem aquela preocupação, assim não tem uma preocupação, não digo de fora... e fica faltando aquele que acompanha... da própria escola, no dia a dia.. não tem diálogo da própria escola... (G3)

Tema 7 - O processo educativo como espaço de oportunidades

Subcategoria 7.1 - Um espaço para expressar os sentimentos, acontecimentos, as opiniões sobre a alimentação, para troca de experiências, e maior envolvimento entre o grupo:

... aqui a gente pode dizer o que a gente escuta dos alunos, quais são as opiniões deles... de todos.. A gente se abre, fala o que está preso dentro da gente... (A6)

... acho muito importante... para gente dá nossa opinião e dá para ajudar muito... para gente ter até uma alimentação melhor. (A4)

Subcategoria 7.2 - Um espaço de sensibilização e reflexão dos profissionais sobre a alimentação escolar:

... acho que está fazendo a gente despertar, para uma coisa que não era prioridade... a gente não tinha essa questão da iniciativa. Na realidade está trabalhando com todo mundo, não está pegando um único segmento e levantando as questões... está pegando todos os segmentos... (G1)

Tema 8 - Perspectivas de aprendizado sobre as práticas da alimentação saudável

Subcategoria 8.1 - Estimular o aprendizado sobre a alimentação saudável:

... acho bom, vai dar incentivo nos alunos, a gente vai mostrar o que sabe.... que aprendeu... não proibir, e sim ajudar... comer o que é para comer..., ser exemplo para as pessoas... mostrar como se alimentar bem, para o corpo ficar bem, não pra

ficar doente... (A16)

Subcategoria 8.2 - Incentivar a escolha e consumo de alimentos saudáveis:

... Aprender sobre alimentação... Para poder fazer como rotina... ter uma alimentação boa, regrada, com teor nutritivo alto... (A2)

Subcategoria 8.3 - Possibilidade de aprendizado sobre o preparo da alimentação escolar:

... para aprender mais. Para poder ter um padrão... aprender como fazer o alimento, como preparar o alimento, não fazer para estragar, fazer a quantidade certa... (M1)

Tema 9 - Perspectivas para mudanças das práticas alimentares na escola

Subcategoria 9.1 - Melhorar a alimentação escolar:

... Esperança de poder mudar. Porque a gente passa o dia inteiro na escola... Uma sensação de esperança... de mudança. Esperança para que mude mesmo... Porque vai ser bom para todos os alunos... (A10)

Subcategoria 9.2 - Reduzir o desperdício de alimentos na escola:

... que melhore a comida da escola, fique mais saudável... queria que variasse a comida... a gente... não estragar comida... (A17)

Subcategoria 9.3 - Melhorar a relação entre alunos e merendeiras:

... melhorar com praticidade, melhorar a alimentação... ter mais respeito, saber respeitar... (M3)

Subcategoria 9.4 - Melhorar as práticas alimentares dos alunos:

... espero que melhore com os alunos... comer a comida daqui e não comer na rua... (M2)

6.2 Fase 2 – Encontro dos participantes

O encontro dos participantes foi realizado em três sessões com os integrantes

dos grupos focais da fase anterior (a primeira sessão com o diretor da escola, as merendeiras e dois professores; a segunda sessão com doze alunos; a terceira sessão com oito professores, a coordenação pedagógica, o diretor da escola e o nutricionista da escola).

Em cada sessão foi apresentado e discutido o arcabouço teórico do tema do estudo, a fim de envolver os atores com o objeto, o processo participativo de construção de estratégias de EAN na escola. A EAN foi apresentada na perspectiva multidimensional da alimentação, e sua prática com abordagens educativas dialógicas, problematizadoras e participativas. As ações de EAN na escola foram debatidas de acordo com a regulamentação do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição.

Este contexto fomentou a participação e a capacitação dos atores escolares para o diálogo e a problematização sobre a temática e as situações-problemas identificadas na escola.

Nesta primeira sessão o diretor escolar impulsionou a implementação das ações de EAN para melhorar a realidade da alimentação escolar e EAN: *“... o principal disso tudo viu gente... É o que a gente pode fazer pra mudar isso. O que a gente pode fazer? É na cozinha, é em sala de aula, é na gestão, é no trabalho?”* Ao mesmo tempo enfatizou que todos devem ter liberdade de expressão para sugerir as melhorias, mas devem ter ciência que existem limitações com relação aos recursos e insumos disponíveis na escola.

A segunda sessão específica para alunos proporcionou maior interação entre os pares, onde puderam corroborar e problematizar os temas expostos da fase exploratória, e indicar alternativas de solução livremente, e expressaram o comprometimento em continuar com o processo participativo na escola. Os alunos dialogaram sobre: a qualidade da alimentação escolar, a pouca variação de gêneros alimentícios e repetição de preparações na alimentação escolar, que as preparações poderiam ser variadas (guisado, assado, etc.); a melhoria do sabor e do tempero da alimentação escolar; a organização do cardápio e da fila de distribuição da alimentação escolar; a redução do desperdício de alimentos. E que para melhorar os hábitos alimentares dos alunos, é preciso melhorar a qualidade da alimentação escolar e terem atividades educativas sobre a temática da alimentação e nutrição,

pois na escola existe a carência dessas ações. Eles destacaram a própria atuação na escola para o direcionamento das ações de EAN.

Na terceira sessão com os profissionais, observou-se maior envolvimento de professores e da coordenação pedagógica. Nesta os diálogos foram centrados na alimentação escolar, com enfoque na aquisição, pré-preparo, preparo e distribuição, priorizando a qualidade (sensorial), quantidade e variação. Ainda foi problematizada a possibilidade da atuação do professor em promover ações de EAN na sala de aula e na escola.

Neste contexto, todos os atores da escola puderam compartilhar os problemas alimentares e nutricionais da escola e dos alunos, por meio da oportunidade de expressar opiniões, compartilhar saberes e experiências sobre os conceitos que cercam as dimensões da alimentação, práticas alimentares saudáveis, as influências sobre a escolha alimentar e a prática da EAN na escola. Isso contribuiu para consolidar às situações-problemas relacionadas à alimentação e a EAN, e ao mesmo tempo suscitaram-se possibilidades futuras de solução (QUADRO 1).

Quadro 1 - Situações-problemas relacionadas a educação alimentar e nutricional, segundo a percepção dos participantes do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

Situações-problemas referentes à alimentação escolar
... baixa qualidade... pouca variação de alimentos... repetição de preparações no cardápio... baixa oferta de verduras e legumes... sabor e tempero ruins... desperdício de alimentos...
Situações-problemas referentes às práticas alimentares dos alunos
... alto consumo de alimentos gordurosos e açucarados, e baixo consumo de frutas e verduras... carência de ações educativas em alimentação e nutrição... baixa aceitação e adesão à alimentação escolar...

6.3 Fase 3 – Elaboração de estratégias e escolha das ações

As ações de EAN emergiram da análise dos três grupos focais e da oficina realizada com os alunos nesta fase, sendo categorizadas em dois temas, sendo o Tema 1: Ações de educação alimentar e nutricional relacionadas à Gestão da

Alimentação Escolar; e o Tema 2: Ações de educação alimentar e nutricional relacionadas ao Currículo Escolar, segundo mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Planejamento das ações de educação alimentar e nutricional, segundo a percepção dos participantes do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

Tema 1 - Ações propostas relacionadas à gestão da alimentação escolar
Subcategoria 1.1 - Formação de um grupo operativo com os participantes para gerir o cardápio escolar: <i>... ser criado o cardápio... com opinião da turma. (A8)</i> <i>... seria um cardápio coletivo... formar com os seguimentos, um grupo, uma representação para fazer este cardápio e para ser cumprido... O estado sempre manda o cardápio a ser cumprido... Mas a escola tem autonomia de fazer uns ajustes, de acordo com a sua realidade... (G2)</i> <i>... na verdade não precisava a gente montar um grupo para resolver... mas é necessário... é uma gestão democrática, onde abre espaço para a gente opinar, para todos os seguimentos... para não ser uma coisa de cima para baixo... (G4)</i> <i>... melhorar mais a alimentação... deve variar a alimentação... as frutas, verduras... colocar o cardápio em prática, nossas habilidades... (M2)</i> <i>... os alunos comentaram três coisas... quantidade e qualidade, querem que mude, e a variedade... (G1)</i> <i>... Deveria mudar, mais uma variedade de frutas... aproveitar melhor os alimentos... fazer uma comida com maior qualidade, mesmo com pouca variedade. (A1)</i>
Subcategoria 1.2 - Capacitação das merendeiras, considerando a realidade da escola, aspectos técnicos, de convivência e estímulo ao trabalho: <i>... Fazendo um trabalho com as merendeiras da cantina... para elas melhorarem qualidade, e melhorar organização como um todo... (A15)</i> <i>... estamos precisando de uma reciclagem, para aprender mais... (M1)</i> <i>... as capacitações que nós temos não são em cima da realidade da escola, deveria ser com a realidade de cada escola... para a gente aprender até os modos de chegar para os alunos..... também não estragar o alimento... (M3)</i> <i>... tem que trabalhar muito com as merendeiras para estimular, porque não é fácil fazer aquilo... (G3)</i>
Tema 2 – Ações propostas relacionadas ao currículo escolar
Subcategoria 2.1 - Realização de atividades educativas com os alunos: <i>... Poderiam ser palestras, mais dinâmicas... (A1) brincadeiras aqui na sala... (A8)</i> <i>... Pode-se fazer uma ação conjunta, o professor de ciências trabalhar as vitaminas, ou a professora de artes. Pode se fazer uma ação conjunta para melhorar... (G1)</i>

Subcategoria 2.2 - Inserção do tema na rádio e jornal: <i>... Conscientizar as pessoas pela rádio... jornal... também. (A14)</i>
Subcategoria 2.3 - Exposição de dicas sobre alimentação saudável para melhorar alimentação dos alunos: <i>... visualizar na escola, cartazes... o colorido das frutas, das verduras, a questão da informação, do benefício para sua vida... a questão da alimentação é uma questão seriíssima. Então essa informação... (G4)</i>
Subcategoria 2.4 - Reunião e palestras com pais: <i>... Fazer um trabalho com os pais... (A1)</i> <i>... tem que chamar os pais e as mães para eles participarem, uma palestra falando sobre alimentação... (M2)</i>
Subcategoria 2.5 - Projeto Horta Escolar: <i>... construir uma horta aqui na escola, a gente vai trabalhar a parte nutricional... (G2)</i>
Subcategoria 2.6 - Projeto de Culinária: <i>... fazer na escola projeto de culinária... (A13)</i>
Subcategoria 2.7 - Realização de uma Feira Gastronômica: <i>... uma feira gastronômica com o apoio da nutricionista... (G3)</i>

Nas falas dos atores escolares observa-se uma sintonia de ações propostas em virtude da repetição de algumas delas, embasadas nas situações-problemas identificadas e problematizadas nos encontros dos participantes. Especificamente na oficina de planejamento dos alunos, cada grupo pôde expressar suas opiniões por meio da escrita e diálogo entre si sobre as propostas das estratégias de EAN para a solução dos problemas identificados.

Esta análise das informações possibilitou a estruturação do Plano Participativo de Estratégias de EAN. Em seguida, os atores escolares elencaram cada estratégia, dialogaram e ajustaram quanto ao formato de sua implantação, incluindo o período de tempo e responsáveis (APÊNDICE F).

O diálogo que envolveu os atores escolares nestas definições foi cercado de sentimentos de esperanças, alegria, disposição para a realização das ações e ao mesmo tempo tensão entre dois atores, especificamente quando foi tratado sobre a aquisição de insumos para a alimentação escolar. Neste instante houve intervenção da pesquisadora e de um dos atores participantes (professor) para que fosse focado na escolha das ações e formas de execução. Assim, o diálogo pôde ser

restabelecido e todos puderam compartilhar das escolhas das ações que iriam contribuir em solucionar os problemas identificados.

Dessa forma, a partir do envolvimento e integração dos atores escolares foram realizadas as escolhas das estratégias que pudessem contribuir em solucionar os problemas identificados: formação do grupo operativo; formação das merendeiras; o dia da família para a saúde e nutrição; debate com os alunos sobre a alimentação saudável; oficina com os alunos sobre o estado nutricional; elaboração e exposição de banners sobre alimentação saudável.

Estas escolhas foram baseadas no consenso entre os participantes, considerando as ações de EAN que pudessem ser realizadas a partir de um processo educativo participativo com o envolvimento dos atores escolares, e que fossem viáveis financeiramente, adequadas às condições de infraestrutura da escola (APÊNDICE H).

6.4 Fase 4 – Execução das ações

Como instrumento educativo norteador do conhecimento da alimentação e nutrição, acessível aos adolescentes escolares, profissionais da escola e família, foi utilizado o guia alimentar para a população brasileira (BRASIL, 2014). Este guia aborda as influências do ambiente social, da cultura alimentar, da família, da mídia para o conhecimento holístico da alimentação que envolve a produção dos alimentos, disponibilidade, acesso, preparo, consumo e utilização biológica, determinantes da prática da alimentação saudável. Apresenta conteúdos aplicáveis em ações educativas referentes aos grupos de alimentos de acordo com o grau de processamento industrial (alimentos *in natura*; minimamente processados; processados; ultraprocessados).

Neste guia, a prática da alimentação saudável está baseada na autonomia para a escolha de alimentos e consumo predominantemente de alimentos *in natura* e minimamente processados regionais; no incentivo ao exercício culinário, com alerta para o uso de óleos, gorduras, sal, açúcar e alimentos processados e ultraprocessados; na realização de refeições em companhia de familiares e/ou amigos; e no desenvolvimento do olhar crítico para mensagens midiáticas relacionadas aos alimentos.

As ações de EAN gerenciais descritas no Plano Participativo de Estratégias de EAN, aquelas relacionadas ao funcionamento do Programa Nacional de Alimentação Escolar, foram incluídas no Grupo Operativo para a promoção da alimentação saudável na escola (uma das estratégias de EAN construídas), para serem implementadas e acompanhadas, pois se referem às questões de rotina da alimentação na escola.

As ações educativas realizadas foram precedidas de planos de ação (APÊNDICE H), sendo os resultados dispostos nos Quadros 3 a 8, a seguir.

Quadro 3 - Ação de educação alimentar e nutricional – Formação do Grupo Operativo para a promoção da alimentação saudável na escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

1ª Estratégia: relacionada à Gestão da Alimentação Escolar					
Tema Gerador: “Grupo Operativo para a promoção da alimentação saudável na escola”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Fortalecer os atores escolares para contribuir na garantia de uma alimentação escolar saudável. Estimular os atores a desenvolverem práticas educativas sobre alimentação e nutrição na escola.	Pesquisadora e os atores escolares	Diretor escolar, coordenação pedagógica, secretária da escola, professores, nutricionista, alunos e merendeiras da escola.	Sala de aula da escola	Um encontro em Julho de 2015 e outro em março de 2016. As reuniões aconteceram em dias de quartas-feiras, no turno da tarde, com carga horária de 2h.	Quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício.
Atividades e Resultados					
A primeira reunião foi guiada pela técnica “roda de conversa”: a sessão foi aberta com a discussão sobre os problemas relacionados à alimentação escolar, foram resgatadas às ações listadas no Plano participativo de estratégias de EAN, relacionadas à alimentação escolar. Esse primeiro diálogo subsidiou a Construção de um Cardápio coletivo para a alimentação escolar, a					

partir do cardápio já planejado pela secretaria de educação.

Essa construção foi embasada na realidade local de poder aquisitivo da escola, disponibilidade de gêneros alimentícios, sugestões dos alunos, e adequação às orientações sobre a composição do cardápio para alimentação escolar descritos nos instrumentos: Resolução nº. 26 de 17 de junho de 2013, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do PNAE; Instrução Normativa Nº 001 de 2010. Dispõe sobre o funcionamento do Programa de Alimentação Escolar no âmbito do estado de PE e Guia Alimentar para a população brasileira.

Nesta primeira reunião foram eleitos cinco alunos para fazer o monitoramento da alimentação escolar oferecida diariamente.

A primeira reunião teve a participação de dois professores, a gestão escolar, a nutricionista da escola, dois alunos, uma merendeira. Na segunda reunião participaram sete alunos, três merendeiras, dois professores.

A partir desta ação, foi possível organizar os cardápios da alimentação escolar, com implantação a partir do mês de agosto de 2015. Nesta ação, os alunos ficaram responsáveis por monitorar o cumprimento do cardápio e as características organolépticas do mesmo, a partir do consumo e de registros fotográficos diários das refeições.

Quadro 4 - Ação de educação alimentar e nutricional – Formação das Merendeiras da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

2ª Estratégia: relacionada à Gestão da Alimentação Escolar					
Tema Gerador: Formação de Merendeiras - “O Programa de Alimentação Escolar e seu papel na promoção da alimentação saudável na escola: aspectos funcionais, organizacionais e motivacionais”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Construir competências para o processo de trabalho no Programa de Alimentação Escolar, enfatizando seu papel na promoção da alimentação saudável na	Pesquisadora com participação da secretária da escola e um aluno.	Merendeiras da escola	Unidade de Alimentação e Nutrição (cozinha) da escola, refeitório e a sala de aula.	1º Encontro – 23.07.2015; 2º Encontro – 13.08.2015; 3º Encontro – 17.09.2015; 4º Encontro – 08.10.2015; 5º Encontro – 19.11.2015 Cada um dos encontros ocorreu nos	Data show; notebook; quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício; gêneros alimentícios – utensílios de cozinha – equipamentos da cozinha.

Continuação do Quadro 4

escola.				dias de quintas-feiras à tarde, com carga horária de 4h, totalizando 20 horas.	
Atividades e Resultados Todos os encontros foram guiados pelos princípios do diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do saber e emancipação. 1º Encontro: - Assunto: Papel da Merendeira na Promoção da Alimentação saudável na escola. Esse encontro teve início com o acolhimento das merendeiras. Em seguida estabelecimento de um diálogo sobre o contexto de trabalho, as atividades profissionais e a alimentação saudável. A seguir foi feita a pergunta instigando-as a reflexão sobre si e seu papel “Qual é o meu papel para a promoção da alimentação saudável na escola?” As respostas foram colocadas no quadro branco, sendo construídas várias ideias que puderam ser compartilhadas. A finalização foi realizada a partir da consolidação dos saberes, onde se destacou as esperanças e envolvimento dos participantes para a promoção da alimentação saudável na escola, destacando os aspectos nutricionais, sensoriais e das relações humanas, e dificuldades enfrentadas no desempenho de seu trabalho. 2º Encontro - Assunto: Cardápios da alimentação escolar: aspectos favoráveis e desfavoráveis no cotidiano Esse encontro teve a participação da gestão escolar (secretária da escola), pois o tema gerador dessa formação poderia fomentar mudanças no Programa de Alimentação Escolar, que são dependentes de outros atores envolvidos com a alimentação escolar (gestão escolar e nutricionista). O encontro teve início com o acolhimento a partir da integração das merendeiras à secretária da escola. A seguir foram resgatadas às reflexões do encontro anterior e sua relação com o Cardápio escolar, assunto que seria abordado. A partir disso, se formou uma tempestade de ideias destacando as facilidades e dificuldades para execução de um cardápio escolar saudável na escola. As ideias foram subsídios para gerar possibilidades de mudanças declaradas, em relação à aquisição de alimentos, preparo e oferecimento da alimentação escolar. Assim, o encontro foi concluído com expressão do comprometimento dos participantes em buscar melhorias na alimentação escolar nos aspectos nutricionais, sensoriais e organizacionais. 3º Encontro - Assunto: Planejamento de Cardápios para o Programa de Alimentação Escolar: padrão do cardápio, estrutura e composição do cardápio O objetivo deste encontro foi mostrar como um cardápio pode ser considerado saudável, a partir dos alimentos disponíveis na escola. E não propriamente ensinar as merendeiras a elaborar um cardápio, visto que esta atribuição compete ao nutricionista. Este encontro teve a participação de um aluno, pois este demonstrou interesse pela formação, e foi um dos atores envolvidos no processo educativo. O encontro teve início com o acolhimento a partir da integração das merendeiras ao aluno. A seguir foram resgatadas as reflexões do encontro anterior e sua relação com o Planejamento do Cardápio escolar. Utilizou-se data show para apresentar figuras e fotografias de cardápios saudáveis, gerando a discussão sobre o padrão básico do cardápio, estrutura e composição. O aluno participante trouxe a tona fotografias das refeições servidas na escola, fato que estimulou as merendeiras a afirmarem seu comprometimento com a alimentação escolar. Neste momento, por meio das fotografias, mudanças importantes puderam ser observadas na composição e aparência dos cardápios oferecidos na escola. Dessa forma, os conhecimentos apreendidos durante esta formação já estavam gerando efeitos positivos. 4º Encontro - Assunto: Construção de uma Rotina Saudável no processo de trabalho no Programa de Alimentação Escolar. O encontro teve início com o acolhimento das merendeiras e a apresentação do assunto que seria abordado. A seguir iniciou-se um diálogo sobre o processo de trabalho, guiado pelos conceitos da parceria, compreensão, comprometimento e alegria. Esses problematizados por elas como necessários para a construção de uma rotina de trabalho saudável de acordo com o cotidiano vivenciado. Ao findar, os saberes apreendidos e construídos foram expressos, com					

perspectiva de melhorar a convivência entre elas e com os alunos.

5º Encontro

- Oficina Sabores da merenda na Unidade de Alimentação e Nutrição da escola: novas preparações e per capita.

Este encontro aconteceu na cozinha da escola, e teve início com a inserção da pesquisadora numa manhã de preparação do almoço da alimentação escolar. Primeiramente, foram discutidas as quantidades de alimentos, ou seja, os per capita para o número de alunos. Em seguida, foram apresentadas algumas receitas, sendo selecionadas duas para compor de forma complementar o cardápio do dia. As receitas priorizavam os alimentos que faziam parte da alimentação escolar. Foi possível executar as preparações dentro de um clima organizacional repleto de alegria e parceria, bem como seguindo os parâmetros técnicos e de controle higiênico-sanitário. Ao final as preparações foram expostas e oferecidas aos alunos e funcionários da escola. Assim, essa oficina ocorreu integrada as demais preparações já produzidas habitualmente na escola.

No decorrer dos encontros observou-se o interesse e o envolvimento das merendeiras, a partir da inclusão das temáticas nutricionais, sensoriais, higiênico-sanitárias e das relações intra e interpessoais. Essa junção de temáticas e a participação ativa no processo educativo proporcionou maior integração entre as merendeiras na rotina do trabalho, por meio do compartilhamento de atividades e corresponsabilização, bem como da expressão do estabelecimento de maior vínculo e acolhimento com os alunos.

Entre as merendeiras, duas participaram do Concurso de Receitas promovido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Ministério da Educação, tendo suas receitas selecionadas para a etapa regional - “Pirão de Ovos; e Crepioca de charque”, no dia 20 de novembro de 2015.

Quadro 5 - Ação de educação alimentar e nutricional – Dia da Família e Saúde na Escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

3ª Estratégia: relacionada ao Currículo Escolar					
Tema Gerador: “Família em Ação para a Saúde e Nutrição”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Desenvolver a autonomia para tomada de decisão para a prática	Pesquisadora, gestão escolar, Secretaria Municipal de	Comunidade escolar, incluindo a família.	Pátio e Salas de aula da escola.	Dia 04 de setembro de 2015. O evento ocorreu numa	Balança antropométrica, kit medidor de glicose, esfigmomanômetro

Continuação do Quadro 5

alimentar saudável, considerando as múltiplas dimensões da alimentação.	Saúde de Olinda e alunos protagonistas.			sexta-feira pela manhã, com carga horária total de 5h.	tro, computador, pranchetas, impressora, quadro branco; grampeador, papel ofício; emborrachado, canetas, bola de sopro, mesas, cadeiras, bancos, cartaz do prato equilibrado, toalhas de mesa descartáveis, saquinhos plásticos, gêneros alimentícios e temperos, receitas impressas, preparações para degustação.
---	---	--	--	--	--

Atividades e Resultados

Participaram 06 alunos como monitores protagonistas das ações, previamente capacitados pela pesquisadora, nos assuntos referentes à prática de uma alimentação saudável voltada para seus familiares, professores e funcionários da escola. Além disso, integraram-se nas atividades práticas de planejamento, como preparação do material antes e durante o evento.

As ações foram elaboradas considerando o interesse e necessidade do público alvo, principalmente dos familiares.

Dentre as ações executadas, tiveram: o diagnóstico da saúde e nutrição (aferição de pressão arterial, glicemia, estado nutricional), realizado pela equipe de saúde do município composta de enfermeiros, estagiários de nutrição junto aos alunos protagonistas da escola; e a exposição de materiais e alimentos que mostrava o percurso do alimento para garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias desde o plantio dos alimentos, disponibilidade, aquisição, preparo e consumo (exposição de mudas de vegetais plantados pelos alunos, custo do alimento, temperos e alimentos promotores de saúde, preparações para degustação - bolo de beterraba, bolo de cenoura e bolo de fígado). Esta exposição foi integrada aos diálogos sobre a prática de uma alimentação saudável, considerando os aspectos biológicos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos da alimentação, tanto no momento que os participantes percorriam a exposição, quanto em um momento separado, roda de diálogo. Os alunos monitores foram os responsáveis pelo estabelecimento deste diálogo junto a seus familiares, e junto à pesquisadora.

Na ocasião houve distribuição de temperos e receitas (orégano e gergelim), bem como sementes de coentro para incentivar o plantio para a prática de uma alimentação saudável.

As atividades com os alunos foram divididas em duas, como mostram o Quadro 6 e Quadro 7. As atividades foram realizadas nas sete turmas de alunos, integradas ao currículo da disciplina de educação física.

Quadro 6 - Ação de educação alimentar e nutricional – 1ª Ação educativa com os alunos da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

4ª Estratégia: relacionada ao Currículo Escolar					
Tema Gerador: “Construção do autocuidado para as práticas alimentares saudáveis”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Desenvolver a autonomia para tomada de decisão para a prática alimentar saudável, considerando as múltiplas dimensões da alimentação.	Pesquisadora e professores das disciplinas de Educação Física e Química.	Alunos das turmas do 1º Ano A (24 alunos); 1º Ano B (18 alunos); 1º Ano C (12 alunos); 2º Ano A (27 alunos); 2º Ano B (18 alunos); 3º Ano A (32 alunos); 3º Ano B (26 alunos).	Salas de aula da escola.	<i>Continuação do Quadro 7</i> Dia 19 de do 3º Ano B pela manhã, e 1º Ano B, 1º Ano C à tarde. Dia 23 de outubro de 2015: Turma do 1º Ano A. Dia 03 de novembro de 2015: Turmas do 3º Ano A pela manhã; 2º Ano A, 2º Ano B à tarde.	Data show; quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício; embalagens de alimentos vazias.
Atividades e Resultados O vínculo entre a pesquisadora e os alunos já havia sido estabelecido, pois esta atividade foi construída ao longo do processo educativo. Participaram um total de 157 alunos, divididos em 7 turmas. Foi realizado um Debate baseado nos 10 passos para a prática da alimentação saudável do Guia Alimentar para a população brasileira (2014). Cada passo foi problematizado de acordo com a realidade vivenciada pelos alunos na escola e em casa, iniciando pela pergunta: <i>O que você acha de 10 passos para a alimentação saudável?</i> Pergunta que permitiu o diálogo entre os alunos, professor e pesquisadora em cada passo: 1º Fazer de alimentos in natura ou minimamente processados a base da alimentação; (discussão sobre os conceitos sobre o que é um alimento in natura - minimamente processado - processado e ultraprocessado, e do percurso dos alimentos na cadeia produtiva); 2º Utilizar óleos, gorduras, sal e açúcar em pequenas quantidades ao temperar e cozinhar alimentos e ao criar preparações culinárias; (discussão sobre o uso e quantidade utilizada nas preparações pelos alunos e pelas famílias); 3º Limitar o consumo de alimentos processados; (apresentação de embalagens de alimentos e problematização de seus efeitos no corpo e meio ambiente a partir das falas dos alunos); 4º Evitar o consumo de alimentos ultraprocessados; (apresentação de embalagens de alimentos e problematização de seus efeitos no corpo e meio ambiente a partir das falas dos alunos, comparação com alimentos processados, instigando a reflexão do consumo alimentar habitual); 5º Comer com regularidade e atenção, em ambientes apropriados e, sempre que possível, com companhia; (resgate sobre o comer no ambiente escolar com os colegas e em casa com a família. A pergunta “o que é e por que comer com regularidade?” guiou a discussão); 6º Fazer compras em locais que ofertam variedades de alimentos <i>in natura</i> ou minimamente					

Continuação do Quadro 6

processados; (discussão sobre “quais locais são mais apropriados para comprar alimentos saudáveis”, a feira próxima à escola e de casa; comparação entre os preços dos alimentos *in natura* e processados, custo da alimentação escolar versus lanches da barraca);

7º Desenvolver, exercitar e partilhar habilidades culinárias; (“por que cozinhar? vocês cozinham?”);

8º Planejar o uso do tempo para dar à alimentação o espaço que ela merece; (“como você usa seu tempo? qual tempo dedica para comer?”);

9º Dar preferência, quando fora de casa, a locais que servem refeições feitas na hora; (“vamos citar alguns exemplos desses locais? a escola? o que acham?”);

10º Ser crítico quanto a informações, orientações e mensagens sobre alimentação veiculadas em propagandas comerciais; (a partir da apresentação de fotografias de diferentes alimentos midiáticos e refeições, o aluno foi indagado sobre: “qual é a sua escolha?”). Por fim, foi sistematizado o conceito da prática da alimentação saudável voltado para a promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional.

Os alunos preencheram um questionário antes e após a dinâmica para avaliar o entendimento sobre os dez passos para a prática da alimentação saudável do Guia Alimentar para a população brasileira. Ao final preencheram alternativas referentes às facilidades e dificuldades para seguimento de cada passo para a prática da alimentação saudável.

A atividade teve uma duração média de 50 minutos, em cada turma.

Quadro 7 - Ação de educação alimentar e nutricional – 2ª Ação educativa com os alunos da escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

5ª Estratégia: relacionada ao Currículo Escolar					
Tema Gerador: “Descobrimo o estado nutricional: estratégia de fortalecimento para promoção da saúde”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Desenvolver a capacidade e autonomia para conhecimento do estado nutricional, segundo a curva de crescimento para adolescentes da Caderneta de Saúde, a fim de promover a saúde.	Pesquisadora e professores das disciplinas de Educação Física e Química. A Secretaria Estadual de Saúde fez a doação das Cadernetas de Saúde do Adolescente para os alunos.	Alunos das turmas do 1º Ano A (23 alunos); 1º Ano B (14 alunos); 1º Ano C (12 alunos); 2º Ano A (22 alunos); 2º Ano B (17 alunos); 3º Ano A (31 alunos); 3º Ano B (26 alunos).	Salas de aula da escola	Dia 19 de outubro de 2015: Turmas do 3º Ano B pela manhã; 1º Ano B; 1º Ano C à tarde. Dia 23 de outubro de 2015: Turma do 1º Ano A. Dia 03 de novembro de 2015: Turmas do 3º Ano A pela manhã; 2º Ano A; 2º Ano B à tarde.	Data show; notebook; impressora, quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício; balança antropométrica, estadiômetro, caderneta de saúde do adolescente.

Atividades e Resultados

O vínculo entre o pesquisador e os alunos já havia sido estabelecido, pois esta atividade foi construída pelos atores ao longo do processo educativo. Participaram um total de 152 alunos.

A atividade iniciou com a discussão sobre a Anorexia e a Bulimia, problemas patológicos de alta prevalência na fase da adolescência e que haviam sido expressados pelos alunos em um dos grupos focais no início da pesquisa. E também foi identificado na escola um caso de Bulimia.

A partir desta discussão foi apresentada e problematizada, junto aos alunos, a importância do Autoconhecimento sobre o estado nutricional (o que é?) e a percepção corporal nesta fase de vida (por que saber sobre esse assunto?). Em seguida a Caderneta de Saúde foi distribuída para cada aluno e aluna, conforme o sexo, e em seguida apresentada, e detalhadamente explicada as curvas de crescimento. Após esta etapa, todos os alunos tiveram seu peso e estatura aferidos pela pesquisadora e estagiária. Um questionário foi preenchido pelos alunos para os mesmos anotarem o peso e estatura autorreferidos e a percepção do corpo. Os alunos fizeram o cálculo do Índice de Massa Corpórea e em seguida fizeram o preenchimento na Curva de Crescimento da sua própria caderneta com supervisão da pesquisadora e professora. Ao final todos puderam conhecer seu estado nutricional e associá-lo ao estilo de vida, principalmente a alimentação.

Para cada turma a atividade teve uma duração em média de 50 minutos.

Quadro 8 - Ação de educação alimentar e nutricional – Atividade de comunicação na escola do estudo na Escola de Referência do Ensino Médio de Olinda, Pernambuco, 2015.

6ª Estratégia: relacionada ao Currículo Escolar					
Tema Gerador: “Comunicação para a prática da alimentação saudável”					
Objetivos	Metodologia				
	Responsáveis	Público alvo	Local	Período de Execução	Materiais utilizados
Estimular a curiosidade sobre a alimentação saudável, considerando o contexto de segurança alimentar e nutricional e da saúde.	Pesquisadora, diretor escolar, professores.	Comunidade escolar.	Refeitório da escola.	Mês outubro a dezembro de 2015.	Computador, papel ofício, impressora, banners.
Atividades e Resultados Elaboração de 4 (quatro) banners para exposição no refeitório da escola. Os conteúdos dos mesmos foram selecionados, considerando o interesse dos alunos demonstrado no processo de construção das estratégias em EAN. Os conteúdos, fotografias e figuras nos pôsteres foram utilizados para despertar o interesse dos alunos e envolvê-los no processo educativo de EAN, assim gerar novos conhecimentos (APÊNDICE J).					

Todas as ações foram acompanhadas pela pesquisadora, exceto aquelas

desenvolvidas pelos próprios professores com seus alunos, em suas salas de aula. Estas ações realizadas pelos professores foram registradas por meio da observação participante, e estão descritas a seguir:

- a) a professora de biologia inseriu nas três turmas de alunos do 1º ano uma pesquisa sobre o consumo alimentar, onde orientou os alunos a fazerem seus próprios registros alimentares, em seguida foram discutidos e elaborado um cardápio saudável. Esta atividade aconteceu no primeiro semestre do ano de 2015;
- b) o professor de sociologia ao trabalhar na disciplina o tema “história da alimentação brasileira: a contribuição da herança culinária dos povos africanos, indígenas e portugueses na formação dos hábitos alimentares”, desenvolveu a prática culinária com os alunos, os quais puderam preparar e degustar pratos (feijoada, acarajé, macaxeira), e apresentar na exposição da escola ao final do ano (dia 19 de novembro de 2015, no turno da tarde);
- c) na disciplina de português, a partir de um trabalho com temas livres, um grupo de alunos escolheu debater as melhorias na alimentação escolar que ocorreram após o início deste estudo, e as percepções sobre a alimentação saudável para a qualidade de vida;
- d) a professora de química desenvolveu um projeto de Horta Escolar, a qual foi construída na escola no decorrer do ano de 2015, a partir do interesse de um grupo de alunos, participantes dos grupos focais iniciais. A horta recebeu assessoria de um Agrônomo da Gerência Regional de Educação. Contudo por falta de recursos financeiros e estruturais, a horta escolar durou poucos meses. A mesma professora também discutiu e apresentou aos alunos, em sua sala de aula, alimentos ricos em gorduras e açúcares, com as respectivas quantidades destes ingredientes em saquinhos.
- e) a professora de educação física inseriu um concurso gastronômico no II Festival de Talentos, em comemoração ao Dia do estudante, realizado no dia 12 de agosto de 2015. A pesquisadora foi convidada a participar como jurada no evento, o qual também contou com concursos de dança, música, entre outros.

6.5 Fase 5 – Avaliação do processo

Os efeitos das ações de educação alimentar e nutricional, segundo a percepção dos participantes são descritos a seguir.

1ª - Ação: Grupo operativo para a promoção da alimentação saudável na escola:

... esse processo seja para que possamos solucionar os futuros e atuais problemas que precisam ser dialogados, e que precisam de participação nossa... (A1)

... tem que ser contínuo... estamos unidos para decidir algo... o pensamento aqui deve ser compartilhado lá fora... ver o problema, ver as raízes e procurar as soluções. Então temos que investir mais em nós, temos que acreditar mais em nós, pois sabemos a diferença que podemos fazer, e a diferença que já fizemos. (A8)

... surtiu efeito, teve seu objetivo alcançado (G4)

2ª Ação - Formação de merendeiras:

... mudou muito, melhorou muito, por causa do tempero.. (A2)

... relacionamento entre aluno e merendeira ficou muito melhor... (A11)

... antes da capacitação a comida era sem o sal ou era extremante salgada... a comida com controle de qualidade, uma comida que tinha uma consistência melhor. (A10)

... a gente amadureceu muito... deu até mais vontade de vir trabalhar... a gente vem com mais entusiasmo, para fazer cada vez melhor. E a gente aprendeu muito... (M1)

... foi muito bem aproveitado.... Muito bom... antes não tinha aquela força de vontade... (M3)

... abriu mais a mente... ficou com mais vontade de descobrir mais receita... (M2)

... a gente se empolgou, se habituou mais com as obrigações da cozinha, a gente se entendeu... está acertando mais, o desperdício de comida diminuiu bastante, todos os horários, e a sintonia, a gente está se entendendo mais e até o sabor da comida, está fazendo com mais vontade... (M3)

... isso se chama amor, responsabilidade do que está fazendo, no momento que a gente se junta e uma pede opinião da outra, acho que isso daí é muito importante, isso é trabalhar com amor... (M1)

3ª Ação - Família em ação para a saúde e nutrição:

... serviu para aproximar a comunidade escolar, os pais, os familiares, amigos, serviu para ter uma melhoria na alimentação... tanto familiar, quanto na escola... para facilitar uma vida saudável. (A1)

... plantei, colhi os coentros em casa.... fiz a minha própria horta, então serviu para termos também um contato maior com a natureza... com aquelas sementes... (A9)

... O aprendizado foi para todos... foi bom para pessoa vê se estava precisando de melhoras na saúde. (A3)

... tiveram conhecimento, e pode botar em prática. (A10)

... os professores... perceberam que estavam com a glicose alta, que estavam acima do peso... (A12)

... achei importante, fiquei sabendo da minha altura, do meu peso, a gente fez o exame de sangue também... (M2)

4ª Ação - 1ª Atividade com os alunos - construção do autocuidado para as práticas alimentares saudáveis:

... fez aprender que a gente precisa de uma alimentação saudável... (A4)

... além de nos conscientizar, alertou sobre os alimentos ultraprocessados que comemos..., as frituras, os doces em excessos... (A7)

... a interação dos alunos foi muito legal... (A9)

... gostei muito do debate, porque mostrou as preocupações sobre os alimentos em excesso, os processados e os ultraprocessados... (A3)

... aprendizado serviu para que prestasse atenção no que estava comendo. E agora diminuiu muito... (A6)

... achei importante... ensinou também como ter um convívio com o alimento e também que quando a gente come perto de pessoas que a gente gosta, a gente é mais influenciada e a comida fica mais gostosa. (A5)

... aprendi a ter um olhar mais crítico dos alimentos que consumia... (A2)

... esse olhar mais crítico, faz não aceitar tudo que é imposto. (A8)

... Foi algo fantástico e que deveria ter mais vezes... sempre penso que a informação é a melhor defesa que podemos ter para qualquer coisa... (A1)

5ª Ação - 2ª Atividade com os alunos - descobrindo o estado nutricional:

estratégia de fortalecimento para promoção da saúde:

... gostei da medição da altura e do peso... porque a gente pôde ver se estava no peso certo, na altura certa, e se poderia ter algum tipo de complicação... (A3)

... A caderneta foi importante, porque tinha tudo muito explicado... vários tópicos... para adolescentes... (A11)

... o positivo realmente foi o acesso à informação que tivemos. Muitos desconheciam o significado do IMC, então tivemos o conhecimento... do nosso corpo... (A1)

... Pudemos calcular o IMC... um acesso maior a saúde em si, porque a alimentação é um dos fatores que contribui para nossa saúde melhor. (A5)

... precisamos mesmo é algo que todos participem, e que todos sejam formadores de opiniões... (A1)

... ao alunos passaram a ver o IMC que eles já conhecem, mas eles entendiam ainda a importância dele e se enxergar... Foi importante, para eles verem o IMC e se enxergar como um dado sobre a saúde dele, eles não se viam ou não tinham consciência disso. (G4)

6ª Ação - Comunicação para a prática da alimentação saudável:

... aquela informação no banner está de forma mais acessível, lúdica e simplificada... poucas frases estava resumido todo conteúdo, tinha figuras de linguagem também, para uma alimentação saudável. (A12)

... todos são curiosos, e queremos saber o quê está escrito. Então foi um local estratégico, porque sempre estamos no pátio da escola, todos tem acesso ao recurso. O acesso à informação da alimentação nutritiva, da alimentação saudável... (A7)

,,, os pôsteres estão ali para ajudar, é um mecanismo de exposição, não é um mecanismo de mudança... é mais um agente da transformação, cada um com seu valor nesse processo e os cartazes acho que tem... foi legal porque lembro que os alunos estavam conversando... dá uma olhadinha lá... (G3)

Com relação a avaliação do processo educativo, a Análise Temática de Conteúdo (BARDIN, 2011) permitiu emergir dois temas, segundo a percepção dos participantes:

Tema 1 - Contribuições do processo participativo de desenvolvimento de estratégias de EAN

Subcategoria 1.1 - Descoberta e análise dos problemas alimentares e nutricionais:

... Aqui descobrimos as diversas opiniões... com esse processo.. Foi um alerta para cada um em termos da alimentação... (A1)

Subcategoria 1.2 - Exercício do protagonismo do aluno e das merendeiras:

... o projeto complementou o objetivo da escola, que é o protagonismo... é a nossa opinião. Fazemos parte de uma das principais decisões. Por quê? A alimentação é a base... (A3)

... porque a gente não só deve ouvir, a gente também deve falar... Temos que participar também... Somos profissionais também fazemos parte, isso tudo é uma equipe... (M3)

... me achei importante nessas palestras, nossas opiniões e foi bom o desenrolar e o entendimento foi bom; acho que eu me senti maior um pouquinho, cresci mais um pouquinho na minha profissão... (M1)

Subcategoria 1.3 - Inclusão da temática na sala de aula pelos professores:

... trabalhei os rótulos de alimentos variados e pesavam quanto daqueles componentes tinham naquela caixinha, para eles verem quanto tinha de açúcar, de carboidrato e a gente foi pesando tudo que eles comeram... Teve o projeto de horta, ele tem que continuar com os alunos... (G2)

... a gente trabalhou alguns textos na sala de aula, mais em cima da massa muscular... a gente trouxe alguns vídeos e trabalhamos alguns textos, trabalhamos algumas receitas... (G3)

Subcategoria 1.4 - Acesso à informação e aquisição de conhecimento sobre a alimentação saudável:

... depois do projeto, nós tivemos acesso a informação, ao conhecimento... (A1)

... A gente não conhecia, passou a conhecer e viu que aquela visão que a gente tinha de uma comida não gostosa, uma comida que a gente nunca tinha provado,

ela fazia bem pra saúde. (A4)

... esse projeto também serviu até para retirar, tanto as desculpas quanto até os preconceitos. Ah! Isso alimenta alguém? (A9)

... antes a gente não sabia o que era o melhor, mas agora, pensamos nos alunos... será que eles gostam, aí foi nisso que nós aprendemos bastante. (M2)

... os alunos passaram a conhecer como deve ser realmente a merenda... tiveram mais consciência sobre o corpo, sobre saúde, alimentação adequada... (G2)

Subcategoria 1.5 - Melhorias dos hábitos alimentares dos alunos:

... Hoje comemos mais na escola, nos alimentamos... (A6)

... me ajudou... Porque não tinha uma alimentação correta e hoje posso dizer que tenho uma base de que é uma alimentação correta e levo o que é de bom para minha casa. Mudei não só na escola, como também na minha casa... (A3)

... só comia muito guaraná e biscoito, agora estou melhorando, comendo mais fruta... quando participei das reuniões, vi que aquilo tinha que mudar. Então o projeto me mudou... até em casa mudou minha alimentação. (A11)

... Ajudou nossos pais a mudar alimentação da gente... mudou a comida, o tempero, o sal dentro de casa... serviu para mudar muito a minha alimentação... antes não tomava café em casa, não almoçava... Comecei a comer verdura.. agora amo verdura... (A12)

... a partir daquele debate que... mudou... E assim, não me alimentava bem, mas agora como natural, às vezes seis vezes por dia... (A5)

... os alunos procuram mais a merenda, estão se alimentando melhor... (M3)

... vou deixar de comer a coxinha, vou deixar de tomar a coca cola, eles comentavam na sala... alguns deles tiveram a mudança de hábito outros não... (G3)

Subcategoria 1.6 - Melhoria da alimentação escolar:

... o projeto veio para fortificar a alimentação da escola. (A7)

... a alimentação, deixou de ser repetitiva, está mais nutrida, colorida e apresentando melhores sabores... foi acrescentado depois do projeto, mais saladas, frutas, os legumes... E depois do projeto não ocorre mais a falta. (A4)

... realmente teve uma variação no cardápio... também mudou o jeito de lavarem os pratos... mudou muito o tempero, ficou muito melhor... (A2)

... antes falavam muito mal da merenda... agora não, a gente passa que é tudo feito com amor, atenção... (M1)

... ficou bem mais organizado, na questão de cardápio, de preparação dos pratos... (M1)

... houve uma preocupação maior da gestão com a alimentação... (G2)

... a escola teve uma melhora na merenda tanto que os alunos que estavam no grupo focal relataram que houve essa mudança... a merenda consideravelmente ficou gostosa... (G4)

Subcategoria 1.7 - Melhoria do desempenho escolar dos alunos:

... com o projeto de EAN, aumentou nossas notas, quando a comida melhorou, houve uma diferença significativa nas notas escolares, podem ver nos gráficos... (A1)

Subcategoria 1.8 - Melhoria da rotina de trabalho das merendeiras:

... sabe uma coisa que aprendi? A me divertir. Mas com responsabilidade. A gente faz a comida, mas se diverte. Aprendi a trabalhar assim, e é legal demais... (M3)

... achei interessante... fui me empolgando com o trabalho... Responsabilidade maior, também com diversão... (M1)

... foi muito importante. Para gente aprender, colaborar com o nosso trabalho... o fazer, o preparar... Por em prática... Lidar melhor com os alunos... antigamente nem conversar com os alunos a gente conversava... Hoje a gente conversa. (M2)

... é porque acho que a gente agora é uma equipe mesmo. A gente conversa... (M1)

... as merendeiras melhoraram na parte de alimentação... (G1)

Subcategoria 1.9 - Reconhecimento da importância da participação integrada no processo educativo:

... a todo o momento estávamos nós alunos, as merendeiras... Então foi uma participação coletiva... todos foram beneficiados, as merendeiras tiveram conhecimento, nós tivemos conhecimento... (A1)

... minha participação foi bem produtiva... de ajudar uns aos outros... (A5)

... foi muito importante a participação dos alunos em relação ao projeto todo. Isso tudo faz com que você queira comer na escola também. A integração faz com que

os outros queiram participar... faz com que eles tenham mais interesse na alimentação da escola, ligação com a merenda e os funcionários... (A8)

... achei minha participação importante nisso tudo... porque tive oportunidade de dizer o que achava melhor, na opinião deles... (M3)

... à participação foi importante, porque a gente aprendeu mais; a gente cresceu... Conseguiu passar mais segurança para os professores, para os alunos e funcionários... (M2)

... Foi construtiva todas as opiniões... dos professores, dos alunos, da gestão, do pessoal da cozinha... (M1)

... quando a gente estava nesse processo mexeu com tudo... com aluno, com as merendeiras... (G4)

Tema 2 - Perspectivas de continuidade do processo participativo

Subcategoria 2.1 - Atuação integrada dos atores escolares para mudanças:

... Então se nós alunos juntos com diretor, coordenador, fornecedor alimentício junto com as merendeiras, esse projeto sempre vai continuar... é o coletivo, então sempre iremos melhorar cada vez mais. (A1)

... só vai continuar, se nós incentivar... Então se nós tivermos unidos, iremos mudar... (A9)

... acho que a gente tem que dialogar... conversar e pôr em prática... (M1)

... fazer o trabalho com todos os professores, com os alunos... ter mais interação, ter mais informação... o que a gente espera é que isso continue... seria a ajuda dos professores... nutricionista... (G1)

... nos já foi disseminado conhecimento... a semente já está em nós, basta continuar esse projeto, continuar... verificar e vê as possíveis causas e vê as possíveis soluções... (A10)

... deixar esse grupo formado... Fechar a reunião... chamar os alunos para amarrar e planejar as atividades desse grupo, para esse ano... chamaria as merendeiras, chamaria os alunos, a gente e ai deixaria amarrado... olha gente, a gente quer ter continuidade, e uma vez no mês a gente senta, a gente escolhe 5, 4 dessas opções... o grupo vai fortalecer a mudança... (G3)

Subcategoria 2.2 - Inclusão das ações de EAN no plano pedagógico anual da escola:

... As sugestões... seja bimestral ou trimestral. Introduzir no plano pedagógico da escola... que todos os alunos sejam integrados a esse projeto, ter um poder de participação maior, debata mais... (A1)

... o dia da saúde. Podia amarrar isso... escolher um mês e fazer. (G1)

... o professor de educação física... ele perguntou se tinha uma balança; que ele vai fazer esse acompanhamento com os alunos... é um reforço para o projeto... (G3)

... vou fazer esse ano o painel integrado... a parte de vitaminas, para verem a estrutura química das vitaminas, trabalhar as propriedades no corpo, como elas funcionam no corpo... (G2)

7 DISCUSSÃO

Os achados deste estudo contribuem para a consolidação do papel da EAN na construção da autonomia para a tomada de decisões quanto à escolha da alimentação saudável, e para a formação de práticas alimentares saudáveis, a partir de estratégias educativas, que visam a construção de motivações, a sua implantação e institucionalização na escola, considerando a realidade alimentar dos participantes envolvidos.

Nesta perspectiva, o processo participativo deste estudo, enquanto estratégia educativa despertou o interesse dos atores escolares por refletir e valorizar a identidade, as experiências, e as crenças em relação ao alimento e a alimentação, sendo capaz de incentivar o envolvimento e integração entre eles para mudanças relacionadas à alimentação e nutrição no ambiente escolar.

As percepções dos atores escolares sobre a participação no processo de construção de estratégias de EAN foram focadas em expectativas e esperanças para a apreensão do conhecimento sobre a alimentação e nutrição, e melhorias da qualidade da alimentação escolar. Apesar de cada ator escolar carregar uma história de vida, possuem demandas compartilhadas, pois convivem no mesmo ambiente.

O papel da pesquisadora inserindo-se no cenário do estudo, tornando-se ator coadjuvante na rotina da escola foi determinante para a formação do vínculo com os atores escolares, e entre eles próprios. Este envolvimento e integração foram constituídos a partir do diálogo permeado por sentimentos e emoções, tais como a afetuosidade, a alegria, gerando a participação no decorrer do PPCE-EAN.

A fase inicial do estudo contemplou o reconhecimento e compartilhamento da realidade das práticas alimentares vivenciada, especificamente dos alunos, desvelou os elementos cognitivos e simbólicos, os problemas alimentares e nutricionais e seus fatores condicionantes (BOOG, 2010; CERVATO-MANCUSO, 2011). O diálogo permite o compartilhamento dos diferentes saberes, sejam os científicos, os populares e os técnicos, com base no respeito às diversas percepções (BRASIL, 2018).

A começar pelas percepções dos alunos sobre a alimentação saudável, cuja compreensão congrega elementos culturais e as preferências alimentares ao

tradicional conhecimento da dieta adequada, restrita ao consumo de alimentos saudáveis, como vegetais e frutas, e a restrição de alimentos não saudáveis (SILVA et al., 2016; SILVA, D. C. A. et al., 2015). Os aspectos relacionados a concepção ampliada da alimentação saudável (acesso, aquisição, armazenamento, preparo e consumo de alimentos) não foram expressos pelos alunos da escola (BRASIL, 2018).

As preferências alimentares dos alunos são por alimentos industrializados e *fast food* em detrimento de frutas e hortaliças. Embora eles tenham um conhecimento popular sobre a alimentação saudável, demonstram não aplicá-lo nas suas práticas alimentares. Esses achados corroboram com a literatura (SILVA et al., 2016; SILVA, D. C. A. et al., 2015).

Na escola do estudo, o oferecimento de frutas (melancia, banana, laranja) na alimentação escolar possui uma frequência média de três a quatro dias por semana, inseridas nos cardápios. Apesar desta oferta regular, observou-se parte importante de alunos não incluía as frutas na alimentação.

A Pesquisa Nacional Saúde do Escolar mostra o consumo entre os alunos de 37,7% para verduras ou legumes, e 32,7% para frutas frescas (IBGE, 2016). Os efeitos benéficos do consumo destes alimentos protetores estão bem estabelecidos na literatura, e é recomendado pelo Guia Alimentar para a População Brasileira, a fim de contribuir para a proteção à saúde e redução do risco de ocorrência de várias doenças crônicas (AZEVEDO et al., 2014; BRASIL, 2014).

A gestão escolar, professores, nutricionista e merendeiras confirmam as práticas alimentares declaradas pelos alunos deste estudo. Eles debruçam sobre a família a responsabilidade na formação dos hábitos alimentares que repercutem na escola. Existe evidência que os alunos que realizam as refeições com os pais optam por consumir com maior frequência a alimentação escolar (LOCATELLI; CANELLA; BANDONI, 2017).

Os alunos do estudo referem à influência da família nas suas práticas alimentares, seja devido à aquisição e disponibilidade dos alimentos em casa, e/ou estimulação para o consumo de determinados alimentos. Segundo Silva D. C. A. et al. (2015) a família representa papel fundamental no controle das escolhas, compra e preparo dos alimentos dos adolescentes. Neste contexto, alguns alunos possuem o hábito e gostam de cozinhar em casa, e às vezes preparam as refeições por

necessidade da família. Este interesse manifestado pelo preparo de alimentos sinaliza que as ações de EAN tendo como eixo estruturante a culinária podem ser efetivamente aceitas pelos alunos, com resultados importantes para transformações das práticas alimentares.

A culinária tem sido utilizada nas ações de EAN participativas voltadas, respectivamente, para crianças, adolescentes, e profissionais de saúde e educação (BUKHARI; FREDERICKS; WYLIE-ROSETT, 2011; CASTRO et al., 2007; SILVA et al., 2014). Além de constar na literatura infanto-juvenil para estimular a formação de hábitos alimentares saudáveis (ALCÂNTARA; BEZERRA, 2016). A culinária consolida-se como uma ação de EAN capaz de proporcionar a reflexão, o aprendizado e a motivação para o desenvolvimento de habilidades culinárias e práticas alimentares saudáveis (BUKHARI; FREDERICKS; WYLIE-ROSETT, 2011; CASTRO et al., 2007), sendo um dos princípios da EAN.

Diante destas percepções, os profissionais da escola precisam ser despertados e sensibilizados para ver os alunos como autores de sua própria história, com potencial para mudanças, considerando que a adolescência é uma fase de vida caracterizada por transformações físicas, psíquicas e sociais, nas quais existe a busca por novos modelos e escolhas, entre essas a definição de práticas alimentares (HORTA; SENA, 2010).

Na escola, às práticas alimentares dos alunos estão diretamente relacionadas ao PNAE (BRASIL, 2013a; BRASIL, 2009b). Neste sentido, os atores escolares enfatizam o consumo da alimentação escolar pelos alunos. Tanto os alunos quanto as merendeiras deste estudo referem que a maior parte dos alunos consome a alimentação escolar às vezes ou nunca a consome.

Estudos mostram que a existência de cantinas nas escolas pode interferir na adesão/aceitação à alimentação escolar, e ser uma limitação à EAN (DANELON, M. A. S.; DANELON, M. S.; SILVA, 2006). Os alunos referem que a alimentação escolar é substituída por lanches comprados na barraca ou alimentos trazidos de casa ou simplesmente não consomem nenhum alimento na escola. Juntamente com as merendeiras, eles percebem que para muitos alunos, os lanches da barraca representam as três refeições do período de permanência na escola, e associam esta prática alimentar ao aparecimento de doenças, demonstrando o conhecimento sobre malefícios destas. Contudo, referem que existe a vontade de comer esses

alimentos para satisfazer o desejo. Os alunos optam pelos alimentos da cantina por considerá-los mais “saborosos” (SCHMITZ et al., 2008; VARGAS et al., 2011).

A literatura mostra que a maior frequência de consumo de alimentos comercializados é condizente com a menor chance do consumo da alimentação escolar pelos adolescentes. Porém, ainda não há evidências científicas para definir se a rejeição da alimentação escolar é a primeira opção de escolha, seguida do consumo de outros alimentos ou vice e versa (VALENTIM et al., 2017).

As práticas alimentares dependem, além do conhecimento, dos determinantes biológicos, psicossociais, ambientais e econômicos, que corroboram para a decisão da escolha alimentar (BRASIL, 2014; ESTIMA; PHILIPPI; ALVARENGA, 2009; EUFIC, 2005; ROSSI; MOREIRA; RAUEN, 2008).

Neste estudo, existem questões sociais dos alunos que implicam a prática do consumo regular da alimentação escolar (quando não se alimenta em casa e não compra lanches). Esse dado confirma que o PNAE, na prática, também apresenta um caráter assistencial, apesar do discurso da superação desse (PEIXINHO, 2013). Segundo Camozzi et. al. (2015) a compreensão assistencialista da alimentação escolar ainda é predominante entre os profissionais da escola.

Para os alunos da escola, há outros fatores influenciam a escolha pela alimentação escolar, tais como: o horário de oferta de algumas preparações, principalmente no que se refere à adequação da temperatura da refeição ao clima quente e horário servido; higiene dos alimentos e utensílios; tipo de utensílios utilizados na alimentação; falta de organização da fila de distribuição da alimentação; sabor; aparência; ingredientes; pouca variação e organização dos cardápios; quantidade insuficiente de alimentação.

Estes achados podem ser os principais aspectos que criam resistência ao consumo da alimentação escolar e restringem o exercício do direito humano a alimentação adequada. Este inicia com oferta regular da alimentação escolar adequada e saudável, planejada pelo nutricionista (GABRIEL et al., 2014; SILVA; AMPARO-SANTOS; SOARES, 2018).

Ao mesmo tempo, os atores do estudo afirmam que existe uma adequada aceitação da alimentação escolar quando está saborosa e agradável. Esse fato sugere que a questão da escolha da alimentação escolar está relacionada fortemente as suas características organolépticas (sabor, odor, consistência,

aparência) e aos fatores organizacionais do cardápio (variação e combinação dos alimentos).

A aceitação da alimentação escolar varia conforme o aluno considerá-la apropriada para o consumo e ao hábito alimentar, havendo momentos de rejeição (SILVA; AMPARO-SANTOS; SOARES, 2018). Para as merendeiras, um fator importante que influencia a escolha da alimentação escolar pelo aluno é a pouca variação dos cardápios. Além desta pouca variação dos cardápios, o sabor e os hábitos alimentares construídos pela família são fatores que influenciam a escolha da alimentação escolar, segundo a gestão escolar, professores e nutricionista. Todos os atores referem que existe um enorme desperdício da alimentação escolar. Dessa forma, os alunos demonstram resistência e dificuldades para o consumo da alimentação escolar, e declaram que o incentivo para o consumo da alimentação escolar depende de melhorias no cardápio da escola.

Neste contexto, o consumo da alimentação escolar é influenciado fortemente pelo sabor das preparações, atributo que proporciona prazer ao degustar o alimento, pela adequação dos cardápios do PNAE aos hábitos alimentares dos alunos, e pelas condições de infraestrutura da escola, sinalizando a necessidade de adequação do ambiente e insumos para a preparação e distribuição das refeições, e de capacitação dos profissionais envolvidos na produção das refeições (LIBERMANN; BERTOLINI, 2015; LOCATELLI; CANELLA; BANDONI, 2017; RECINE, 2018).

Segundo a Resolução Nº 26, de 17 de junho de 2013, os cardápios da alimentação escolar devem ser elaborados pelo nutricionista, com alimentos básicos regionais, que façam parte dos hábitos alimentares e estejam incluídos na cultura alimentar, considerando os aspectos da sustentabilidade, sazonais e diversidade da agricultura local. Os cardápios devem conter, no mínimo, três porções de frutas e hortaliças por semana (200g/aluno/semana), sendo que sucos de frutas não substituem a obrigatoriedade da oferta de frutas *in natura*; apresentar limites percentuais de energia total para açúcar simples adicionado (10%); gorduras totais (15 a 30%); gordura saturada (10%); gordura trans (1%); e sódio; os doces e/ou preparações doces devem ser limitados a duas porções por semana (BRASIL, 2013).

Neste estudo, os atores escolares afirmam que o cardápio da alimentação escolar executado é diferente do planejado pela Secretaria Estadual de Educação. A

literatura descreve que existem modificações nos cardápios das escolas realizadas por vezes pelas merendeiras, justificadas pela falta de ingredientes para cumprir as preparações planejadas nutricionista (ISSA et al., 2014; VIEIRA et al., 2008).

As substituições dos cardápios são mais frequentes na gestão centralizada do PNAE quando comparada a gestão terceirizada (GABRIEL et al., 2014) e podem acontecer devido à utilização aleatória dos ingredientes em desconformidade com o cardápio planejado, ou devido a problemas na logística de abastecimento dos gêneros alimentícios para as escolas (ISSA et al., 2014), e baixa qualificação dos profissionais (MELO; FRANCO DE SA; MELO FILHO, 2016).

No estado de Pernambuco, o PNAE apresenta um Sistema de Gestão Misto, no qual a escola recebe alguns gêneros alimentícios e uma verba complementar, destinada a aquisição de alimentos para complementar os cardápios (PERNAMBUCO, 2017). Esse modelo de gestão facilita o atendimento, devido a redução de custos com logística de transporte (SANTOS et al., 2007) e respeita a diversidade de hábitos alimentares regionais do estado. No entanto, observam-se desvantagens com relação às dificuldades burocráticas e de logística para o cumprimento dos cardápios planejados pelo nutricionista. Há escolas que não executam o cardápio planejado, pelo fato de alguns gestores considerarem a verba escassa e valor insuficiente para cumprimento do cardápio (ALBUQUERQUE, 2012).

Ao mesmo tempo, para os alunos, as merendeiras apresentam-se desmotivadas para o preparo da alimentação escolar. As merendeiras percebem que seu trabalho não é reconhecido pelos alunos. O trabalho da merendeira na escola é socialmente marcado pela invisibilidade e desvalorização, devido às atividades serem consideradas manuais e domésticas, e seu desempenho pode sinalizar condições de trabalho precárias, falta e inadequação dos equipamentos, materiais e insumos (SILVA et al., 2014). Tanajura e Freitas (2012) pontuam que as atividades desenvolvidas pelas merendeiras no cotidiano são extenuantes, ocorrem em precárias condições físicas, mas ainda assim, há um sentimento de conformidade com o trabalho.

Segundo Silva et al. (2014), as merendeiras mostram-se mobilizadas pela “inteligência prática”, ou seja, pelo conhecimento empírico acumulado durante a prática profissional, e procuram adaptar as situações adversas do trabalho na tentativa de manter a qualidade. Carvalho et al. (2008) revelam a necessidade de

maior suporte técnico e psicológico no processo de trabalho das merendeiras, e aponta a necessidade de um olhar mais atento para as potencialidades deste profissional.

Em relação às percepções dos atores escolares sobre a EAN, especificamente os alunos, a vêem como uma prescrição nutricional que orienta o consumo de alimentos saudáveis, sendo adotada em etapas, como um processo de reeducação alimentar. A EAN é considerada, por todos os atores escolares, uma norma para a prática da alimentação saudável. Estas percepções enfocam o aspecto biológico relacionado ao consumo de alimentos (ALBUQUERQUE; PONTES; OSÓRIO, 2013).

O conhecimento é uma interpretação e reconstrução da linguagem e do pensamento, apreendidos do contexto vivenciado (MORIN, 2013). Segundo um professor do estudo: *“como fazer educação alimentar na sala de aula se não temos referência de uma boa merenda na escola? É difícil”*. A realidade da alimentação escolar gera um sentimento de impotência no professor para trabalhar ações de EAN com os alunos, e nesses gera a ausência de incentivo para aceitar a alimentação escolar.

A alimentação escolar não se limita apenas ao oferecimento de uma refeição adequada e saudável, mais é considerada uma estratégia de EAN para abordar os diversos assuntos relacionados ao alimento e a alimentação, num encontro de todas as áreas de conhecimento da escola, tais como “a matemática, as ciências da natureza, sociais, as artes, a linguagem, a história, a química, a física, a filosofia” (BARBOSA et al., 2013).

Para a prática da EAN na escola, a regulamentação do PNAE considera: a oferta da alimentação escolar adequada e saudável; a formação dos profissionais envolvidos na alimentação escolar; a inserção do tema no currículo e atividades pedagógicas; a promoção de metodologias inovadoras que incentivam a formação de hábitos alimentares saudáveis e a articulação entre as políticas públicas de alimentação e nutrição (BRASIL, 2013a).

Os atores do estudo percebem a carência das práticas de EAN na escola. Os alunos percebem a prática da EAN na forma de conversas informais com professores, que orientam para a prática da alimentação saudável, e pontualmente na disciplina de biologia, quando o professor trabalha o conteúdo obrigatório em sala de aula. Segundo Juzwiak (2013) esta tendência de focar a temática da alimentação

e nutrição nas disciplinas de ciências e biologia, distancia as discussões dos aspectos sociais e culturais da alimentação e do alimento na escola. Por sua vez, as merendeiras percebem como ação de EAN a capacitação que realizam anualmente, e o próprio ato de preparar a alimentação escolar, e o consumo dessa pelos alunos.

Os alunos, gestão escolar e professores também percebem a EAN na atuação do nutricionista na escola, expressa na forma de pesquisas sobre a aceitação da alimentação escolar e sobre as preferências alimentares dos alunos, por meio da aplicação de questionários, e de uma palestra. Contudo, os efeitos e desmembramentos destas atividades na adequação da alimentação escolar não são perceptíveis, e existe pouco acesso e interação com o profissional. Segundo Rodrigues et al. (2015), para o cumprimento dos objetivos do PNAE, se faz necessário o acompanhamento e monitoramento do seu funcionamento.

O nutricionista escolar faz o acompanhamento da alimentação escolar, por meio de visitas técnicas de supervisão. Os resultados destas são repassados à Secretaria Estadual de Educação e ao gestor da escola, a fim de realizar os ajustes para o funcionamento adequado da alimentação escolar. Do ponto de vista do nutricionista, há dificuldades para cumprir efetivamente suas atribuições na escola, pois é responsável técnico por mais 20 escolas.

Esta situação destoa da recomendação do Conselho Federal de Nutricionistas, que estabelece parâmetros mínimos de número de profissionais por alunos, por exemplo: até 500 alunos (1 responsável técnico) com carga horária de 30 horas semanais (BRASIL, 2010a). O nutricionista da escola demonstra sobrecarga laboral, fato já registrado na literatura, não dispondo de tempo suficiente para atender todas as demandas da escola, como estabelecer um vínculo com os professores (CHAVES et al., 2013). Segundo Vieira et. al. (2014) as ações de EAN realizadas pelos nutricionistas nas escolas estão relacionadas com maior tempo de serviço e maior carga horária semanal.

O nutricionista da escola ressaltou o contato com os professores a partir da participação na pesquisa-ação. Contudo, não participou ativamente da execução de algumas atividades educativas, durante a quarta fase do estudo, em virtude da acumulação de atividades em outras escolas. De fato, muitas vezes, a relação entre educadores e nutricionistas se apresenta distante e sem integração (JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013).

As dificuldades encontradas pelo nutricionista em desenvolver as atividades de EAN nas escolas também se deve em parte pela falta de apoio e reconhecimento de alguns gestores sobre a abrangência do trabalho do PNAE (SCARPARO et al., 2013). Logo, o papel da gestão escolar é determinante neste processo participativo, pois a escola possui autonomia para projetos em todas às áreas.

Para o nutricionista exercer a EAN na escola é preciso ter a oportunidade de participar de ações educativas, aliada a disposição e interesse, bem como disponibilidade. O nutricionista reconhece que a prática da EAN não deve ser limitada apenas a sua atuação, e depende da integração dos profissionais da escola (ALBUQUERQUE, 2012).

Outra dificuldade é formação acadêmica do profissional nutricionista em um modelo curricular fragmentado e enraizado num tradicional modelo tecnicista biomédico de intervenção, que objetiva a mudança de comportamento das pessoas, por meio da transmissão de normas e regras, focando a doença em detrimento do cuidado no processo de saúde e doença, e seus fatores determinantes da vida individual e coletiva (SANTANA; RUIZ-MORENO, 2012; SANTOS, 2005).

As ações de EAN passa a ser um desafio à prática profissional do nutricionista. Para que esse se insira na escola, a fim de exercer um trabalho educativo interdisciplinar, faz-se necessário que se estabeleça uma relação de diálogo entre o saber popular e o saber técnico, de forma a superar este tradicional modelo tecnicista de intervenção (COSTA; RIBEIRO V.; RIBEIRO E., 2001).

Para reforçar a atuação do nutricionista na escola, a Resolução 465/2010 dispõe sobre as atribuições do nutricionista, e expõe a responsabilidade deste em propor e realizar ações de EAN com a comunidade escolar (BRASIL, 2010a). O planejamento das atividades deve incluir as dimensões da alimentação integradas às disciplinas do currículo e ao contexto, com destaque para os aspectos ecológicos e ambientais da alimentação (BRASIL, 2010a).

Para ser educador em EAN não basta transmitir informações corretas de forma didática, mas implica em apreender a maneira como o educando vivencia o problema alimentar, tanto em relação ao consumo de alimentos, como envolver-se nas questões de natureza subjetiva e social da vida cotidiana (BOOG, 2008). Isso requer disponibilidade, disposição e dedicação para participação do planejamento de ações de EAN na escola. O nutricionista deve contribuir no fortalecimento e

disseminação das ações e opiniões sobre a EAN na escola (BRASIL, 2010a).

Há recomendações para que a atuação dos profissionais esteja atrelada aos alunos e familiares, os quais juntos podem exercer papéis determinantes para a promoção da EAN na escola (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014). Esta atuação perpassa pela reflexão sobre a participação de cada ator escolar no processo educativo de construção de estratégias de EAN. A participação no processo educativo não se resume apenas a presença, ao compromisso e a colaboração, mais se apresenta como a possibilidade de todos desfrutarem da ação educativa por meio da socialização e compartilhamento das decisões e responsabilidades (GANDIN, 2001).

Os alunos consideram este processo participativo um espaço para diálogo com os demais atores da escola, para mostrarem suas ideias e posicionamentos, os quais podem mobilizar transformações na escola e na vida, através da oportunidade para aprender mais sobre a alimentação e nutrição.

Estudo realizado com nutricionistas de escolas do município de Duque de Caxias (Rio de Janeiro/Brasil) sinaliza a necessidade de incluir os alunos no processo de construção de estratégias de EAN na escola, sendo a participação deles inerente aos processos educativos baseados na educação popular (CASEMIRO et al., 2015). Uma vez que as estratégias de EAN onde os alunos apresentam uma atuação dinâmica, reflexiva, crítica e participativa, reconhecendo a sua realidade alimentar e sua capacidade de intervir nas escolhas alimentares, se sobressaem como eficazes para facilitar a prática da alimentação saudável (DUDLEY; COTTON; PERALTA, 2015).

Entre as merendeiras, a participação se destaca como uma possibilidade para compartilhar o conhecimento tanto sobre as questões teóricas da alimentação, quanto às questões práticas que envolvem a rotina do preparo da alimentação escolar. Apesar das atividades desenvolvidas pelas merendeiras sejam na maioria rotineiras, há demanda de adaptações criativas que necessitam de reflexão e senso crítico permanente (COSTA; LIMA; RIBEIRO, 2002).

Estudos mostram que as merendeiras consideram pertinentes às ações para estimular a melhoria e consumo da alimentação escolar pelos alunos, e enfatizam a importância de sua participação, pois são conhecedoras do contexto alimentar da escola e dos aspectos físicos, mentais e sociais dos alunos. Além disso, a sua

participação em processos educativos é fundamental para a promoção da valorização e a motivação no trabalho (FERNANDES; FONSECA; SILVA, 2014; LEITE et al., 2011).

A gestão escolar, professores e nutricionista percebem este processo educativo como um veículo para despertá-los a olhar com maior atenção para a EAN na escola, especificamente para a alimentação escolar. A participação dos atores escolares é um constituinte ativo para potencializar a construção de conhecimentos, compreender as múltiplas relações da realidade, de modo a pensá-la, constituí-la (FREIRE, 2008), e expressá-la com atitudes diante das necessidades alimentares, voltadas às práticas alimentares saudáveis que buscam contribuir para a saúde e garantia da segurança alimentar e nutricional.

Na fase inicial do estudo, os atores escolares perceberam o processo participativo como um espaço educativo para refletir sobre a EAN na escola, expressar acontecimentos, opiniões e escuta ativa. Este processo abrangia todos os segmentos da escola, não sendo isolado e direcionado a apenas um grupo da escola.

O envolvimento e integração entre os atores escolares foram constituídos a partir do princípio do diálogo, o qual promove o convívio e o acolhimento, sendo determinantes para o processo participativo (FREIRE, 2016b), no qual diferentes partes interessadas podem colaborar para a escola desenvolver e manter as ações de EAN (PORTER; KOCH; CONTENTO, 2018).

Neste contexto, os achados deste estudo demonstram que o envolvimento e a integração entre os atores escolares para mudar a realidade da alimentação escolar e fomentar práticas educativas em alimentação e nutrição configuram-se como as motivações necessárias para a construção de estratégias de EAN na escola. Assim, os atores escolares deste estudo puderam compartilhar a percepção da necessidade de melhoria da alimentação escolar, para evitar o desperdício de alimentos, e melhoria do consumo alimentar dos alunos na escola. Juntos demonstraram interesse em aprender sobre a prática da alimentação saudável, a partir de abordagens educativas estimuladoras e incentivadoras para a escolha e consumo dos alimentos saudáveis, e para a promoção à saúde.

Na segunda fase do estudo, o processo participativo promoveu o desenvolvimento da capacidade dos atores escolares pensar criticamente sobre a

realidade da EAN na escola, fortalecendo o envolvimento dos atores escolares, e impulsionando o diálogo e a problematização. No processo educativo a problematização ocorre quando há questionamentos sobre a realidade vivenciada com surgimento de sentimentos de recusa desta, os quais motivam a análise crítica das situações-problemas, e em seguida originam as possibilidades de soluções, que incentivam transformações. A problematização é um princípio que reconhece o ser humano como ser histórico capaz de promover constante transformação para melhoria de sua realidade (FREIRE, 2016a).

Neste sentido, foram nos encontros dos participantes, onde cada ator escolar manifestou seus pensamentos, pôde discuti-los e a partir disso, formaram-se as propostas de estratégias de EAN, e as decisões coletivas dotadas de significados que culminaram com o planejamento das ações de EAN no currículo escolar e da alimentação escolar.

O planejamento permitiu à análise da viabilidade de implantação das ações quanto à adequação a estrutura física do ambiente escolar, ao tempo e aos recursos disponibilizados (BOTELHO et al., 2016; PORTER; KOCH; CONTENTO, 2018). Para a escolha das ações planejadas foram consideradas as possibilidades de execução, tais como: a integração entre os atores escolares, a disposição e iniciativa; o baixo custo; a inserção das ações no currículo escolar (nas disciplinas de educação física, reunião de pais e mestres, e na rotina de trabalho das merendeiras).

Na literatura, as estratégias de EAN predominantes na escola são cursos de capacitação para profissionais, oficinas práticas sobre alimentação saudável para a comunidade escolar e grupos de discussão com temas pré-definidos com abordagem dialógica (SANTOS; ALVES, 2015).

As ações de EAN facilitadoras para promoção da alimentação saudável são aquelas incluídas no currículo escolar e aquelas com envolvimento dos pais (DUDLEY; COTTON; PERALTA, 2015). Além disso, as abordagens educativas devem conter mensagens positivas e encorajadoras, ao invés de proibitivas e negativas (SADEGHOLVAD et al., 2017). De fato, abordagens educativas impositivas entre o certo ou errado, sem que haja o desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos, revelam que o aprendizado não é capaz de motivá-los para mudanças. Por isso, as ações de EAN deste estudo foram fundamentadas nos princípios do diálogo, participação e problematização, e apresentam repercussões

positivas na vida dos atores escolares (FREIRE, 2016b; FREIRE, 2016a).

A ampliação da divulgação da informação sobre a alimentação e a promoção de ações de EAN com abordagens participativas associando a alimentação, a saúde e os riscos para o desenvolvimento de diversas doenças, podem repercutir na adoção de uma alimentação saudável (SILVA et al., 2016; SILVA; TEIXEIRA; FERREIRA, 2014).

Segundo as falas dos atores escolares, houve melhorias no sabor e na variação dos alimentos, e no convívio entre as merendeiras e alunos, contribuindo para aumentar o consumo da alimentação escolar pelos alunos. Os participantes atribuíram essas mudanças aos processos educativos vivenciados e apreendidos nas ações do grupo operativo e na formação de merendeiras. Esses achados corroboram com a literatura ao descrever que ações de EAN baseadas nas experiências vivenciadas pelos participantes aliadas a programas alimentares instituídos na escola promovem um aumento do consumo de alimentos saudáveis pelos alunos (GOLD et al., 2017).

Além disso, a formação das merendeiras representou uma possibilidade para compartilhar o conhecimento teórico e prático que envolve a rotina do trabalho, capacitando-as para o exercício da profissão de forma humanizada. Outro aspecto refere-se ao autorreconhecimento das merendeiras sobre a importância e responsabilidade do seu trabalho na promoção da alimentação saudável e saúde dos alunos. Este fato também foi descrito por Till et al. (2017) que observaram melhorias das habilidades de preparo e mudanças nas crenças de merendeiras, a respeito do seu papel na saúde e no desempenho do escolar, após treinamentos que abordaram o alimento oferecido na escola como instrumento de promoção da saúde.

As ações de EAN também permitem o fortalecimento da rede de apoio à família e alunos, quando envolve a comunidade escolar (PORTER; KOCH; CONTENTO, 2018). Neste sentido, a ação do dia da família, aproximou a comunidade escolar, alunos, pais, professores e gestão escolar, profissionais de saúde entre si e da temática holística da alimentação. Esta temática foi abordada nas diferentes atividades que envolveram desde a produção dos alimentos até a utilização e consumo de preparações culinárias. Por meio das ações de EAN os alunos podem desenvolver habilidades como escolha e preparo de alimentos, e cultivo de vegetais

(SADEGHOLVAD et al., 2017). Tais habilidades foram referidas pelos alunos deste estudo que incentivaram os familiares para aquisição e preparo de alimentos *in natura* em casa, com foco no exercício culinário, e para a utilização das sementes distribuídas, e com elaboração de hortas em casa.

Por meio das atividades de EAN vivenciadas, os alunos refletiram sobre o consumo em excesso de alimentos processados e impacto na saúde, tiveram um olhar crítico sobre a conduta alimentar habitual e estado nutricional, sobre a praticidade do preparo de alimentos saudáveis *versus* não saudáveis, e sobre a publicidade de alimentos; e suscitaram a curiosidade de ler os rótulos nutricionais dos alimentos.

Neste âmbito, os alunos da escola perceberam a necessidade de mudanças nos hábitos alimentares, e expressaram a decisão por uma alimentação saudável, a partir da substituição de alimentos processados ricos em açúcares, por alimentos *in natura*, repercutindo em melhorias dos hábitos alimentares na escola e na família, e no desempenho escolar. Portanto, durante o processo participativo, os alunos tornaram-se capazes de construir um conhecimento motivador de mudanças, e assumiram a posição da produção do saber (FREIRE, 2016a; FREIRE, 2016b).

Os professores deste estudo também desenvolveram ações de EAN em suas salas de aula, estimulados pelo processo participativo. Esse possibilitou o desenvolvimento da transversalidade na escola, ora entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas (BRASIL, 2010b).

Estudos mostram que os professores concordam que a temática da alimentação e nutrição esteja presente na sala de aula (AKTAS; CONTENTO; KOCH, 2013; ALBUQUERQUE; PONTES; OSÓRIO, 2013). Porém, eles necessitam receber orientações e formações para aumentar sua confiança no ensino do assunto, de forma prática e fácil de ser implementado (ARCAN et al., 2013; LARSEN et al., 2017; NANAYAKKARA; MARGERISON; WORSLEY, 2018; SADEGHOLVAD et al., 2017). Neste estudo, o processo participativo pode ser considerado um incentivo aos professores e alunos para o desenvolvimento das ações de EAN, corroborando com a literatura (ARCAN et al., 2013; BOOG, 2010).

Há perspectivas para a continuação do processo participativo com integração de todos os alunos, merendeiras, equipe da gestão escolar e nutricionista, e inclusão

das ações de EAN no plano pedagógico anual da escola. Waters et al. (2018) referem que os alunos conferem importante papel na introdução de mudanças na escola, pois são os protagonistas de quaisquer processos de ensino-aprendizagem na escola.

Esses achados sinalizam que a escola deste estudo está a caminho da legitimação de processos participativos de construção de estratégias de EAN. Para isso, recomenda-se que os planos de ação estejam focados na promoção da alimentação saudável no ambiente escolar; que envolvam diferentes participantes, de forma ativa; que haja inserção formal ou informal de temas relacionados à alimentação e nutrição no currículo escolar; que as ações sejam integradas e sistemáticas (PORTER; KOCH; CONTENTO, 2018).

De modo geral, os achados deste estudo permitem inferir que um processo educativo baseado no contexto, nas aspirações e nos anseios dos participantes potencializa a construção do conhecimento compartilhado e a formação de significados, culminando em experiências de aprendizagem, e contribuindo para a compreensão da realidade vivenciada. Portanto, o processo participativo pôde instaurar transformações, a partir do empoderamento dos atores e da tomada de decisões que contribuíram para a promoção da alimentação saudável na escola e na família do escolar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados deste estudo, pode-se afirmar que o processo participativo baseado nos princípios do diálogo e da problematização revela-se como metodologia pedagógica de EAN que busca o desenvolvimento, implantação e fortalecimento das práticas de EAN na escola, por meio da participação reflexiva e ativa de diferentes atores escolares sobre a realidade alimentar.

Os atores escolares tiveram a oportunidade de refletir a respeito da realidade vivenciada sobre a alimentação e a EAN, gerando argumentações que os tornaram atores críticos, motivados e capazes de promover transformações em seu cotidiano. O envolvimento e a integração dos atores escolares foram o ponto de partida deste processo, atitudes responsáveis por gerar a participação entre eles, necessária ao desenvolvimento do processo participativo de construção de estratégias de EAN (PPCE-EAN).

Neste âmbito, enquanto pesquisadora, assumi o papel de educador responsável pela mediação da construção do conhecimento e da prática da EAN na escola. A minha posição consolidou uma identidade de ator escolar e de pertencimento ao grupo, de modo a criar as condições para partilhar os saberes com os atores escolares, sendo as relações interpessoais estabelecidas determinantes para a implementação do PPCE-EAN.

Na primeira e segunda fases do estudo, os atores escolares puderam descobrir e compartilhar, por meio da participação, do diálogo e da problematização, as diversas opiniões sobre os problemas alimentares existentes na escola e analisar suas causas (qualidade da alimentação escolar, desperdício dos alimentos; consumo alimentar dos alunos e carência de ações educativas em alimentação e nutrição). A investigação inicial possibilitou a compreensão das percepções e significados atribuídos pelos participantes à temática em seu contexto escolar.

A partir desta construção e análise crítica dos saberes da realidade, os atores escolares puderam associá-los as possibilidades de melhorias da realidade alimentar vivenciada, a partir da construção coletiva das estratégias de EAN. Estes saberes ora unificados, na terceira fase do estudo, culminaram com o Plano participativo de estratégias de EAN: com ações para a gestão da alimentação

escolar e para o currículo escolar.

Posteriormente, na quarta fase do estudo, foram executadas algumas dessas ações, a partir de decisões coletivas. A execução das ações foi um momento de culminância do PPCE-EAN, onde concretizou-se os planos de ação. Isso foi possível devido ao papel exercido por cada ator escolar: o diretor escolar, a equipe de gestão escolar, os professores, a nutricionista, as merendeiras e os alunos, bem como a pesquisadora.

O processo participativo contribuiu para sensibilização e tomada de consciência dos atores escolares sobre a prática da EAN na escola de forma integrada e ativa, fortaleceu a autonomia nas escolhas alimentares, favorecendo mudanças cognitivas e comportamentais em torno da prática da alimentação saudável no âmbito escolar. Essas repercussões estão centradas nos aspectos de melhorias das situações-problemas estabelecidas pelos atores escolares no início do processo participativo, na interação e aquisição do conhecimento crítico sobre a alimentação e nutrição.

A continuidade e legitimidade deste processo participativo na escola dependerá da manutenção do estímulo, da motivação e do vínculo formado entre os atores escolares, e da inserção da EAN no Projeto Político Pedagógico da escola. Para isso é fundamental a atuação do nutricionista, pois este representa a conexão entre às experiências alimentares vivenciadas e os saberes científicos e técnicos do campo da alimentação e nutrição.

Diante desta configuração, afirma-se a escola como um ambiente para a pesquisa científica sobre a EAN, de modo a contribuir para o avanço do conhecimento neste campo, bem como com a comunidade escolar para a promoção da cidadania e da autonomia para as práticas alimentares saudáveis.

A prática efetiva da EAN na escola requer: o fortalecimento da formação holística do nutricionista, considerando as dimensões da alimentação (direito humano, a biológica, a psicossocial e cultural, a ambiental e a econômica) e as dimensões da educação do século XXI (aprender a conhecer, a fazer, a conviver, a ser - UNESCO, 2010); o aumento do número de nutricionistas na rede de escolas; melhorias na gestão da alimentação escolar; formações continuadas sobre a temática para a gestão escolar, professores, nutricionistas e merendeiras; inserção prática da temática no currículo escolar, bem como investimentos em projetos

interdisciplinares locais que envolvam a comunidade escolar e instituições de pesquisa.

Para isso, são necessários avanços na instituição de redes de apoio intersetoriais e investimentos da gestão do PNAE. Neste sentido, é indispensável a compreensão, por parte da comunidade escolar e gestão do PNAE, sobre os aspectos teóricos e da importância da EAN na escola, considerando-a nas várias dimensões da alimentação das pessoas na sociedade, incluindo a totalidade de determinações e relações que se estabelecem em torno das questões alimentares.

Neste contexto, este processo educativo contribuiu para a compreensão da dinâmica e do funcionamento da EAN no ambiente escolar, e desmembramentos na promoção de práticas de EAN neste cenário, sendo possível concluir que a escola congrega o principal dos recursos para a promoção da EAN que é o ser humano relacionando-se entre si e com o alimento provindo da alimentação escolar.

Os achados deste estudo evidenciam a relevância da pesquisa-ação, embasada nos princípios do diálogo e problematização, enquanto metodologia apropriada para auxiliar a escola na construção de estratégias de EAN, que envolva a articulação e a responsabilização dos atores escolares, com vistas à promoção da alimentação adequada e saudável na escola.

Com relação às dificuldades enfrentadas para execução deste estudo, considera-se a baixa adesão à participação de professores em algumas fases da pesquisa, devido a sobrecarga e acumulação de atividades da rotina, bem como da nutricionista da escola, especialmente na fase de execução das ações; e a diversidade de projetos na escola.

Este estudo fornece informações práticas e acessíveis que podem ser aplicadas em diversas realidades escolares, seja o PPCE-EAN e/ou a implementação e avaliação das ações do Plano Participativo de Estratégias de EAN, a fim de subsidiar o aperfeiçoamento destas práticas educativas, por meio da análise de seus efeitos e implicações no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, recomenda-se futuras investigações para consolidar os conhecimentos sobre a alimentação e nutrição escolar, para ampliar a compreensão sobre o envolvimento dos atores escolares no desenvolvimento de estratégias de EAN, destacando o papel de cada um como agente de transformação para a promoção da alimentação saudável na escola e melhoria da qualidade de vida da

comunidade escolar. O estudo pôde contribuir para a produção e disseminação de conhecimento científico no campo da EAN na escola. Além disso, pode fortalecer as políticas públicas existentes e a elaboração e implantação de novas políticas de EAN.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. V. et al. Educação em saúde: relato de experiência com pré-escolares. **Nutrire: Journal of the Brazilian Society oh Food and Nutrition**, São Paulo, SP, v. 38, n. 1, p. 38-45, abr. 2013.

ALBUQUERQUE, A. G., PONTES, C. M., OSÓRIO, M. M. Knowledge of educators and dieticians on food and nutrition education in the school environment. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 26, n.3, p. 291-300, mai./jun. 2013.

ALBUQUERQUE, A. G. Conhecimentos e práticas de educadores e nutricionistas sobre a educação alimentar e nutricional no ambiente escolar. Recife, 2012. 100f. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências da Saúde. Nutrição, 2012.

ALCÂNTARA, C. S.; BEZERRA, J. A. B. O lúdico, a escola e a saúde: a educação alimentar no gibi. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 889-904, dez. 2016.

AKTAS N., CONTENTO I. R., KOCH P. Classroom Teachers' Attitudes towards Nutrition Education and the School Food Environment: An Online Survey in Turkey. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, United States, v. 45, n. 4, Supplement, p. S61-S62, jul./ago. 2013.

AMPARO-SANTOS, L. Avanços e desdobramentos do marco de referência da educação alimentar e nutricional para políticas públicas no âmbito da universidade e para os aspectos culturais da alimentação. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 26, n. 5, p. 595-600, set./out., 2013.

ARCAN, C. et al. Intervention effects on kindergarten and first-grade teachers' classroom food practices and food-related beliefs in American Indian reservation schools. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, United States, v. 113, n. 8, p.1076-83, ago. 2013.

ASSIS, M. M. et al. Avaliação do conhecimento nutricional e comportamento alimentar após educação alimentar e nutricional em adolescentes de Juiz de Fora – MG. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 40, n. 3 e 4, p. 135-143, jul./dez. 2014.

ASSUMPÇÃO, J. J.; CAMPOS, L. M. S. Avaliação de projetos sociais em ONGs da Grande Florianópolis: um estudo sobre modelos relacionados ao foco de atuação,

Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 209-42, jan./fev. 2011.

AZEVEDO, E. et al. Padrão alimentar de risco para as doenças crônicas não transmissíveis e sua associação com a gordura corporal - uma revisão sistemática. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1447-1458, mai. 2014.

BALDASSO, J. G.; GALANTE, A. P.; DE PIANO GANEN, A. Impact of actions of food and nutrition education program in a population of adolescents. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 65-75, feb. 2016.

BARBOSA, N. V. S. et al. Alimentação na escola e autonomia – desafios e possibilidades. **Ciência e Saúde Coletiva**, Campinas, v. 18, n.4, p. 937-945, abr. 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1 ed. Lisboa, Portugal: Edições 70; 2011.

BARRETO NETO, A. C. et al. Body weight and food consumption scores in adolescents from northeast Brazil. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 318-325, sep. 2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BENTO, I. C.; ESTEVES, J. M. M.; FRANCA, T. E. Alimentação saudável e dificuldades para torná-la uma realidade: percepções de pais/responsáveis por pré-escolares de uma creche em Belo Horizonte/MG, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, p. 2389-2400, ago. 2015.

BERNARDON, R. et al. School Gardens in the Distrito Federal, Brazil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 205-216, mar./abr. 2014.

BERNARDON, R. et al. Construção de metodologia de capacitação em alimentação e nutrição para educadores. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 389-398, jun. 2009.

BOOG, M. C. F. Programa de educação nutricional em escola de ensino fundamental de zona rural. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 23, n. 6, p. 1005-

1017, dez. 2010.

BOOG, M.C.F. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. **Revista Ciência e Saúde**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2008.

BOOG, M. C. F. Contribuições da Educação Nutricional à Construção da Segurança Alimentar. **Saúde em Revista**. Piracicaba, v. 6, n. 13, p. 17-23, out. 2004.

BOOG, M. C. F. Educação Nutricional: passado, presente, futuro. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 10, n. 1: p. 5-19, jan./jun., 1997.

BOTELHO, F. C. et al. Estratégias pedagógicas em grupos com o tema alimentação e nutrição: os bastidores do processo de escolha. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 6, p. 1889-1898, jun. 2016.

BUKHARI, A. FREDERICKS, L. WYLIE-ROSETT, J. Strategies to Promote High School Students' Healthful Food Choices. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, United States, v. 43, n. 5, p. 414-418, sep./oct. 2011.

BURLANDY, L. A atuação da sociedade civil na construção do campo da Alimentação e Nutrição no Brasil: elementos para reflexão. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 63-72, jan. 2011.

BURLANDY, L. et al. International cooperation for food and nutrition security: Systematization of the participatory, contextualized, and intersectoral educational practices. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 29, n. 6, p. 929-946, dec. 2016.

BUSS, P. M.; CARVALHO, A. I. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, dez. 2009.

BRASIL. Lei No 13.666, de 16 de maio de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir o tema transversal da educação alimentar e nutricional no currículo escolar. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 mai. 2018. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13666-16-maio-2018-786690-publicacaooriginal-155573-pl.html>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social. **Princípios e práticas para Educação Alimentar e Nutricional**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/seguranca_alimentar/caisan/Publicacao/Educacao_Alimentar_Nutricional/21_Principios_Praticas_para_EAN.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2 ed – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156p.

_____. Resolução nº. 26, de 17 de junho de 2013. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do PNAE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 jun. 2013a. Seção 1, p. 07.

_____. Portaria nº. 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 nov. 2013b. Seção 1, p. 62.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de Referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; 2012. 68 p.

_____. Portaria nº 2.715, de 17 de novembro de 2011. Atualiza a Política Nacional de Alimentação e Nutrição. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov. 2011a. Seção 1, p. 89.

_____. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução nº 465, de 25 de agosto de 2010. Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros mínimos de referencia no Programa de Alimentação Escolar (PAE) e da outras providencias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 ago. 2010a. Seção 1, p. 118-119.

_____. Resolução Nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 jul. 2010b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de

Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica, n. 24, Saúde na escola.** Série B. Textos Básicos de Saúde, Brasília, 2009a, 96 p.

_____. Lei Nº. 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 jun. 2009b. Seção 1, p. 113.

_____. Portaria interministerial nº 1.010, de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 maio 2006a.

Disponível em: <<http://www.fn-de.gov.br/acessibilidade/item/3535-portaria-interministerial-n%C2%BA-1010-de-8-de-maio-de-2006>>. Acesso em: 10 out. 2013.

_____. Lei nº. 11.346, de 15 de setembro de 2006. Dispõe sobre a criação do Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 set. 2006b. Seção 1, p. 1.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde.** Série B. Textos Básicos de Saúde, Brasília, 2006c. 60 p.

_____. **Portaria nº 710, de 10 de junho de 1999.** Aprova a Política Nacional de Alimentação e Nutrição. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jun. 1999.

BRIGGS M., FLEISCHHACKER S., MUELLER C.G. Position of the American Dietetic Association, School Nutrition Association, and Society for Nutrition Education: Comprehensive School Nutrition Services. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, United States, v 42, n. 6, p. 360-371, nov./dec. 2010.

BRITO, R. O. CARNIELLI, B. L. Gestão participativa: uma matriz de interações entre a escola e a comunidade escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, Universidade de São Carlos (SP), v. 5, n. 2, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/151/139>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

CAMOSSA, A. C. A et al. Educação Nutricional: uma área em desenvolvimento. **Revista Alimentação e Nutrição**, São Paulo, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 349-354, out./dez. 2005.

CAMOZZI, A. B. Q. et al. Promoção da Alimentação Saudável na Escola: realidade ou utopia? **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 32-37, mar. 2015.

CARVALHO, M. C. V. S. et al. Pensamento crítico: a melhor ferramenta de educação alimentar e nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 29, n. 6, p. 753-754, dez. 2016.

CARVALHO, A. T. et al. Programa de alimentação escolar no município de João Pessoa – PB, Brasil: as merendeiras em foco. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 823-834, dez. 2008.

CASEMIRO, J. P. et al. Impasses, challenges, and interfaces of food and nutrition education as a processo of popular participation. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 2, p. 493-514, mai./ago. 2015.

CASEMIRO, J. P.; FONSECA, A. B. C.; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-840, mar. 2014.

CASTRO, I. R. R.; CASTRO, L. M. C.; GUGELMIM, S. A. Ações Educativas, Programas e Políticas envolvidos nas mudanças alimentares. In: DIEZ-GARCIA, R. W; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional**. 1ed. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan, 2011. p. 19-20.

CASTRO, I. R. R. et al. A culinária na promoção da alimentação saudável: delineamento e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n. 6, p. 571-588, dez. 2007.

CERVATO-MANCUSO, A. M.; VINCHA, K. R. R.; SANTIAGO, D. A. Educação Alimentar e Nutricional como prática de intervenção: reflexão e possibilidades de fortalecimento. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 225-249, mar. 2016.

CERVATO-MANCUSO, A. M. Elaboração de um programa de educação nutricional. In: DIEZ-GARCIA, R. W; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Mudanças alimentares e educação nutricional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 187-197.

CHAVES L. G. et al. Reflexões sobre a atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 917-926, abr. 2013.

CONTENTO, I. et al. The effectiveness of nutrition education and implications for nutrition education policy, programs, and research: a review of research. **Journal of Nutrition Education**, England, v. 27, n. 6, p. 277-418, 1995.

CONTI, I. L. **Segurança alimentar e nutricional: noções básicas**. Passo Fundo: IFIBE, 2009. p. 40.

COSTA, C. S. et al . Sedentary behavior and consumption of ultra-processed foods by Brazilian adolescents: Brazilian National School Health Survey (PeNSE), 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00021017, 2018.

COSTA, E. Q.; LIMA, E. S.; RIBEIRO, V. M. B. O treinamento de merendeiras: análise do material instrucional do Instituto de Nutrição Annes Dias - Rio de Janeiro (1956-94). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 535-560, dez. 2002.

COSTA, E. Q.; RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, E. C. O. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 225-229, dez. 2001.

COUTO, S. F. et al. Frequência de adesão aos "10 Passos para uma Alimentação Saudável" em escolares adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1589-1599, mai. 2014.

CRUZ, P. J. S. C.; MELO NETO, J. F. Educação popular e nutrição social: considerações teóricas sobre um diálogo possível. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1365-1376, jul. 2014.

CUNHA, E.; SOUSA, A. A.; MACHADO, N. M. V. A alimentação orgânica e as ações educativas na escola: diagnóstico para a educação em saúde e nutrição. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 39-49, jan. 2010.

DALL' AGNOL, C. M.; TRENCH, M. H. Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 5-15, jan. 1999.

DANELON, M. A. S., DANELON, M. S., SILVA, M. V. Serviços de alimentação destinados ao público escolar: análise da convivência do Programa de Alimentação Escolar e das cantinas. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 85-94, 2006.

DAVID, H. M. S. L. et al. Processos de formação e produção de conhecimento: cinco olhares sobre a Educação Popular e Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1579-1590, jul. 2014.

DAVIS, J. N.; SPANIOL, M. R.; SOMERSET, S. Sustenance and sustainability: maximizing the impact of school gardens on health outcomes. **Sustainability and Public Health Nutrition**, v. 18, n. 13, p. 2358-2367, sep. 2015.

DEMINICE, R. et al. Impacto de um Programa de Educação Alimentar sobre conhecimentos, práticas alimentares e estado nutricional de escolares. **Alimentação e Nutrição**, Araraquara v.18, n.1, p.35-40, jan./mar. 2007.

DETREGIACHI, C. R. P.; BRAGA, T. M. S. Projeto "criança saudável, educação dez": resultados com e sem intervenção do nutricionista. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 51-59, fev. 2011.

DIEZ-GARCIA, R. W. Mudanças Alimentares: Implicações Práticas, Teóricas e Metodológicas. In: DIEZ-GARCIA, R. W; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional**. 1ed. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan, 2011. p. 3.

DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. 1 ed. Brasília: Lider Livro Editora, 2007. p. 132

DOLLAHITE, J.; KENKEL, D.; THOMPSON, C. S. An Economic Evaluation of the Expanded Food and Nutrition Education Program. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, United States, v. 40, n. 3, p. 134 -143, mai./jun. 2008.

DUDLEY, D.A. COTTON, W.G. PERALTA, L.R. Teaching approaches and strategies that promote healthy eating in primary school children: a systematic review and meta-

analysis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, United Kingdom, v. 25, p 12-28, feb. 2015.

ESTIMA, C. C. P.; PHILIPPI, S. T.; ALVARENGA, M. S. A. Fatores determinantes de consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem? **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 263-268, out./dez. 2009.

EUFIC (The European Food Information Council). Os Determinantes na Escolha dos Alimentos, Revista do EUFIC, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.eufic.org/article/pt/expid/37/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

FERNANDES, A. G. S.; FONSECA, A. B. C; SILVA, A. A. Alimentação escolar como espaço para educação em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 39-48, jan. 2014.

FERNANDES, P. S. et al. Avaliação do efeito da educação nutricional na prevalência de sobrepeso/obesidade e no consumo alimentar de escolares do ensino fundamental. **Jornal de Pediatria (Rio Janeiro)**, Porto Alegre, v. 85, n. 4, p. 315-321, ago. 2009.

FERREIRA, A. A. et al. Composição e percepção corporal de adolescentes de escolas públicas. **Motricidade**, v. 9, n. 3, p. 19-29, jul. 2013.

FLICK, W. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 152-158; 161-165.

FINKLER, L.; DELL'AGLIO, D. D. Reflexões sobre avaliação de programas e projetos sociais. **Revista Barbarói, UNISC**, n.38, p. 126-144 jan./jun. 2013.

FISBERG, M. et al. Ambiente obesogênico - oportunidades de intervenção. **Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)**, Porto Alegre, v. 92, n. 3, supl. 1, p. 30-39, jun. 2016.

FRANÇA, C. J.; CARVALHO, V. C. H. S. Estratégias de educação alimentar e nutricional na Atenção Primária à Saúde: uma revisão de literatura. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 114, p. 932-948, set. 2017.

FREITAS, M. C. S. et al. Escola: lugar de estudar e de comer. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 979-985, abr. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. 284p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 53ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016b, 143p.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, 245p.

GABRIEL, C. G. et al. Proposta e aplicabilidade de modelo para avaliação da gestão municipal do Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 8, p. 1731-1744, ago. 2014.

GABRIEL, C. G. et al. Regulamentação da comercialização de alimentos no ambiente escolar: análise dos dispositivos legais brasileiros que buscam a alimentação saudável. **Revista Instituto Adolfo Lutz**, v. 71, n. 1, p. 11-20, jul. 2012.

GABRIEL, C. G.; SANTOS, M. V.; VASCONCELOS, F. A. G. Avaliação de um programa para promoção de hábitos alimentares saudáveis em escolares de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 8, n. 3, p. 299-308, set. 2008.

GANDIN, D. A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.1, p.81-95, jan./jun. 2001.

GOLD A. et al. Classroom Nutrition Education Combined with Fruit and Vegetable Taste Testing Improves Children's Dietary Intake. **Journal of School Health**, United States, v. 87, p. 106-113, jul./aug. 2017.

GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como Técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, jul. 2003.

HABIBA, I. A. et al. Students' perspectives on promoting healthful food choices from campus vending machines: a qualitative interview study. **BMC Public Health**, United Kingdom, v.15, p.512; may. 2015.

HERMANN, N. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, p. 477-493, jun. 2014.

HEIDEMANN, I. B. S. et al. Incorporação teórico-conceitual e metodológica do educador Paulo Freire na pesquisa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 3, p. 416-20, mai./jun. 2010.

HORTA, N. C.; SENA, R. R. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 475-495, 2010.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p.46, 132 p.

ISSA, R. C. et al. Alimentação escolar: planejamento, produção, distribuição e adequação. **Revista Panamericana de Salud Publica**, Washington, v. 35, n. 2, p. 96-103, feb. 2014.

JUZWIAK, C. R. Era uma vez...um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 473-484, jun, 2013.

JUZWIAK, C. R.; CASTRO, P. M.; BATISTA, S. H. S. S. A experiência da Oficina Permanente de Educação Alimentar e em Saúde (OPEAS): formação de profissionais para a promoção da alimentação saudável nas escolas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1009-1018, abr. 2013.

LARA, B. R.; PAIVA, V. S. F. A dimensão psicossocial na promoção de práticas alimentares saudáveis. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 1039-1054, dez., 2012.

LARSEN A. L. et al. RE-AIM Analysis of a School-Based Nutrition Education Intervention in Kindergarteners. **Journal of School Health**, United States, v. 87, p. 36-46, jan. 2017.

LEITE, C. L. et al. Formação para merendeiras: uma proposta metodológica aplicada em escolas estaduais atendidas pelo programa nacional de alimentação escolar, em Salvador, Bahia. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 275-285, abr. 2011.

LIBERMANN, A. P.; BERTOLINI, G. R. F. Tendências de pesquisa em políticas públicas: uma avaliação do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3533-3546, nov.

2015.

LOCATELLI, N. T.; CANELLA, D. S.; BANDONI, D. H. Fatores associados ao consumo da alimentação escolar por adolescentes no Brasil: resultados da PeNSE 2012. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 4, e00183615, mai. 2017.

KEPPLE, A.W. SEGALL-CORRÊA, A.M.. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, n.1, p.187-199, jan. 2011.

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MAGALHÃES, R. Avaliação de políticas e iniciativas públicas de segurança alimentar e nutricional: dilemas e perspectivas metodológicas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1339-1346, mai. 2014.

MAIA, E. R. et al. Validação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem na promoção da saúde alimentar infantil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 79-88, fev. 2012.

MARTINS, C. R. et al. Insatisfação com a imagem corporal e relação com estado nutricional, adiposidade corporal e sintomas de anorexia e bulimia em adolescentes. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 19-23, 2010.

MELO, M. N. T.; FRANCO DE SA, R. M. P.; MELO FILHO, D. A.. Sustentabilidade de um programa de alimentação escolar bem-sucedido: estudo de caso no Nordeste do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1899-1908, jun. 2016.

MELO NETO, J. F. Educação Popular: sistema de teorias intercomunicantes. In: ROSAS, A. S.; MELO NETO, J. F. **Educação Popular – enunciados teóricos**. Editora Universitária da UFPB: João Pessoa, 2008, 226p.

MELO NETO, J. F. Paulo Freire Dialogante. In: Conceição, F. M.; MELO NETO, J. F. **Aprimorando-se com Paulo Freire em Dialogicidade**. Editora Bagaço, Recife – PE, 2006. 120p.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. DESLANDES, A. F. GOMES, R. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2009, p.48.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 11 ed.. São Paulo: Ed Hucitec, 2008, p. 191-198.

MIRANDA, V. P. N. et al. Imagem corporal de adolescentes de cidades rurais. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1791-1801, jun. 2014.

MIYAHIRA, R. F. et al. O ambiente escolar como espaço para o desenvolvimento de ações de promoção da alimentação saudável. **Vigilância Sanitária em Debate: sociedade, ciência e tecnologia**, v. 2, n. 04, p. 96-101, 2014.

MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 584p.

NANAYAKKARA J., MARGERISON C., WORSLEY, A. "Teachers' perspectives of a new food literacy curriculum in Australia", **Health Education**, Austrália, v.118, p. 48-61, 2018.

OLIVEIRA, S. I.; OLIVEIRA, K. S. Novas perspectivas em educação alimentar e nutricional. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 495-504, dez. 2008.

PAIVA, J. B.; FREITAS, M. C. S.; SANTOS, L. A. S. Significados da alimentação escolar segundo alunos atendidos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2507-2516, ago. 2016.

PELLETIER, D. L. et al. Expanding the frontiers of population nutrition research: new questions, new methods, and new approaches. **Advances in Nutrition**, United States, v. 4, n. 1, p. 92-114, jan. 2013.

PEIXINHO, A. M. L. A trajetória do Programa Nacional de Alimentação Escolar no período de 2003-2010: relato do gestor nacional. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 909-916, abr. 2013.

PERNAMBUCO. **Instrução Normativa** nº 03 de 18 de abril de 2017. Estabelece

normas para regular os procedimentos relativos ao Programa de Alimentação Escolar - PAE/PE, no âmbito das Escolas da Rede Estadual de Ensino. **Diário Oficial [de] Pernambuco**. Pernambuco, 18 abr. 2017. Ano XCIV Nº 71.

PORTER K. J., KOCH P. A., CONTENTO I. R. Why and How Schools Make Nutrition Education Programs "Work". **Journal of School Health**, United States, v. 88, n. 1, p. 23-33, jan. 2018.

RAMOS, F. P.; AMPARO-SANTOS, L. S.; REIS, A. B. C. Educação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão de literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n.11, p. 2147-2161, nov. 2013.

RECINE E. O Programa Nacional de Alimentação Escolar: o mundo se inspira, seremos capazes de manter os avanços? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 12, e00087617, dez. 2017.

RODRIGUES, A. S. et al. Cumprimento de capacitações escolares no distrito de Viana do Castelo: avaliação 2009/2012. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 33, n. 2, p.148-156, jul./dez, 2015.

RODRIGUES, E. M.; BOOG, M.C.F. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 923-931, mai. 2006.

ROSSI, A.; MOREIRA, E. A. M.; RAUEN, M. S. Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. **Revista de Nutrição**, v. 21, n. 6, p.739-748, dez. 2008.

RUCKERT, B. et al. Diálogos entre a Saúde do Campo e a Saúde Mental: a experiência da Oficina de Educação Popular em Saúde Mental do MST na ESP MG. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1537-1546, 2014.

SADEGHOLVAD S. et al. What Should Be Taught in Secondary Schools' Nutrition and Food Systems Education? Views from Prominent Food-Related Professionals in Australia. **Nutrients**, Austrália, v. 9, n. 11, p. 1207, nov. 2017.

SANCEVERINO, A. R. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p. 455-475, jun. 2016.

SANTANA, T. C. M.; RUIZ-MORENO, L. Formação do nutricionista do PNAE. **Nutrire: Revista Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 183-198, ago. 2012.

SANTOS, A. M.; ALVES, T. S.. Revisão Sistemática sobre Educação Alimentar e Nutricional: sujeitos, saberes e práticas em diferentes cenários. **Revista Saúde.Com**, v. 11, n. 4, p. 425-442, 2015.

SANTOS L. A. et al. Formação de coordenadores pedagógicos em alimentação escolar: um relato de experiência. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 993-1000, abr. 2013.

SANTOS, L. A. O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 2, p. 455-462, fev. 2012.

SANTOS, L. M. P. et al. Avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e combate à fome no período 1995-2002. 4 – Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Cadernos de Saúde Pública**, v 11, p. 1931-1945, nov. 2007.

SANTOS, L.A.S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 8, n.5, p. 681-692, set./out, 2005.

SANTOS, M. J. F. S. Desenho de estudos e desenhos amostrais em pesquisa qualitativa. In: VÁRQUEZ, M. L. et al. **Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicadas em saúde, Materilas 168**. Grups de Recerca d' America id' Africa (Cursos GRAAL 5). Recife: Instituto Materno Infantil. Servei de Publicacions, Universitat Autònoma de Barcelona, p. 37, 2009.

SAVIANI, D. Introdução pedagogia e teoria da educação: referências preliminares. In: _____. **A pedagogia no Brasil “História e Teoria”**. Ed Autores Associados LTDA. 2008, p.77-80.

SAWAYA, A. L. Comida e educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 58, v. 20, p. 113-118, set./dez. 2006.

SCARPARO A. L. S. et al. Formação para nutricionistas que atuam no Programa

Nacional de Alimentação Escolar: uma avaliação da efetividade. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p.1001-1008, abr. 2013.

SCHMITZ, B. A. S. et al. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, supl. 2, p. s312-s322, 2008.

SIEPE (Sistema de Informação da Secretaria Estadual de Pernambuco). **Escolas. Rede de Escolas. GRE Metropolitana Norte. Escola de Referência em Ensino Médio de Olinda**, 2014. Disponível em: < <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

SILVA, E. O., AMPARO-SANTOS, L.; SOARES, M. D. Alimentação escolar e constituição de identidades dos escolares: da merenda para pobres ao direito à alimentação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, e00142617, mar. 2018.

SILVA, S. U. et al. As ações de educação alimentar e nutricional e o nutricionista no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2671-2681, ago. 2018.

SILVA, C. A. M. et al. O Programa Nacional de Alimentação Escolar sob a ótica dos alunos da rede estadual de ensino de Minas Gerais, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 963-969, abr. 2013.

SILVA, C. C. et al. Percepção dos adolescentes sobre hábitos e alimentação saudáveis. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, p. 7-15, ago. 2016.

SILVA, K. B. B. et al. Evaluation of the effects of a programme promoting adequate and healthy eating on adolescent health markers: an interventional study. **Nutricion Hospitaria**, España, v. 32, n. 4, p.1582-90, oct. 2015.

SILVA, D. C. A. et al. Percepção de adolescentes sobre a prática de alimentação saudável. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3299-3308, nov. 2015.

SILVA, M. X. S. et al. Nutrição escolar consciente: estudo de caso sobre o uso de oficinas de culinária no ensino fundamental. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro,

v. 19, n. 2, p. 267-277, jul. 2014.

SILVA, J. O.; MELO N. S.; VASCONCELOS, A. C. L. A astúcia invisível de mulheres trabalhadoras de escola. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 427-445, set. 2014.

SILVA, J. G., TEXEIRA, M. L., FERREIRA, M. A. Alimentação na adolescência e as relações com a saúde do adolescente. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n.4, p. 1095-103, out./dez; 2014.

SILVA, R. H. M.; NEVES, F. S.; NETTO M. P. Saúde do Pré-escolar: uma experiência de educação alimentar e nutricional como método de intervenção. **Revista Atenção Primária à Saúde**, v. 19, n. 2, p. 321-327, abr./jun. 2016.

SHEN, M.; HU, M.; SUN, Z. Assessment of School-Based Quasi-Experimental Nutrition and Food Safety Health Education for Primary School Students in Two Poverty-Stricken Counties of West China. **PLoS ONE**, v.10, n. 12, e0145090, dez. 2015.

SOUZA, J. F. Educação Popular para o terceiro milênio – desafios e perspectivas. In: COSTA, M. V. **Educação Popular hoje – variações sobre o tema**. Edições Loyola: São Paulo, 1998. p. 28.

STRECK, D. R. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 300-310, ago. 2010.

STRECK, D. R. O Fórum Social Mundial e a agenda da educação popular. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 58-68, ago. 2004.

TANAJURA, I. M. P. C.; FREITAS, M. C. S. O relevante trabalho das merendeiras escolares de escolas públicas de Salvador, Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v.36, n.4, p.919-934 out./dez. 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Ed Cortez, 2011. p. 20-82.

TILL J. et al. Cooking for Kids: Culinary Training for School Nutrition Professionals Positively Affects School Nutrition Professionals' Culinary Practices and Beliefs.

Journal of Nutrition Education and Behavior, United States, v. 49, p. S106, jul./aug. 2017.

TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, mar. 2013.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dez. 2005.

UEDA, M. H.; PORTO, R. B.; VASCONCELOS, L. A. Publicidade de alimentos e escolhas alimentares de crianças. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 53-61, mar. 2014.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Educação: um tesouro a descobrir - Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação do Século XXI**, jul. 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

VALENTE, F. L. S. Em busca de uma Educação Nutricional crítica. In: _____. **Fome e Desnutrição, Determinantes sociais**. 2 ed. São Paulo: Ed Cortez. 1989, p. 74-90.

VALENTIM, E. A. et al. Fatores associados à adesão à alimentação escolar por adolescentes de escolas públicas estaduais de Colombo, Paraná, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 10, e00061016, out. 2017.

VARGAS, I. C. S. et al. Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 59-68, fev. 2011.

VARGAS, V. S. LOBATO, R. C. O desenvolvimento de práticas alimentares saudáveis: uma Estratégia de Educação Nutricional o Ensino Fundamental. **Vita et Sanitas**, Trindade, Goiás, v 1, n. 1, p. 25-33, 2007.

VENDITTI, E. M. et al. Interactive learning activities for the middle school classroom to promote healthy energy balance and decrease diabetes risk in the HEALTHY

primary prevention trial. **Health Promotion Practice**, United States, v. 15, n. 1, p. 55-62, jan. 2014.

VIEIRA, M. N. C. M. et al. Gestão de um programa de alimentação escolar em um município paulista. **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 15, n. 1, p.29-48, 2008.

VIEIRA, T. V; CORSO, A. C. T.; GONZALEZ-CHICA, D. A. Organic food-related educational actions developed by dieticians in Brazilian municipal schools. **Revista de Nutrição**, Campinas , v. 27, n. 5, p. 525-535, out. 2014.

WATERS, E. et al. Cluster randomised trial of a school-community child health promotion and obesity prevention intervention: findings from the evaluation of fun 'n healthy in Moreland! **BMC Public Health**, United Kingdom, v. 18, n. 1, p. 92, aug. 2018.

WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, W; PFAFF, N. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação, Teoria e Prática**. 1 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2010. p. 54.

WORSLEY A., NANAYAKKARA J., MARGERISON C. Experts' opinions on secondary school food and nutrition education. **Journal of Nutrition & Intermediary Metabolism**, Austrália, v. 8, p. 111, jun. 2017.

YOKOTA, R. T. C. et al. Projeto "a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis": comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 37-47, fev. 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO NORTEADOR DA SESSÃO DO GRUPO FOCAL

1 – Abertura da Sessão

- Boas vindas.
- Apresentação dos pesquisadores e informes sobre a pesquisa e técnica de pesquisa – grupo focal (finalidades).
- Explicação sobre a gravação em áudio, o destino das falas, garantia do sigilo e anonimato das informações.

2 – Apresentação dos Participantes

- Distribuição dos crachás com o nome de cada participante.

3- Esclarecimento sobre a dinâmica do debate

- As perguntas que foram realizadas para guiar a discussão não requerem respostas certas ou erradas, e sim, buscam verificar as opiniões de todos os presentes, onde cada um aqui presente tenha um espaço para falar e expressar seus pensamentos.
- Palavra do observador: explicou sua função no debate

4 – Estabelecimento do Setting

- Exposição dos aspectos éticos, sigilo compartilhado; e compromisso dos pesquisadores com os pesquisados – TCLE/TALE.
- Processo interativo:
 - acertos sobre o horário e tempo de duração da sessão;
 - cada participante deve falar no tempo oportuno de modo que as respostas às perguntas não sejam sobrepostas; entrega de papel/caneta para anotações necessárias.

5 - Debate

- Execução do guia de temas: moderador conduziu as perguntas
- Registro no diário de campo das expressões verbais e não verbais dos participantes: responsável observador

6 – Síntese dos momentos anteriores

- Auxiliado pelos registros do diário de campo o moderador faz o resumo e sintetiza os resultados do grupo
- Espaço para grupo se manifestar quanto a veracidade da síntese ou para esclarecimento se necessário.

7 – Encerramento da sessão

- Combinação dos próximos encontros e agradecimentos.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa ***Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar***, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Alicinez Guerra Albuquerque, com endereço na Rua Emiliano Braga, nº 635, Várzea, Recife, CEP: 50670-380. Telefone: (81) 3314-2199/e-mail: alicinez@yahoo.com.br, (para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar) e está sob a orientação de: Profa. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira, Telefone: (81) 9632-2666, e-mail (mosorio@ufpe.br). Também participa desta pesquisa a pesquisadora: (Profa. Dra. Jailma Santos Monteiro) Telefones para contato: (81) 9681-2329.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

☐ Descrição da pesquisa: Os objetivos desta pesquisa é desenvolver e analisar a implantação de estratégias de educação alimentar e nutricional na sua escola. As atividades da pesquisa serão a participação em grupos de debate sobre temas relacionados à alimentação e nutrição, e participação em atividades de educação alimentar e nutricional. Essas atividades serão fotografadas, e as falas dos grupos de debate serão gravadas pela pesquisadora, a qual estará presente na escola.

☐ O período de participação da pesquisa: iniciará em fevereiro de 2015, onde a sua participação acontecerá em três momentos, o primeiro de diagnóstico (participação em grupo de debate sobre alimentação e nutrição); segundo, participação em atividades de educação alimentar e nutricional, e o terceiro (participação em grupo de debate sobre alimentação). Caso você seja pai de aluno da escola, sua participação será no terceiro momento da pesquisa. Todas as etapas da pesquisa serão realizadas na escola, em horário disponibilizado pela direção da escola, que não venha a atrapalhar as aulas.

☐ RISCOS: Os principais riscos presentes nesta pesquisa referem-se a qualquer tipo de constrangimento da participação durante as atividades, ou timidez provocada pelo uso do gravador durante os registros discursivos (grupo focal). Para minimização destes riscos, vocês terão autonomia para cessar as gravações quando o tema discutido for algo que não pretenda

divulgar, e serão descartados as falas que não se sentirem à vontade de divulgar.

□ **BENEFÍCIOS:** Os participantes serão beneficiados, tendo o retorno das informações apreendidas de forma sistematizada que contribuirão para a continuidade das estratégias em educação alimentar e nutricional na escola, com vistas à promoção da alimentação saudável.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos), ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço (acima informado), pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária,

Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR**, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Olinda, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento do menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: ***Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar***. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Alicinez Guerra Albuquerque, com endereço na Rua Emiliano Braga, nº 635, Várzea, Recife, CEP: 50670-380. Telefone: (81) 3314-2199/e-mail: alicinez@yahoo.com.br, (para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar) e está sob a orientação de: Profa. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira, Telefone: (81) 9632-2666, e-mail (mosorio@ufpe.br). Também participa também desta pesquisa a pesquisadora: (Profa. Dra. Jailma Santos Monteiro) Telefones para contato: (81) 9681-2329.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que você entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer pagamento para participar. Você será esclarecido (a) sobre qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Após ler as informações a seguir, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é para ser entregue aos seus pais para guardar e a outra é do pesquisador responsável. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema se desistir, é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

☐ Descrição da pesquisa: Os objetivos desta pesquisa é desenvolver e analisar a implantação de estratégias de educação alimentar e nutricional na sua escola. As atividades da pesquisa serão a participação em grupos de debate sobre temas relacionados à alimentação e nutrição, responder a um questionário sobre alimentação e nutrição, e participação em atividades de educação alimentar e nutricional. Essas atividades serão fotografadas, e as falas dos grupos de debate serão gravadas pela pesquisadora, a qual estará presente na escola.

☐ O período de participação da pesquisa: iniciará em fevereiro de 2015, onde a sua participação acontecerá em três momentos, o primeiro de diagnóstico (responder a um questionário e participar de grupo de debate sobre alimentação e nutrição); segundo, participação em atividades de educação alimentar e nutricional, e o terceiro (participação em grupo de debate, responder questionário sobre alimentação). Todas as etapas da pesquisa

serão realizadas na escola, em horário disponibilizado pela direção da escola, que não venha a atrapalhar as aulas.

□ **RISCOS:** Os principais riscos presentes nesta pesquisa referem-se a qualquer tipo de constrangimento da participação durante as atividades, ou timidez provocada pelo uso do gravador durante os registros discursivos (grupo focal). Para minimização destes riscos, vocês terão autonomia para cessar as gravações quando o tema discutido for algo que não pretenda divulgar, e serão descartados as falas que não se sentirem à vontade de divulgar.

□ **BENEFÍCIOS:** Os participantes serão beneficiados, tendo o retorno das informações apreendidas de forma sistematizada que contribuirão para a continuidade das estratégias em educação alimentar e nutricional na escola, com vistas à promoção da alimentação saudável.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos), ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço (acima informado), pelo período de mínimo 5 anos. Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

Assinatura do pesquisador (a)

ASSENTIMENTO DO MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo **DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR**, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Olinda, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (da) menor: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa: ***Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar***. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Alicinez Guerra Albuquerque, com endereço na Rua Emiliano Braga, nº 635, Várzea, Recife, CEP: 50670-380. Telefone: (81) 3314-2199/e-mail: alicinez@yahoo.com.br, (para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar) e está sob a orientação de: Profa. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira, Telefone: (81) 9632-2666, e-mail (mosorio@ufpe.br). Também participa também desta pesquisa a pesquisadora: (Profa. Dra. Jailma Santos Monteiro) Telefones para contato: (81) 9681-2329.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que o (a) menor faça parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa nem o (a) Sr.(a) nem o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade serão penalizados (as) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da participação do (a) menor a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

☐ Descrição da pesquisa: Os objetivos desta pesquisa é desenvolver e analisar a implantação de estratégias de educação alimentar e nutricional na sua escola. As atividades da pesquisa serão a participação em grupos de debate sobre temas relacionados à alimentação e nutrição, responder a um questionário sobre alimentação e nutrição, e participação em atividades de educação alimentar e nutricional. Essas atividades serão fotografadas, e as falas dos grupos de debate serão gravadas pela pesquisadora, a qual estará presente na escola.

☐ O período de participação da pesquisa: iniciará em fevereiro de 2015, onde a participação de seu filho (a) acontecerá em três momentos, o primeiro de diagnóstico (responder a um questionário e participar de grupo de debate sobre alimentação e nutrição); segundo, participação em atividades de educação alimentar e nutricional, e o terceiro (participação em grupo de debate, responder questionário sobre alimentação). Todas as etapas da pesquisa serão realizadas na escola, em horário disponibilizado pela direção da escola, que não venha a atrapalhar as aulas.

☐ RISCOS: Os principais riscos presentes nesta pesquisa referem-se a qualquer tipo de constrangimento da participação durante as atividades, ou timidez provocada pelo uso do gravador durante os registros discursivos (grupo focal). Para minimização destes riscos, vocês

terão autonomia para cessar as gravações quando o tema discutido for algo que não pretenda divulgar, e serão descartados as falas que não se sentirem à vontade de divulgar.

□ **BENEFÍCIOS:** Os participantes serão beneficiados, tendo o retorno das informações apreendidas de forma sistematizada que contribuirão para a continuidade das estratégias em educação alimentar e nutricional na escola, com vistas à promoção da alimentação saudável.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos), ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço (acima informado), pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para ele/ela participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação do voluntário/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

Assinatura do pesquisador (a)

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo **DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Olinda, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (da) responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO

Série: _____ Turma: _____

Idade: _____ anos

Sexo: () Feminino () Masculino

- 1- Qual a sua Altura sem sapatos? No quadro abaixo, escreva sua altura nos espaços sombreados NO TOPO DO QUADRO, conforme exemplo. Depois preencha no OVAL ABAIXO cada número.

Exemplo

Preencha aqui

Altura (cm)		
1	5	3
0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9
9	Eu não sei	

Altura (cm)		
0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9
9	Eu não sei	

← Escreva a altura nesta parte

- 2- Qual a seu Peso sem sapatos? No quadro abaixo, escreva seu peso nos espaços sombreados NO TOPO DO QUADRO. Depois preencha no OVAL ABAIXO cada número.

Exemplo

Preencha aqui

Peso (kg)		
0	5	2
0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9
9	Eu não sei	

Peso (kg)		
0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9
9	Eu não sei	

← Escreva o peso nesta parte

As próximas quatro perguntas é sobre o que você come e bebe. 3. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma comer frutas (pedaços ou unidades)? a. Eu não comi frutas durante os últimos 30 dias b. Menos de uma vez por dia, comi alguns dias no mês c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia	4. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma comer verduras e legumes? a. Eu não comi legumes durante os últimos 30 dias h. Menos de uma vez por dia, comi alguns dias no mês b. 1 vez por dia c. 2 vezes por dia d. 3 vezes por dia e. 4 vezes por dia f. 5 ou mais vezes por dia
5. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma beber refrigerantes (Não incluir refrigerantes diet.) a. Eu não bebi refrigerantes durante os últimos 30 dias b. Menos de 1 vez por dia c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia	6. Durante os últimos 7 dias, quantos dias você comeu comida de um restaurante fast food, como o McDonalds, Habibs, Laça Burguer, e outros? a. 0 dia b. 1 dia c. 2 dias d. 3 dias e. 4 dias f. 5 dias g. 6 dias h. 7 dias
7. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes você tomou o café da manhã? a. Nunca b. Raramente c. Às vezes d. A maior parte do tempo, tomo quase todos os dias e. Sempre, tomo todos os dias	8. Como você descreveria o seu peso? a. Muito abaixo do peso b. Ligeiramente abaixo do peso c. Peso certo d. Um pouco acima do peso e. Muito acima do peso
9. Qual das seguintes opções você está tentando fazer com o seu peso? a. Eu não estou tentando fazer nada com o meu peso b. Perder peso c. Ganhar de peso d. Ficar com o mesmo peso	10. Durante os últimos 12 meses, você foi pesado e medido? a. Sim b. Não

11. Qual é a principal razão pela qual você não faz o café da manhã? a. Eu sempre tomo café da manhã b. Eu não tenho tempo para o café c. Eu não posso comer no início da manhã d. Nem sempre há comida na minha casa e. Algum outro motivo	12. Durante os últimos 30 dias, você se exercitou para perder peso ou manter o peso? a. Sim b. Não
13. Durante os últimos 30 dias, você usou remédios, tomou suplementos sem aconselhamento de um médico para perder peso ou manter o peso? a. Sim b. Não	14. Durante os últimos 30 dias, você comeu menos alimentos, menos calorias, ou alimentos com baixo teor de gordura para perder peso ou manter o peso? a. Sim b. Não
15. Durante os últimos 30 dias, você ficou sem comer por 24 horas ou mais tempo para perder peso ou manter o peso? a. Sim b. Não	16. Durante os últimos 30 dias, você vomitou ou tomou laxantes para perder peso ou manter o peso? a. Sim b. Não
17. Durante os últimos 30 dias, você se exercitou para ganhar peso? a. Sim b. Não	18. Durante os últimos 30 dias, você comeu mais alimentos, mais calorias ou alimentos ricos em gordura para ganhar peso? a. Sim b. Não
19. Durante os últimos 30 dias, você tomou remédios, suplementos ou líquidos sem aconselhamento de um médico para ganhar peso? a. Sim b. Não	
20. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes a merenda foi oferecida na escola? a. Nunca b. Raramente c. Às vezes d. A maior parte do tempo e. Sempre	21. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes o almoço foi oferecido na escola? a. Nunca b. Raramente c. Às vezes d. A maior parte do tempo e. Sempre

22. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma beber leite ou comer produtos lácteos, como iogurte, queijo? a. Eu não bebi leite ou comi produtos lácteos durante os últimos 30 dias b. Menos de uma vez por dia, ou seja, alguns dias no mês c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia	23. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma comer alimentos salgados, como bolacha, pão? a. Eu não como alimentos salgados b. Menos de 1 vez por dia, ou seja, alguns dias no mês c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia
24. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma comer alimentos ricos em gordura, como salgados fritos, carne no óleo, margarina, manteiga? a. Eu não como alimentos ricos em gordura b. Menos de 1 vez por dia, ou seja, alguns dias no mês c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia	25. Durante os últimos 30 dias, quantas vezes por dia você costuma beber suco da fruta natural? a. Eu não bebi suco de frutas durante os últimos 30 dias b. Menos de uma vez por dia, ou seja, alguns dias no mês c. 1 vez por dia d. 2 vezes por dia e. 3 vezes por dia f. 4 vezes por dia g. 5 ou mais vezes por dia
26. Quando você assiste televisão, vídeos ou filmes, quantas vezes você ver anúncios de refrigerantes ou fast foods, como hambúrgueres, cachorro quente, batata-frita? a. Eu não assisto televisão, vídeos ou filmes b. Nunca c. Raramente d. Às vezes	27. Durante os últimos 30 dias, quantas propagandas de refrigerantes ou fast foods você viu na internet? a. Eu não usei a internet durante os últimos 30 dias b. Um monte c. Alguns d. Nenhum

e. A maior parte do tempo	f. Sempre	
28. Você compra refrigerantes em sua escola?		29. Você compra alimentos rápidos (lanches) em sua escola?
a. Sim b. Não		a. Sim b. Não
30. Durante este ano letivo, foram-lhe ensinados pelo professor na sala de aula os benefícios de uma alimentação saudável?		31. Durante este ano letivo, foram-lhe ensinados pelo professor na sala de aula os benefícios de comer mais frutas e vegetais?
a. Sim		a. Sim
b. Não		b. Não
c. Eu não sei		c. Eu não sei
32. Durante este ano letivo, foram-lhe ensinados pelo professor na sala de aula como preparar ou armazenar os alimentos com segurança higiênico-sanitária?		33. Você come a merenda da escola?
a. Sim		a. Sempre b. Às vezes c. Nunca
b. Não		34. Você gosta da merenda da escola?
c. Eu não sei		a. Sim b. Não

APÊNDICE F – PLANO PARTICIPATIVO DE ESTRATÉGIAS DE EAN

SITUAÇÕES-PROBLEMAS	Tema 1: Estratégias relacionadas à Gestão da Alimentação Escolar	Como e quando realizar?	Quem fará? Responsáveis
Tema 1: Problemas com a alimentação escolar ... baixa qualidade da alimentação escolar... ... pouca variação de gêneros alimentícios presentes na alimentação escolar... ... repetição de preparações na alimentação escolar... ... baixo oferecimento de verduras e legumes... ... sabor e tempero da alimentação escolar ruins... ... deficiência na organização do cardápio... ... falta de organização da fila de distribuição da alimentação escolar...; desperdício de alimentos...; ... relação de trabalho entre as merendeiras, e de atendimento aos alunos...; ... deficiência de utensílios e equipamentos...	Formação de um grupo operativo - para promoção da alimentação saudável na escola (gestão, professores, nutricionista, merendeiras e alunos)	Reunião com todos os atores. 1 vez/mês, nas últimas quartas-feiras a tarde.	Coordenação: Gestão escolar Nutricionista.
	Apresentar os cardápios da alimentação escolar	Fixação no painel; Todas as segundas-feiras ou mensal.	Gestão escolar - diretor
	Cumprimento do cardápio; Variar as frutas e aumentar a quantidade de verduras, melhorar o sabor e preparo da alimentação escolar; Aproveitar os alimentos e melhorar a qualidade da oferta; Melhorar a quantidade da alimentação escolar servida, adequando-a a necessidade nutricional dos alunos.	Aquisição dos alimentos complementares e preparo; Formação em serviço; Semanalmente e diariamente.	Gestão escolar – diretor e secretária Nutricionista Merendeiras
	Preparação da quantidade certa de alimentos para todos os alunos, para não faltar merenda.	Seguir a lista de percapitas de alimentos; Diariamente.	Gestão escolar - diretor e secretária Merendeiras
	Organizar o momento de distribuição da alimentação escolar e acompanhamento da fila de merenda (uma pessoa da secretaria) Incentivar os alunos a comer a alimentação escolar.	Implantar o serviço <i>self service</i> com porcionamento pelas merendeiras. Imediato.	Gestão escolar – diretor e coordenação pedagógica
	Cumprimento dos horários de distribuição da alimentação escolar Manhã: 10:00h as 10:20h Almoço: 12:00h as 12:40h Tarde: 15:30h as 15:50h Noite: 18:30h as 18:40h	Divulgação nas turmas; Imediato.	Gestão escolar – diretor e coordenação pedagógica
	Regularizar os horários de abertura e fechamento da janela da UAN - cozinha, conforme os horários definidos	Orientar as merendeiras; Imediato.	Gestão escolar - diretor e secretária
	Acompanhamento de todas as atividades da alimentação escolar (aquisição, recebimento, armazenamento, preparo e distribuição da merenda)	Supervisão e orientação Contínuo.	Gestão escolar - diretor e secretária Nutricionista
	Aquisição de Materiais (assadeiras, panelas) para a cozinha; Substituir utensílios de plásticos por pratos de vidro e talheres de inox	Dependência de recursos.	Gestão escolar - diretor
	Capacitação das merendeiras – aspectos técnicos e de convivência	Formação em serviço; Julho a novembro de 2015.	Nutricionista e pesquisadora

SITUAÇÕES-PROBLEMAS	Tema 2: Estratégias relacionadas ao Currículo Escolar	Como e quando realizar?	Quem fará? Responsáveis
Tema 2: Problemas com a prática alimentar dos alunos ... alto consumo de alimentos gordurosos e açúcares, e baixo consumo de frutas e verduras pelos alunos...; ... carência de ações educativas em alimentação e nutrição...; ... baixa aceitação e adesão à alimentação escolar pelos alunos...;	Palestras; Jogos educativos; Dinâmicas; Atividades de Pesquisas pelos alunos/semestre; Debates. <u>Temas sugeridos pelos alunos:</u> alimentos industrializados x saudáveis; descoberta de novos sabores; degustação de comida; benefícios da comida para o organismo; medidas do peso, altura. <u>Temas sugeridos pelas merendeiras, professores, gestão escolar e alunos:</u> Noções de civilidade, comportamento no momento de distribuição e consumo da alimentação escolar, relação com as merendeiras.	Inserir como conteúdo das aulas; Aula Extra. Agosto a novembro de 2015.	Professores Nutricionista Pesquisadora
	Inserir o tema na Rádio Estudantil – no momento está no formato de projeto de uma das professoras de Português	Montar um programa em EAN; Diário. Na dependência da implantação da rádio	Gestão escolar – diretor, profa. de português, alunos, nutricionista.
	Elaboração de um Jornal com inserção de temas sobre a alimentação e nutrição	Desenvolver o projeto. Agosto a novembro de 2015.	Profa. de português, alunos, nutricionista.
	Exposição de dicas sobre alimentação saudável para melhorar alimentação dos alunos;	Pôsteres para expor no refeitório/pátio da escola Outubro a dezembro de 2015.	Gestão escolar – diretor, nutricionista, pesquisadora.
	Reunião e palestras com pais – temática sugerida: Alimentação Saudável	Inserir no Dia da Família na escola; Setembro de 2015. Ser realizado Semestralmente.	Gestão escolar – diretor, coordenação pedagógica, professores, alunos, nutricionista, pesquisadora.
	Projeto Horta Escolar	Desenvolver o projeto com os alunos. Iniciado em abril de 2015.	Profa. de química, alunos, nutricionista.
	Projeto de Culinária – exemplo: Cozinha Experimental	Receitas com alimentos da merenda escolar. Agosto e setembro de 2015.	Gestão escolar – diretor, professores, alunos, nutricionista, merendeiras, pesquisadora.
	Realização de uma Feira Gastronômica	Estande na Feira de Conhecimentos: exposição, degustação de alimentos. Novembro de 2015.	Prof. de matemática, alunos, nutricionista, pesquisadora.

APÊNDICE G – AÇÕES DE EAN ESCOLHIDAS

<i>Tema 1: Ações relacionadas à Gestão da Alimentação Escolar</i>	<i>Tema 2: Ações relacionadas ao Currículo Escolar</i>
Formação de um grupo operativo - para promoção da alimentação saudável na escola (gestão, professores, nutricionista, merendeiras e alunos)	Atividades educativas com os alunos: Debate e dinâmica. <i>Temas sugeridos pelos alunos:</i> alimentos industrializados x saudáveis; descoberta de novos sabores; degustação de comida; benefícios da comida para o organismo; medidas do peso, altura.
Capacitação das merendeiras – aspectos técnicos e de convivência	Exposição de dicas sobre alimentação saudável para melhorar alimentação dos alunos;
	Reunião e palestras com pais – temática sugerida: Alimentação Saudável

APÊNDICE H – PLANOS DE AÇÃO DE EAN ESCOLHIDAS

O quadro abaixo contempla os planos de ação delineados a partir do Plano Participativo de Estratégias de Educação Alimentar e Nutricional:

	<i>Ações escolhidas</i>	<i>Título dos Planos de ação</i>
<i>Estratégias relacionadas à Gestão da Alimentação Escolar</i>	Formação de um grupo operativo	"Grupo Operativo para a promoção da alimentação saudável na escola"
	Capacitação das merendeiras - aspectos técnicos e de convivência	"O Programa de Alimentação Escolar e seu papel na promoção da alimentação saudável na escola: aspectos funcionais, organizacionais e motivacionais"
<i>Estratégias relacionadas ao Currículo Escolar</i>	Reunião e palestras com pais - sobre alimentação saudável no dia da família na escola	"Família em Ação para a Saúde e Nutrição"
	Atividades educativas com alunos: debate e oficina. <u><i>Temas sugeridos pelos alunos:</i></u> alimentos industrializados x saudáveis; descoberta de novos sabores; degustação de comida; benefícios da comida para o organismo; medidas do peso, altura.	1ª Atividade: "Construção do autocuidado para as Práticas alimentares saudáveis" 2ª Atividade: "Descobrimo o Estado Nutricional: estratégia de fortalecimento para promoção da saúde"
	Exposição de dicas sobre alimentação saudável para melhorar alimentação dos alunos;	"Comunicação para a prática da alimentação saudável"

A seguir estão descritos o conteúdo de cada plano.

Planos de Ação

1ª AÇÃO: GRUPO OPERATIVO PARA PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA

Tema Gerador:

“Grupo Operativo para a Promoção da alimentação saudável na escola”

Objetivo:

Fortalecer os atores escolares para garantia de uma alimentação escolar saudável.

Estimular os atores a desenvolverem práticas educativas sobre alimentação e nutrição.

Metodologia

Responsáveis: Pesquisadora e os atores escolares

Público alvo: Atores escolares - Gestão escolar – secretária da escola, professores, nutricionista, alunos e merendeiras da escola.

Local: Sala de aula da escola

Período de Execução: Mensalmente, na última quarta-feira de cada mês.

Aporte teórico-metodológico:

As reuniões serão guiadas pela metodologia “roda de conversa”. A sessão será aberta com a discussão sobre os problemas relacionados a alimentação escolar, sendo resgatadas às ações listadas no processo participativo de construção de estratégias em EAN descritas no Plano Participativo de Estratégias de EAN, relacionadas à gestão da alimentação escolar.

Os conteúdos das reuniões serão baseados na realidade da escola, e nas orientações descritas nos instrumentos: Resolução nº. 26 de 17 de junho de 2013, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do PNAE; Instrução Normativa Nº 001 de 2010, que dispõe sobre o funcionamento do Programa de Alimentação Escolar no âmbito do estado de PE e Guia Alimentar para a população brasileira.

Material:

Quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício.

2ª AÇÃO: FORMAÇÃO DAS MERENDEIRAS

Tema Gerador:

“O Programa de Alimentação Escolar e seu papel na promoção da alimentação saudável na escola: aspectos funcionais, organizacionais e motivacionais”

Objetivo:

Construir competências para o processo de trabalho no Programa de Alimentação Escolar, enfatizando seu papel na promoção da alimentação saudável na escola.

Metodologia

Responsável pela ministração: Pesquisadora com participação da secretária da escola (responsável pelo recursos humanos da Unidade de Alimentação e Nutrição escolar)

Público alvo: merendeiras da escola

Local: Unidade de Alimentação e Nutrição da escola, refeitório e a Sala de aula

foram os locais onde aconteceram os encontros.

Período de Execução: 1º Encontro no dia 23 de julho de 2015

2º Encontro no dia 13 de agosto de 2015

3º Encontro no dia 17 de setembro de 2015

4º Encontro no dia 08 de outubro de 2015

5º Encontro no dia 19 de novembro de 2015

Os encontros ocorrerão nos dias de quintas-feiras à tarde, com carga horária de 4h, totalizando 20 horas.

Aporte teórico-metodológico:

Os encontros serão guiados pelos princípios do diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do saber e emancipação.

1º Encontro:

- Assunto: Papel da Merendeira na Promoção da Alimentação saudável na escola.

Acolhimento das merendeiras

Dinâmica Tempestade de ideias - diálogo sobre o contexto de trabalho, as atividades profissionais e a alimentação saudável. E reflexão sobre o seu papel *“Qual é o meu papel para a promoção da alimentação saudável na escola?”* As respostas serão colocadas no quadro branco, para serem compartilhadas.

2º Encontro

- Assunto: Cardápios da alimentação escolar: aspectos favoráveis e desfavoráveis no cotidiano.

Acolhimento das merendeiras e gestão escolar (secretária da escola)

Resgate de ideias – serão retomadas as reflexões do encontro anterior, sendo estabelecida sua relação com o assunto que será abordado, destacando as facilidades e dificuldades para execução de um cardápio escolar saudável na escola.

3º Encontro

- Assunto: Planejamento de Cardápios para o Programa de Alimentação Escolar: padrão do cardápio, estrutura e composição do cardápio.

Acolhimento das merendeiras

Resgate de ideias – serão retomadas as reflexões do encontro anterior, sendo estabelecida sua relação com o assunto que será abordado, destacando figuras e fotografias de cardápios saudáveis, gerando a discussão sobre o padrão básico do cardápio, estrutura e composição.

4º Encontro

- Assunto: Construção de uma Rotina Saudável no processo de trabalho no Programa de Alimentação Escolar.

Acolhimento das merendeiras

Apresentação do assunto a ser abordado e geração de diálogo sobre o processo de trabalho, guiado pelos conceitos da parceria, compreensão, comprometimento e alegria.

5º Encontro

- Oficina "Sabores da merenda na Unidade de Alimentação e Nutrição da escola: novas preparações e per capita".

Integração das merendeiras.

Diálogo sobre per capita para o número de alunos.

Seleção de receitas para serem executadas

Material:

Data show; notebook; quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel

ofício; gêneros alimentícios – feijão carioca, arroz, macarrão leite, maisena, queijo ralado, alface, tomate, beterraba, cebola, cenoura, carne moída, ovos, laranja, açúcar; utensílios de cozinha – panelas, pratos, facas, colheres de polietileno, conchas, colheres de servir, copos, tábua de corte, talheres, equipamentos da cozinha – fogão, espremedor de laranja.

3ª AÇÃO: DIA DA SAÚDE E DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Tema Gerador:

“Família em Ação para a Saúde e Nutrição”

Objetivo:

Desenvolver a autonomia para tomada de decisão para a prática alimentar saudável, considerando as múltiplas dimensões da alimentação.

Metodologia

Responsável pela ministração: Pesquisadora, gestão escolar, Secretaria Municipal de Saúde de Olinda e alunos protagonistas.

Público alvo: familiares dos alunos e comunidade escolar.

Local: Pátio e Salas de aula da escola.

Período de Execução: Dia 04 de setembro de 2015.

Aporte teórico-metodológico:

Os alunos representantes deverão participar como monitores, que serão previamente capacitados pela pesquisadora, nos assuntos referentes à prática de uma alimentação saudável voltada para seus familiares, professores e funcionários da escola.

As seguintes ações serão executadas:

- o diagnóstico da saúde e nutrição (aferição de pressão arterial, glicemia, estado nutricional antropométrico). Responsáveis: equipe de saúde do município composta de enfermeiros, estagiários de nutrição junto aos alunos protagonistas da escola;
- a exposição do caminho do alimento para garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias desde o plantio dos alimentos, disponibilidade, aquisição, preparo e consumo (exposição de mudas de vegetais plantados pelos alunos da escola, custo do alimento, temperos e alimentos promotores de saúde, preparações para degustação - bolos de beterraba, cenoura e fígado). Esta exposição será integrada a diálogos sobre a prática de uma alimentação saudável, considerando os aspectos biológicos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos da alimentação.

Material:

Balança antropométrica, kit medidor de glicose, esfigmomanômetro, computador, pranchetas, impressora, quadro branco; grampeador, papel ofício; papel emborrachado, canetas, bola de sopro, mesas, cadeiras, bancos, cartaz do prato equilibrado, toalhas de mesa descartáveis, saquinhos plásticos, gêneros alimentícios – chuchu, cenoura, alface, beterraba, cebola, pêra, acerola, abacate, abacaxi, banana, goiaba, mexerica, uva Itália, mamão papaia, manga, limão, batata doce, laranja, melancia, melão, cará, jerimum, repolho, bolo de cenoura, bolo de fígado, bolo de beterraba; temperos – semente de girassol, gergelim preto e branco, salsa, alho, cominho, louro, linhaça marrom e dourada, orégano, canela, chia, noz moscada em pó e semente, aveia, pimenta do reino, hortelã, manjerição, cúrcuma, gengibre, curry, urucum, páprica doce, páprica picante, tomilho, alecrim e sálvia.

4ª AÇÃO: 1ª ATIVIDADE COM OS ALUNOS

Tema Gerador:

“Construção do autocuidado para às práticas alimentares saudáveis”

Objetivos:

Desenvolver a autonomia para tomada de decisão para a prática alimentar saudável, considerando as múltiplas dimensões da alimentação.

Avaliar o entendimento sobre os dez passos para a prática da Alimentação Saudável do Guia Alimentar para a população brasileira.

Verificar a percepção dos alunos sobre as facilidades ou dificuldades para seguimento de cada passo para a prática da Alimentação Saudável.

Metodologia

Responsável pela ministração: Pesquisadora e professores das disciplinas de Educação Física e Química.

Público alvo: Alunos das turmas do 1º Ano A (31 alunos); 1º Ano B (30 alunos); 1º Ano C (31 alunos); 2º Ano A (38 alunos); 2º Ano B (37 alunos); 3º Ano A (33 alunos); 3º Ano B (35 alunos).

Local: Salas de aula da escola

Período de Execução:

Dia 19 de outubro de 2015: Turmas 3º Ano B pela manhã, e 1º Ano B; 1º Ano C à tarde.

Dia 23 de outubro de 2015: Turma 1º Ano A.

Dia 03 de novembro de 2015: Turmas 3º Ano A pela manhã;

2º Ano A; 2º Ano B à tarde.

Para cada turma a atividade terá uma duração em média de 50 minutos.

Aporte teórico-metodológico:

Debate baseado nos 10 passos para a prática da alimentação saudável do Guia Alimentar para a população brasileira (2014). Cada passo será problematizado de acordo com a realidade vivenciada pelos alunos na escola e em casa, iniciando pela pergunta: *O que você acha de 10 passos para a Alimentação Saudável?* Espera-se que a pergunta permita o diálogo entre os alunos, professor e pesquisadora em cada passo:

1º Fazer de alimentos in natura ou minimamente processados a base da alimentação;

2º Utilizar óleos, gorduras, sal e açúcar em pequenas quantidades ao temperar e cozinhar alimentos e ao criar preparações culinárias;

3º Limitar o consumo de alimentos processados

4º Evitar o consumo de alimentos ultraprocessados;

5º Comer com regularidade e atenção, em ambientes apropriados e, sempre que possível, com companhia;

6º Fazer compras em locais que ofertem variedades de alimentos in natura ou minimamente processados;

7º Desenvolver, exercitar e partilhar habilidades culinárias;

8º Planejar o uso do tempo para dar à alimentação o espaço que ela merece;

9º Dar preferência, quando fora de casa, a locais que servem refeições feitas na hora;

10º Ser crítico quanto a informações, orientações e mensagens sobre alimentação veiculadas em propagandas comerciais.

Os alunos preencherão um questionário antes e após a dinâmica para avaliar o

entendimento sobre os dez passos para a prática da Alimentação Saudável do Guia Alimentar para a população brasileira.

Ao final preencherão alternativas referentes às facilidades e dificuldades para seguimento de cada passo para a prática da Alimentação Saudável.

Material:

Data show; notebook; impressora, quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício; embalagens de alimentos vazias.

5ª AÇÃO: 2ª ATIVIDADE COM OS ALUNOS

Tema Gerador:

“Descobrimo o Estado Nutricional: estratégia de fortalecimento para promoção da saúde”

Objetivos:

Desenvolver a capacidade e autonomia para conhecimento do estado nutricional, segundo a curva de crescimento para adolescentes da Caderneta de Saúde, a fim de promover a saúde.

Metodologia

Responsável pela ministração: Pesquisadora e professores das disciplinas de Educação Física e Química. A Secretaria Estadual de Saúde fará a doação das Cadernetas de Saúde do Adolescente para os alunos.

Público alvo: Alunos das turmas do 1º Ano A (31 alunos); 1º Ano B (30 alunos); 1º Ano C (31 alunos); 2º Ano A (38 alunos); 2º Ano B (37 alunos); 3º Ano A (33 alunos); 3º Ano B (35 alunos).

Local: Salas de aula da escola

Período de Execução:

Dia 19 de outubro de 2015: Turmas 3º Ano B pela manhã, e 1º Ano B; 1º Ano C à tarde.

Dia 23 de outubro de 2015: Turma 1º Ano A.

Dia 03 de novembro de 2015: Turmas 3º Ano A pela manhã;

2º Ano A; 2º Ano B à tarde.

Para cada turma a atividade terá uma duração em média de 50 minutos.

Aporte teórico-metodológico:

Iniciará a Problematização sobre a Anorexia e a Bulimia, problemas patológicos de alta prevalência na fase da adolescência e que haviam sido expressados pelos alunos em um dos grupos focais no início da pesquisa. Em seguida, sobre o Autoconhecimento do Estado Nutricional (o que é?) e a percepção corporal nesta fase de vida (por que saber sobre esse assunto?).

Após esse momento serão distribuídas a Caderneta de Saúde para cada aluno e aluna, conforme o sexo, e em seguida serão explicadas às curvas de crescimento e o cálculo do Índice de Massa Corpórea (IMC).

Todos os alunos terão seu peso e estatura aferidos pela pesquisadora, e irão calcular seu IMC. Os alunos farão o preenchimento na Curva de Crescimento da sua própria caderneta com supervisão da pesquisadora e professora.

Um questionário será preenchido pelos alunos (para identificar o peso e estatura autorreferidos e a percepção do corpo).

Material:

Data show; notebook; impressora, quadro branco; piloto para quadro branco; caneta; papel ofício; balança antropométrica, estadiômetro, caderneta de saúde do

adolescente.

6ª AÇÃO: COMUNICAÇÃO EM ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO NA ESCOLA

Tema Gerador:

“Comunicação para a prática da alimentação saudável”

Objetivos:

Estimular a curiosidade sobre a alimentação saudável, considerando o contexto de segurança alimentar e nutricional e da saúde.

Metodologia

Responsável pela elaboração: Pesquisadora e gestor escolar.

Público alvo: Comunidade escolar.

Local: Refeitório da escola.

Período de Execução: Mês outubro a dezembro de 2015.

Aporte teórico-metodológico:

Serão elaborados 4 (quatro) banners para exposição no refeitório da escola. Os conteúdos dos mesmos foram selecionados, considerando o interesse dos alunos demonstrado no processo participativo de construção das estratégias de EAN. O Guia alimentar para a população brasileira será utilizado como referencial teórico.

APÊNDICE I – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Registro da Observação Participante do 1º dia de aula na Escola de Referência do Ensino Médio de Pernambuco, Olinda, ano 2015:

Data: 04/02/2015 Horário: 9:30h às 11:00h Responsável: Alicinez

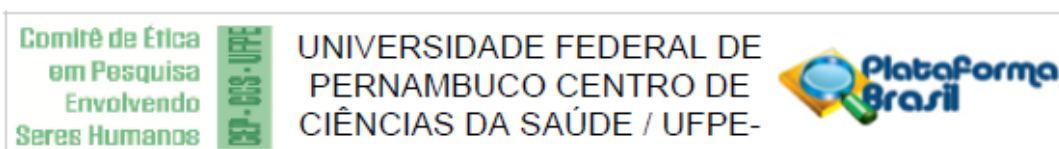
Chegando à escola, no dia 04 de fevereiro de 2015, primeiro dia de aula, na calçada estavam três alunas, uma delas comendo salgado e refrigerante. Existem duas barracas de lanches, uma na calçada da escola e outra na calçada do outro lado da rua. Ao chegar fui recebida pela Analista em Gestão Educacional, que me levou até o diretor da escola que estava nas salas de aula junto à coordenadora pedagógica, a qual fui apresentada. O gestor referiu que os TCLE dos pais já estavam prontos, assinados, e estava tendo boa aceitação por parte dos pais. Tratei com o diretor o dia das coletas de questionários e grupos focais. Expliquei com mais detalhes as fases da pesquisa. Em seguida conversei com as três merendeiras assuntos de rotina (fardamento, cardápio não exposto, armazenamento dos alimentos, e organização da cozinha, preferência alimentar dos alunos – alguns trocam a alimentação escolar por lanches vendidos nas barracas). Elas estavam de sandálias, sem sapatos. Na ocasião, o diretor da escola reforçou a orientação de que os alunos não podem entrar com lanches para a área das salas de aula, ficando uma funcionária de serviço geral no portão entre refeitório e essa área das salas de aula. Contudo, o portão de acesso para o muro da escola fica aberto durante o recreio facilitando o contato dos alunos com o vendedor de lanche. Isso foi observado durante o acompanhamento da distribuição da merenda, poucos alunos comeram a alimentação escolar (20 alunos), contagem pelos pratos sujos. A porção da alimentação escolar (cuscutz com frango guisado) foi grande para alguns alunos, onde alguns deles jogaram parte da comida no lixo. Algumas alunas afirmaram que a porção era grande para elas. A alimentação escolar do dia estava com aparência agradável, bem como odor e sabor, segundo observado e referido pelos alunos. Alguns alunos compraram refrigerante para acompanhar a alimentação escolar, outros apenas salgados fritos e refrigerantes, um aluno trouxe marmita de casa. Todos eles comeram no mesmo local, no refeitório, o qual funciona no pátio da escola, em frente à cozinha. O diretor da escola passou no refeitório e perguntou a alguns alunos sobre a qualidade da merenda, e todos que estavam comendo

referiram que estava agradável, e orientou a alguns sobre “refrigerante dar celulite”, inclusive repetiu para mim duas vezes seguidas, em dois momentos diferentes. Percebe-se grande preocupação do diretor da escola com a alimentação dos alunos, e interesse em promover uma alimentação saudável na escola. Os horários de distribuição da merenda são: manhã (10:00h às 10:20h); almoço (12:00h às 12:40h); tarde (15:30h às 15:50h); e noite (18:30h às 18:40h) apenas para a modalidade de ensino de educação jovens e adultos. Durante o recreio, conversei com uma funcionária (assistente de secretaria), durante o momento que ela estava comendo a alimentação escolar. A conversa foi sobre alimentação (formas de preparo, receitas dela, sobre a preferência alimentar dos alunos por lanches não saudáveis). Este ano a escola conta com 12 alunos (chamados protagonistas), mas conhecidos na escola como monitores, distribuídos em quatro grupos para cada turma de 1º ano. Esses são alunos do 2º e 3º ano, cuja função é receber os alunos novatos, de modo a integrá-los na escola, por meio de dinâmicas, e também participam de atividades funcionais na escola como ajudantes de alguns serviços do dia a dia. No mural da escola estava exposta folha ofício impressa “Dicas de nutrição neste carnaval”. Após essa observação fui conversar com o diretor da escola e junto à assessora da gestão fiz o levantamento do nome dos professores que iriam participar da pesquisa. O gestor me indagou qual foi minha percepção sobre a participação dos professores após ter me aproximado deles durante conversa na sala dos professores. Respondi que gostaram da ideia, ficaram satisfeitos e privilegiados em serem “sujeitos informantes” de uma pesquisa de doutorado, foi essa minha impressão. A conversa inicial que tive com os professores foi amistosa, um deles me perguntou a duração da pesquisa, respondi que dependerá dos dias que tivermos para cada etapa e como será pesquisa-ação dependerá muito dos participantes, um deles comentou que seria como “algo que vem, faz e vai embora”, completei que pode ser que tenhamos ações que sejam contínuas, a depender das informações que surgirem da pesquisa. Uma professora falou que trouxesse materiais – textos – para trabalhar em sala de aula. No geral, os professores gostaram de serem escolhidos para participação da pesquisa. O gestor escolar está com grandes expectativas com o projeto, bem como a secretária da escola (responsável pela alimentação escolar), sendo possível perceber o entusiasmo.

APÊNDICE J – PÔSTERES DA AÇÃO EDUCATIVA Comunicação em Alimentação e Nutrição na escola



ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar

Pesquisador: Alicinez Guerra Albuquerque

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38771314.7.0000.5208

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 897.666

Data da Relatoria: 02/12/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado "Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar" de autoria de Alicinez Guerra Albuquerque para elaboração de tese e titulação de doutora junto ao Curso de Doutorado em Nutrição do Programa de Pós-Graduação em Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Profª. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira e co-orientação da Profª. Dra. Jailma Santos Monteiro.

Objetivo da Pesquisa:

Constituem os objetivos da pesquisa: 1- Geral: Construir e analisar estratégias em educação alimentar e nutricional no ambiente escolar, com envolvimento e participação dos atores da escola; 2- Específicos: Identificar o perfil nutricional e as práticas alimentares dos alunos; Desvelar os fatores que influenciam as práticas alimentares dos alunos; Verificar a efetividade das estratégias no comportamento alimentar dos alunos. A pesquisadora estabeleceu, ainda, alguns objetivos da ação, já que trabalha teórica e metodologicamente com pesquisa-ação e triangulação de métodos, tais, como: Elaborar um Plano Participativo de Estratégias em educação alimentar e nutricional na

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 50.740-800

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

E-mail: cepccs@ufpe.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-



Continuação do Parecer: 897.666

escola; Implantar, de forma ativa e participativa, estratégias em educação alimentar e nutricional, com envolvimento da gestão escolar, professores, merendeiras e alunos;
Promover a construção de conhecimentos e comportamentos para as práticas alimentares saudáveis; e avaliar as estratégias metodológicas em educação alimentar e nutricional, a partir da percepção dos participantes envolvidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora os critérios de inclusão, no enfoque qualitativo do estudo, onde participarão a gestão escolar, o corpo docente, merendeiras, alunos e pais de alunos, serão todos aqueles que possam voluntariamente responder às perguntas da investigação de forma interativa nos grupos focais e que possibilitarão conhecer, descobrir e interpretar o fenômeno estudado em profundidade, em suas diferentes visões. Os participantes com dificuldade em participar devido à falta de disponibilidade de tempo ou que no início do estudo não interagirem com o objeto e com os objetivos do estudo, serão excluídos do estudo. Os principais riscos presentes na pesquisa referem-se a qualquer tipo de constrangimento da participação durante as atividades, ou timidez provocada pelo uso do gravador durante os registros discursivos (grupo focal). Para minimização destes riscos, a pesquisadora afirma que os sujeitos terão autonomia para cessar as gravações quando o tema discutido for algo que não pretenda difundir, e serão descartados os fragmentos discursivos cujos sujeitos do estudo não se sentirem à vontade de divulgar. Os participantes serão beneficiados, tendo o retorno das informações apreendidas de forma sistematizada, que afirma a pesquisadora: contribuirão para a continuidade das estratégias em educação alimentar e nutricional na escola. Todos os dados estarão sob a responsabilidade da pesquisadora responsável pela pesquisa e serão armazenados em computador pessoal, em sua residência com endereço indicado no projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Para responder à pergunta: de que forma o desenvolvimento de estratégias metodológicas em educação alimentar e nutricional pode estimular e aperfeiçoar a atuação da gestão escolar, dos professores e merendeiras para a promoção da educação alimentar e nutricional na escola, e contribuir para promoção da saúde, promoção da alimentação saudável e mudança do comportamento alimentar dos escolares, a pesquisadora construiu a hipótese de que: o desenvolvimento de estratégias metodológicas em educação alimentar e nutricional embasadas em

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br

**Comitê de Ética
em Pesquisa
Envolvendo
Serres Humanos**

CEP-CCS-UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-**



Continuação do Parecer: 897.666

referenciais teóricos (Teoria da Complexidade e Teoria da Problemática), e práticos (pesquisa-ação) podem estimular e aperfeiçoar a atuação da gestão escolar, professores e merendeiras para a promoção da educação alimentar e nutricional, e contribuir para a promoção da saúde, promoção da alimentação saudável e mudança do comportamento alimentar dos escolares. Além da problematização sobre a EAN e suas dimensões, apresenta revisão teórica sobre os conceitos que subsidiarão a construção do conhecimento, como: EAN, alimentação e suas dimensões, educação e educação problematizadora, práticas alimentares e práticas pedagógicas, tomando como orientação teórica a Teoria da Complexidade e a pesquisa-ação. Traça como estratégia metodológica a pesquisa-ação, numa abordagem quantitativa, e fundamentada nos princípios da triangulação de métodos, visando não apenas caracterizar os resultados em nível descritivo-analítico, mas, acrescentar-lhes significados em busca da compreensão do fenômeno alimentar segundo a perspectiva dos participantes. A pesquisa será desenvolvida numa Escola pública de ensino médio de Olinda que conta com 231 (duzentos e trinta e um) alunos pertencentes ao ensino médio integral, ou seja, o período de aulas acontece pela manhã e tarde, e possui 12 (doze) professores (SIEPE, 2014). Além dos alunos, e professores participarão como sujeitos da pesquisa, a direção escolar, o coordenador pedagógico, a merendeira e na etapa de avaliação, os pais dos alunos. Ela espera a participação voluntária de 50% dos alunos. No projeto a pesquisadora esclarece que trabalhará com múltiplos métodos, quantitativos e qualitativos desde a fase exploratória dos dados, seminário central, grupo focal e até à análise temática orientada por Bardin, 2007. Os dados quantitativos serão apurados pelo Excel, SPSS versão 19.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proposta foi acompanhada de todos os termos de apresentação obrigatória, a saber: TCLE, TALE, Carta de anuência da Secretaria de Educação de Pernambuco e da escola de referência em ensino médio de Olinda, além do protocolo de observação para a observação participante e grupos focais, e o questionário a ser aplicado. Todos os documentos estão escritos de forma clara e compreensível.

Recomendações:

Recomendo que a pesquisadora autora observe a dificuldade ou melhor a complexidade de se trabalhar com múltiplos sujeitos, métodos e técnicas de produção de conhecimento e pesquisa. Me parece que o estudo é de caso e não com amostra intencional. Pesquisa-ação tem limites para a produção do conhecimento, bem como as tem as informações obtidas em diferentes fontes (questionário, grupo focal, fotografias, etc.). As informações tem que ser bem amarradas por categorias e ou conceitos analíticos consistentes para cada conjunto de sujeito e, ou fonte dos

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 50.740-800

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

E-mail: cepccs@ufpe.br

**Comitê de Ética
em Pesquisa
Envolvendo
Serres Humanos**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-**



Continuação do Parecer: 897.666

dados, já que se trata de uma tese de doutorado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências e, ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado aprova o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, na PLATAFORMA BRASIL, através de "Notificação " e, após apreciação, será emitido Parecer Consubstanciado .

RECIFE, 03 de Dezembro de 2014

Assinado por:
GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO
(Coordenador)

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DA GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Secretaria
de Educação
e Esportes

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

GAB – GRE METROPOLITANA NORTE – SEE/PE

Recife, 08 de Outubro de 2014.

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Alicinez Guerra Albuquerque, a desenvolver o seu projeto de pesquisa ***“Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar”***, que está sob a orientação da Profa. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira cujo objetivo é desenvolver e analisar a implantação de estratégias de educação alimentar e nutricional, na Unidade Escolar de Referência para Ensino Médio de Olinda.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Atenciosamente,


Sinésio Monteiro Filho
Gerente Regional de Educação
Nas. 177569-6
GRE Metropolitana Norte
Gerente da Regional de Educação Metropolitana Norte

ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO METROPOLITANA NORTE
ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO DE OLINDA - EREM OLINDA
Rua do Bonfim, S/N – Carmo – Olinda – PE Fones: 3439-8643 / 3181-3928
Inscrição: E.108.017

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Alicinez Guerra Albuquerque, a desenvolver o seu projeto de pesquisa ***“Desenvolvimento e análise da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar”***, que está sob a orientação da Profa. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira cujo objetivo é desenvolver e analisar a implantação de estratégias de educação alimentar e nutricional, na Unidade Escolar de Referência para Ensino Médio de Olinda.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Olinda, em 16 / 10 / 2014.

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição